

UNIVERSIDADE ABERTA



Ethos e identidades em blogues: uma visão cor-de-rosa?

Maria Albertina Lira Batista

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

Lisboa 2016

UNIVERSIDADE ABERTA



Ethos e identidades em blogues: uma visão cor-de-rosa?

Maria Albertina Lira Batista (Estudante n.º 1200982)

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Roboredo Seara

Lisboa 2016

RESUMO

Esta dissertação pretende analisar a construção do *ethos*, a partir de uma análise de um corpus de blogues de mulheres portuguesas.

A partir dos estudos retóricos-pragmáticos, particularmente, dos estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau (1997, 2004), Amossy (2005) e Komesu (2009, 2014) pretende-se compreender como o *ethos*, enquanto imagem de si que o enunciador transpõe na enunciação, é construído no discurso dos blogues.

Ao longo da pesquisa constatamos que o enunciador, ao projetar a sua enunciação, incentiva à construção dessa imagem por parte dos seus coenunciadores, assim como a um conjunto partilhado de representações sociais, isto é, estereótipos culturais. Sendo uma categoria interativa, o *ethos* carrega a dimensão dos coenunciadores, uma vez que, os blogues estão continuamente num processo de formação de escrita, nos quais, cada texto ou *post* publicado representa e exhibe um fragmento reformulado pelos coenunciadores. Assim, o *ethos* é construído subjetivamente, em que se configura sempre a existência do Outro, ou do coenunciador.

Palavras-chave: *Ethos*, blogue, géneros do discurso, hipertexto, análise retórico-discursiva.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the construction of *ethos*, based on a *corpus* of Portuguese women blogs.

From rhetorical-pragmatic studies, particularly on the studies developed by Dominique Maingueneau (1997, 2004), Amossy (2005) and Komesu (2009, 2014), we intend to understand how *ethos*, as an image of themselves that the enunciator emerges in the enunciation, is built in blogs' speech.

During the research, we found that the enunciator to design his enunciation encourages the construction of his image by its coenunciadores, as well as a shared set of social representations, that is, cultural stereotypes. Being an interactive category, *ethos* carries the dimension of coenunciadores, since blogs are always in a process of written formation, in which, each text or post published, represents and displays a rebuilt piece by its coenunciadores. Thus, the *ethos* is built subjectively, that always conjecture the existence of the other, or coenunciador.

Keywords: *Ethos*, blog, speech genres, hypertext, rhetorical- discursive analysis.

DEDICATÓRIA

Pelo carinho, apoio incessante e pelo vosso amor...

Esta dissertação é dedicada à minha família...

À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela possibilidade em concretizar um sonho já antigo.

À Professora Doutora Isabel Roboredo Seara, orientadora desta dissertação, que ao longo deste percurso se tornou uma amiga e reuniu valiosos contributos à minha trajetória intelectual. Muito obrigada pela sua presença *online*, sempre que solicitei.

Uma palavra de agradecimento a todos os docentes dos diferentes seminários do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa – Investigação e Ensino da Universidade Aberta, pela vossa vontade e disponibilidade em ensinar.

À minha família, por nunca desistir de mim e acreditar nas minhas capacidades.

Índice geral

Introdução.....	9
1. Considerações gerais sobre o <i>ethos</i>	14
1.1 A noção de <i>ethos</i> na retórica clássica.....	15
1.2 A noção de <i>ethos</i> segundo Dominique Maingueneau.....	17
2. Considerações sobre os géneros do discurso	30
2.1 A perspetiva linguístico-textual de Marcuschi	31
2.2 A abordagem discursiva de Dominique Maingueneau.....	35
2.3 A noção de hipertexto, configuradora do género blogue.....	42
3. Considerações sobre o género blogue.....	47
3.1 Para a conceção de uma tipologia sobre blogues.....	55
3.2 O blogue pessoal.....	58
4. Aspetos metodológicos	69
4.1 Caracterização do corpus	70
5. Análise dos dados: o <i>ethos</i> nos blogues	73
6. Considerações finais.....	114
7. Referências bibliográficas.....	119
8. Anexos.....	128

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 –A constituição do <i>ethos</i> de acordo com D. Maingueneau.....	21
Figura 2 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Chá de Menta</i>	24
Figura 3 – Quadro sinótico proposto por Luiz Marcuschi	33
Figura 4 –Gêneros digitais emergentes dos gêneros do discurso	40
Figura 5 –Tipificação de blogues de acordo com Primo.....	56
Figura 6 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Bad Girls Go Everywhere</i>	72
Figura 7 – <i>Homepage</i> do blogue <i>As Minhas Pequenas Coisas</i>	75
Figura 8 – <i>Homepage</i> do blogue <i>A Mais Picante</i>	80
Figura 9 – <i>Homepage</i> do blogue <i>O Amor é um lugar estranho</i>	84
Figura 10 – <i>Homepage</i> do blogue <i>A Janela de Mim</i>	88
Figura 11 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Bla Bla Bla</i>	93
Figura 12 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Chá de Menta</i>	95
Figura 13 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Uma maluca que julga ter juízo</i>	98
Figura 14 – Exemplo de uma das hiperligações de um <i>post</i>	100
Figura 15 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Bad Girls Go Everywhere</i>	102
Figura 16 – <i>Homepage</i> do blogue <i>Também quero um blog</i>	105
Figura 17 – <i>Homepage</i> do blogue <i>My life as Myself</i>	109

INTRODUÇÃO

Este projeto teve origem no trabalho final do Seminário Tipologias Textuais e Práticas Textuais, lecionado pela Professora Doutora Isabel Roboredo Seara.

A fim de explicitar a questão do *ethos* discursivo torna-se importante convocar várias abordagens teóricas, pelo que traçaremos o percurso da evolução deste conceito, desde os estudos da Retórica clássica, passando pelos estudos enunciativos e pragmáticos, a fim de termos nos contributos da análise do discurso de linha francesa, particularmente, nas obras de Dominique Maingueneau (1997, 2004).

A tecnologia, especialmente com o surgimento da Internet, desencadeou grandes transformações na comunicação, estabelecendo novas possibilidades de interação social. A disponibilidade e a facilidade de acesso promoveram uma rápida expansão num uso mais generalizado destas novas ferramentas de interação. À medida que aumenta o número destas e também as possibilidades de acesso a várias plataformas virtuais, os meios digitais tornaram-se fundamentais, tanto para o uso no quotidiano, como para o uso profissional. Com o surgimento destas tecnologias, as atividades comunicativas propiciaram o surgimento de géneros textuais, como por exemplo, os blogues. Estes surgem como um novo género muito popular e, pela sua inovação e anseio em aprofundar esta temática, principalmente como se processa o jogo enunciativo entre os participantes, os blogues oferecem várias informações textuais que merecem ser debatidas e exploradas ao nível da enunciação.

Como uma transmutação dos géneros já existentes mas com características próprias devido ao meio em que estão inseridos, estes novos géneros emergem como formas comunicativas muito próprias apresentando e assumindo assim, novas formas de enunciação e na construção do *ethos*.

O termo *ethos* é antigo, dividindo opiniões desde a Antiguidade clássica até aos dias de hoje. Na sua obra *Retórica*, Aristóteles introduz este conceito, juntamente com os conceitos de *logos* e *pathos*, na célebre tríade, como uma característica individual do orador, como forma de persuadir e convencer o seu público através de uma determinada imagem.

“As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador, outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar.”

(Aristóteles, 2005: 1356a)

Assim, o *ethos* corresponde à imagem de si do orador o que pode não corresponder à realidade, pois o que realmente importa é persuadir o público.

Seguindo esta perspetiva, mas reformulada, Maingueneau (1997, 2004) apresenta a noção do *ethos* como uma categoria discursiva que tem como objetivo principal aliciar o sujeito da enunciação ao próprio discurso que profere e que se identifique.

No blogue, particularmente no blogue pessoal, objeto de estudo nesta investigação, verificamos uma estrutura relacional com vastas formas de explorar a própria imagem, tanto do enunciador, como dos leitores. O enunciador ao expor a sua intimidade no espaço virtual constrói a sua identidade, como autor e leitor, ou seja, através do hipertexto a função do autor multiplica-se na medida que se transforma também como editor, enquanto organizador da prossecução textual do hipertexto. Na exaltação de uma escrita de si, o escrevente procura persuadir o seu público, delineando o carácter para que este também seja legítimo e visível aos outros.

Nestes ambientes virtuais, cada indivíduo torna-se capaz de construir novas relações sociais através da interação, as quais são consideradas mais abertas, fragmentárias e efémeras. Cada um pode aparentar determinados comportamentos e até adotar novas identidades ou personalidades.

O blogue incorpora características discursivas muito próprias, na medida que há uma maior liberdade de expressão, quer para o escritor, quer para o leitor. O leitor torna-se num participante mais ativo na escrita e juntamente com o seu enunciador, estes, tanto enunciador, como coenunciador, moldam e constroem o texto consoante as suas escolhas.

Partindo desta premissa, há uma mudança na conceção entre o público e o privado, pois ao partilhar as suas ideias, pensamentos, sentimentos ou emoções, o escrevente torna público a sua escrita e torna-se, assim, alvo de possíveis comentários, que podem ou não aprovar os seus textos.

Assim, para a presente investigação, o *corpus* de análise foi constituído a partir de dez blogues de jovens portuguesas.

O *corpus* em estudo foi publicado entre os meses de setembro e outubro de 2014, todavia, três *posts* foram publicados em setembro de 2013, referentes ao blogue *O amor é um lugar estranho*, uma vez que a enunciativa decidiu fazer uma pausa do seu blogue. Este facto demonstra que, embora não se verifique, até ao momento da realização desta dissertação, a continuidade do blogue, este permanece em rede, por opção do enunciador. Posto isto, procedeu-se à seleção dos *posts* e dos comentários a serem analisados que se realizou entre o período de agosto de 2014 a dezembro de 2014. Os enunciados foram todos selecionados e transcritos, configurando o *corpus* desta investigação. Todos os *posts* aqui estudados ostentam o assentamento do dia e, na sua maioria, a hora em que foram publicados, como tal, foi preservado na sua transcrição.

Deste modo, este trabalho de investigação visou, assim, os seguintes objetivos:

- Discutir o processo de constituição do texto em contexto digital, particularmente presente no blogue.
- Refletir sobre a linguagem utilizada.
- Refletir sobre o *ethos* e a sua construção como um evento discursivo.
- Compreender como a identidade é estabelecida numa comunidade *online*.
- Analisar as práticas discursivas presentes nos blogues sobre os quais recaiu a nossa análise.

No que diz respeito à sua organização, o trabalho é dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo problematiza as principais características do *ethos*, tendo como base os estudos desenvolvidos no âmbito dos estudos retóricos e discursivo-pragmáticos.

O segundo capítulo é consagrado ao estudo dos géneros do discurso, fazendo-se referência aos pressupostos teóricos enunciados por Marcuschi e por Maingueneau. Neste capítulo apresenta-se também uma reflexão sobre as características básicas do hipertexto, sendo este a base configuradora dos géneros digitais como os blogues.

Por seu turno, no terceiro capítulo apresentam-se algumas reflexões sobre o género blogue e sobre as suas especificidades, ensaiando refletir sobre a tipologia proposta por diferentes teorizadores (Henrring et al. (2004); Primo (2008) e Recuero (2003)), sistematizado, ainda, algumas características do blogue pessoal.

No quarto capítulo esclarecemos os aspetos metodológicos da pesquisa, tal como as técnicas de análise e a seleção e análise do corpus, a partir da relação construída entre o enunciador e coenunciador procurar-se-á refletir sobre a noção de *ethos*.

No quinto capítulo apresentam-se uma análise dos enunciados, focalizando-se a atenção na construção do *ethos* nos boguees pessoais seriados.

Por fim, no sexto e último capítulo, apresentamos as considerações finais sobre a pesquisa realizada relativamente à construção do *ethos*, enquanto evento discursivo.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Considerações gerais sobre o *ethos*

Nas últimas décadas verificamos um enorme desenvolvimento tecnológico, o que proporcionou uma acelerada disseminação de novas formas de informação e de comunicação.

Com o passar do tempo, quer o computador, quer a Internet adquiriram uma importância cada vez mais intensa na vida das pessoas. As novas gerações nascem mais hábeis e adquirem mais rápido a literacia digital. Tornam-se mais ágeis na interação *online* através de especificidades linguísticas, como por exemplo: a utilização de abreviaturas, reduções de palavras ou a integração de formas icónicas, como é o caso dos *smileys*.

Estas especificidades linguísticas são o resultado de um sentimento de pertença, um desejo de ser aceite no mundo virtual e não ser posto de lado devido à demora na resposta, como nos *chats*. Assim, verificamos novas e diferentes maneiras de lidar com a escrita e com a imagem em novos espaços de produção da linguagem.

Desta forma, os ambientes virtuais possibilitam novas interações e novas formas em expressar os sentimentos e emoções através da escrita.

Como todo o discurso implica a construção de uma imagem de si próprio, o mundo virtual oferece-nos inúmeras possibilidades em explorar essa própria imagem a fim de obter a atenção do leitor/ouvinte.

O objetivo deste capítulo é discutir a essência do conceito de *ethos*, no que concerne à sua significação e importância ao longo dos tempos. Para circunscrever este conceito realizar-se-á um percurso desde a conceção presente na *Retórica* aristotélica até à perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente na releitura feita por Dominique Maingueneau (1997, 2004), passando pelos estudos enunciativos e pragmáticos.

1.1 A noção de *ethos* na retórica clássica

A noção de *ethos* remonta à Grécia Antiga com o filósofo Aristóteles na obra *Retórica*. Na presente obra, o filósofo grego introduz os conceitos *logos*, *ethos* e *pathos* como formas argumentativas em persuadir. Ao discorrer sobre a eficiência do discurso e sobre os meios utilizados pelo orador a fim de persuadir e conquistar a adesão e assentimento do seu auditório, Aristóteles desenvolve e expõe minuciosamente os três conceitos já referenciados, ou provas discursivas, aludindo que estes capacitam o orador e o seu próprio discurso. Portanto, estas categorias são vistas não como formas estáticas, mas como formas que se movem e progridem no discurso de acordo com a situação de comunicação.

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar.

(Aristóteles, 2005: 1356a)

De acordo com a visão aristotélica, todo o orador deve empregar estas três características intrínsecas ao discurso a fim de persuadir o auditório. O *ethos* corresponde ao carácter do orador, o *pathos* às paixões ou sentimentos despertados nos ouvintes, enquanto o *logos* é o próprio discurso. Portanto, o termo *ethos* surge ligado ao orador, ao seu carácter e à sua virtude:

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exacto e que deixam margem para dúvida.

(Aristóteles, 2005: 1356a)

Para conseguir a confiança do outro, o orador tem de demonstrar uma imagem de honestidade e bom senso. Deste modo, o *ethos* é construído no discurso, no momento da enunciação. É a imagem de si que é criada através do discurso e que pode não corresponder à imagem real do orador:

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. É desta espécie de prova e só desta que, dizíamos, se tentam ocupar os autores actuais de artes retóricas.

Esta citação revela-nos que o *ethos* é uma categoria do discurso e é centrado no próprio orador, isto é, para inspirar confiança no seu auditório, para que este transmita confiança e honradez, o orador terá de utilizar os argumentos adequados para que os interlocutores sintam a emoção transmitida pelo discurso.

Segundo Aristóteles, o orador deve ter três qualidades (Fiorindo, 2012: 3): a prudência (*phronesis*), a virtude (*arete*) e a benevolência (*eunóia*), pois só assim é que o orador conseguirá transmitir confiança e uma imagem positiva:

Três são as causas que tornam persuasivos os oradores, e sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações: são elas a prudência, a virtude e a benevolência. Quando os oradores recorrem à mentira nas coisas que dizem ou sobre aquelas que dão conselhos, fazem-no por todas essas causas ou por algumas delas. Ou é por falta de prudência que emitem opiniões erradas ou então, embora malícia; ou sendo prudentes e honestos não são benevolentes; por isso, é admissível que, embora sabendo eles o que é melhor, não o aconselham”.

(Aristóteles, 2005: 1378a)

Neste sentido, para Aristóteles, os oradores necessitam de inspirar confiança para que o seu discurso seja eficaz e concludente: “Tais qualidades contribuíram para que o orador formasse uma imagem positiva perante seu auditório, ou seja, contribuiriam para a construção de um *ethos* positivo”. (Heine, 2009: 60).

1.2 A noção de *ethos* segundo Dominique Maingueneau

Na Análise do Discurso de linha francesa, segundo os fundamentos teóricos de Dominique Maingueneau, o *ethos* surge ligado à imagem que é construída pelo coenunciador sobre o enunciador no momento da enunciação. De acordo com estes pressupostos da Análise do Discurso, todo o discurso denuncia as marcas do enunciador. Quando comunicamos criamos uma imagem de nós próprios através dos nossos discursos. Num processo enunciativo atestamos que cada enunciado é portador de um sentido estável, que é outorgado pelo enunciador. Neste sentido, por sua vez, é decifrado pelo coenunciador que, ao reconstruir esse mesmo sentido, mobilizará várias competências: a competência comunicativa, competência linguística e a competência enciclopédica.

Para Maingueneau (2004), tal como na retórica clássica, a noção de *ethos* estabelece-se no discurso, pois todo o texto pressupõe uma voz, um sujeito situado para além do texto.

Este linguista compreende que o *ethos* pode ser entendido como um conjunto de características que estão relacionadas com o sujeito enunciador e que é revelado através do modo como esse sujeito enuncia. Ou seja, a partir das nossas enunciações projetamos um autorretrato em que imprimimos as nossas qualidades, tentando exercer um poder sobre os outros e mimetizando os nossos aspetos negativos. Neste sentido, o *ethos* reestabelece a dimensão verbal e um conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao enunciador. Portanto, a partir de prenúncios textuais, o coenunciador constrói uma imagem do enunciador, atribuindo-lhe um carácter e uma corporalidade.

De acordo com esta análise, o *ethos* possibilita-nos compreender melhor como é realizada a adesão dos sujeitos enunciadores às formações discursivas: “Esse é o tipo de fenómeno que, como desdobramento da retórica tradicional, podemos chamar **ethos**: por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador”. (Maingueneau, 2004: 97-98)

Diretamente ligado à sua capacidade em suscitar a crença, esta noção é considerada como uma parte integrante do discurso capaz de modelar as atividades humanas, apresentando, deste modo, um carácter interativo, na medida em que, a imagem criada tende a adequar-se às expectativas que possuem acerca dos outros. Isto quer dizer que os enunciadores realizam uma pressuposição sobre os outros.

Quando este linguista começou a refletir sobre esta noção, no início dos anos de 1980, não imaginava que essa noção teria tanta repercussão nas problemáticas relativas aos

discursos. Este interesse está relacionado “a uma evolução das condições do exercício da palavra publicamente proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade.”¹

Para Maingueneau, o *ethos* constitui uma dimensão de todo o ato de comunicação ou enunciação, porém, um dos obstáculos ao trabalhar com a presente noção é o facto de esta ser muito intuitiva, pois quando um sujeito representa uma imagem de si mesmo aos seus destinatários, esta imagem envolve questões empíricas particulares do seu próprio ser. De facto, o *ethos* só é eficaz “ se imiscuir em qualquer enunciação sem ser explicitamente enunciado”.²

Segundo este linguista existe um *ethos* pré-estabelecido ou pré-discursivo que corresponde a um conjunto de informações conhecidas sobre o enunciador no momento da sua apresentação. O *ethos* pré-discursivo faz parte das representações os interlocutores, mas é necessariamente mobilizado pelo enunciado e pode ser confirmado ou modificado ao longo do discurso.

Embora seja associado ao enunciador, pois é a fonte de toda a comunicação, só a partir do exterior é que esta imagem de si caracteriza esse mesmo enunciador, pois esta é distinta dos reais atributos deste. Portanto, trata-se não do que esse sujeito diz a respeito de si, mas sim da personalidade que revela quando se exprime: “O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer.”³

Como já referido, o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, no entanto não nos podemos esquecer que, os destinatários, por norma, constroem representações do *ethos* do enunciador mesmo antes de este falar. Desta maneira, Maingueneau estabelece uma distinção entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O primeiro corresponde à imagem que os coenunciadores têm do enunciador antes de se pronunciar, ao passo que o segundo corresponde à imagem que o locutor constrói no seu discurso.

Em qualquer ato de comunicação existem outros elementos no discurso que, por vezes, se torna difícil de estabelecer se fazem ou não parte do próprio discurso, no entanto influenciam a construção do *ethos* pelo destinatário. Com efeito, através deste, o coenunciador é capaz de formar uma representação do enunciador que, por sua vez, desempenha o papel de um fiador, que é o encarregado da responsabilidade do texto: “A

¹ Maingueneau, Dominique. *A propósito do ethos*. Pág. 11.

² *Idem*, pág. 13.

³ *Idem*, pág. 14.

leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de **fiador** do que é dito.” (Maingueneau, 2004: 98)

Todavia, esta noção de *ethos* não compreende apenas a voz do discurso, ou, como Maingueneau prefere chamar o tom, mas também a um conjunto de indícios textuais ligados a um caráter e a uma corporalidade:

A instância subjetiva que se manifesta no discurso não se deixa conceber apenas como um estatuto (professor, profeta, amigo...) associado a uma cena genérica ou uma cenografia, mas como uma “voz” indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado.⁴

O caráter corresponde a um conjunto de traços psicológicos que, a partir do discurso, o coenunciador atribui ao enunciador. Quanto à corporalidade, esta corresponde a uma compleição corporal do enunciador, a sua maneira de se vestir ou como se movimenta no espaço social. Nesta perspectiva, o *ethos* implica “uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global.” (Maingueneau, 2004: 99)

Com o propósito de um discurso eficaz, o *ethos* deve ser entendido como uma maneira de dizer indissociável a uma maneira de ser, consoante as experiências de cada um:

“O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas “idéias” que transmite; na realidade, essas idéias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*, à participação imaginária em uma experiência vivida”.

(Maingueneau, 2004: 99)

Na verdade, a imagem do “fiador” deve conferir a si próprio uma identidade que seja compatível com o mundo, isto é, é através do seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar a sua maneira de dizer. A esse processo, o autor designa por *incorporação* que, corresponde à ação do *ethos* sobre o coenunciador. Esta *incorporação* opera em três sentidos:

- a) Quando a enunciação leva o coenunciador a conceder um *ethos* ao seu fiador;
- b) Quando o coenunciador incorpora um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito;
- c) Quando as duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo.

⁴ Maingueneau, Dominique. *A propósito do ethos*. Pág. 17.

“Introduziremos aqui a noção de incorporação para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu ethos que ocorre através do procedimento enunciativo. Apelando a etimologia, faremos esta "incorporação" atuar sobre três registros estreitamente articulados:

- a formação discursiva confere "corporalidade" a figura do enunciador e, correlativamente, aquela do destinatário, ela lhes "dá corpo" textualmente;
- esta corporalidade possibilita aos sujeitos a "incorporação" de esquemas que definem uma maneira específica de habitar o mundo, a sociedade;
- estes dois primeiros aspectos constituem uma condição da "incorporação" imaginária dos destinatários ao corpo, o grupo dos adeptos do discurso.”

(Maingueneau, 1997: 48)

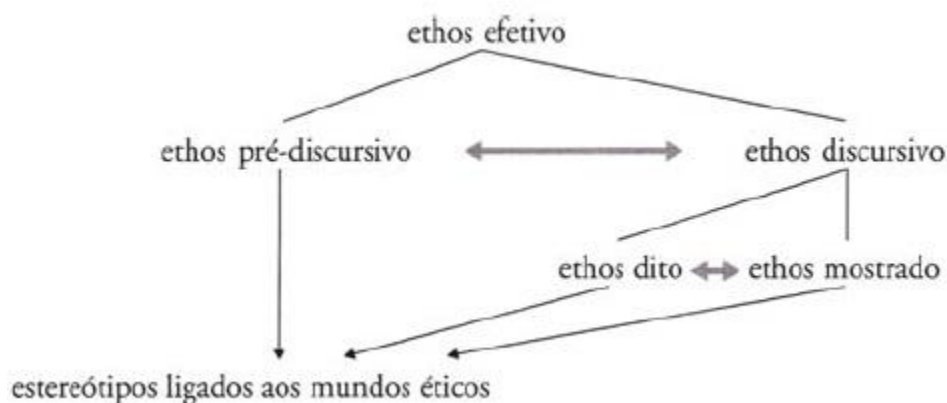
Quando estamos perante textos eletrônicos verificamos uma produção e reprodução de discursos que nos permitem construir os *ethé* dos seus autores, a sua imagem ou a sua corporalidade. Tal forma que, quando procuramos num blogue um determinado assunto que seja do nosso interesse, já estamos a conceber um *ethos* pré-construído daquilo que esperamos encontrar. Logo, todos nós, como leitores e participantes de qualquer ação comunicativa exercemos um poder sobre os outros uma vez que, todo o discurso pressupõe uma imagem daqueles que estão envolvidos no processo interativo. Neste exercício, há um desdobramento do *ethos*: o *ethos* “mostrado” e o *ethos* “dito”:

“O ethos de um discurso resulta da interação de diversos fatores: ethos pré-discursivo, ethos discursivo (ethos *mostrado*), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos *dito*) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo. A distinção entre ethos *dito* e *mostrado* se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação”⁵

Desta forma, com o intuito em evidenciar esta dinâmica interativa do *ethos*, Dominique Maingueneau constrói a seguinte figura:

⁵ Maingueneau, Dominique. *A propósito do ethos*. Pág. 18.

Figura 1 – A constituição do *Ethos* de acordo com Dominique Maingueneau.



in Maingueneau, Dominique. *A propósito do ethos*.

Ao analisar este esquema, podemos constatar que o *ethos* é composto em duas partes: o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O *ethos* pré-discursivo corresponde às primeiras imagens que conferimos aos enunciadores. Isto significa uma posição extra discursiva “[...] antes mesmo que ele tome a palavra e enuncie.” (Heine, 2009: 65).

Quanto ao *ethos* discursivo, conforme o esquema apresentado, divide-se em *ethos* mostrado e *ethos* dito.

“O *ethos* discursivo, por sua vez, engloba as noções de *ethos* dito e *ethos* mostrado. O *ethos* dito seria aquele criado através das referências diretas ao enunciador, enquanto que o *ethos* mostrado estaria no domínio do não explícito, da imagem que não está diretamente representada no texto, mas que pode ser construída através de pistas, seguidas pelo co-enunciador. O *ethos* dito e o *ethos* mostrado, assim como sugerido no esquema, relacionam-se mutuamente, já que não há uma linha clara de separação entre o explicitado e o não explicitado”.

(Heine, 2009: 65)

Relacionados a estas noções encontramos a referência aos estereótipos, cujos encontram-se ligados ao mundo ético e, os quais são utilizados pelo coenunciador com o intuito em atribuir ou não características ao próprio enunciador. Segundo Heine (2009: 66), estes estereótipos levam “[...] o co-enunciador a observar a realidade, tomando como base uma dada representação social cristalizada”.

Neste sentido, podemos afirmar que o *ethos* é distinto das propriedades reais do enunciador, pois é do exterior que o *ethos* caracteriza esse enunciador. Esta noção é uma forma dinâmica, uma vez que implica uma experiência sensível do discurso:

“A partir da leitura do texto ou do contato com os discursos, os leitores ou co-enunciadores constróem, mentalmente, uma imagem do enunciador, imagem essa que é a representação da figura do fiador. Desse modo, diz-se que a leitura faz emergir uma figura subjetiva, dotada de caracteres psicológicos e físicos, que é a figura do fiador”.

(Heine, 2009: 70)

Assim, o fiador torna-se numa imagem importante para que o *ethos* possa ser realmente um *ethos* efetivo, como parte integrante de uma formação discursiva, capaz de produzir um discurso eficaz e à sua capacidade em suscitar a crença por parte dos seus coenunciadores. Contudo, nem sempre o enunciador consegue transparecer ao coenunciador uma determinada imagem, mas sim outra, uma imagem que não corresponde à visada primitivamente. Nesse caso, Maingueneau distingue o *ethos* visado, a imagem pretendida inicialmente pelo enunciador, do *ethos* produzido efetivamente por ele. Ao contrário da abordagem clássica, a figura do enunciador não é uma figura estável e segura da sua enunciação. É através dos seus enunciados que o fiador autentifica a sua maneira de dizer esses próprios enunciados e a cena de enunciação surge ancorada a esses enunciados, à qual o *ethos* eterniza-se.

Consequentemente, Maingueneau (2004: 85) afirma que um texto “ [...] não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é **encenada**”. Esta encenação advém que todo o texto pretende convencer o leitor com um conjunto de cenas mobilizadas pelo próprio texto.

Desta forma, Maingueneau (2004) considera que a cena de enunciação engloba três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, como por exemplo: o religioso, literário, político, publicitário, etc. De acordo com este autor (2004: 87), a cena englobante define o quadro cénico do texto: “É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do género de discurso”. No que concerne à cena genérica, esta corresponde ao género de discurso utilizado.

Por sua vez, a cenografia corresponde “ [...] à cena de fala que o discurso pressupõe para que possa ser enunciado”. (Heine, 2009: 72). Isto significa que é construída pelo próprio texto. Não é meramente apenas um cenário onde o texto aparece, mas também é a própria enunciação:

“Uma cenografia só se manifesta plenamente se puder controlar o próprio desenvolvimento, manter uma distância em relação ao co-enunciador. Já num debate, por exemplo, é muito difícil que os participantes possam enunciar por intermédio de *suas* próprias cenografias, eles não têm o controle da enunciação e precisam reagir imediatamente a situações imprevisíveis suscitadas pelos interlocutores”.

(Maingueneau, 2004: 88)

Assim, a cenografia é construída à medida que se enuncia e é, simultaneamente, a origem e o produto do discurso:

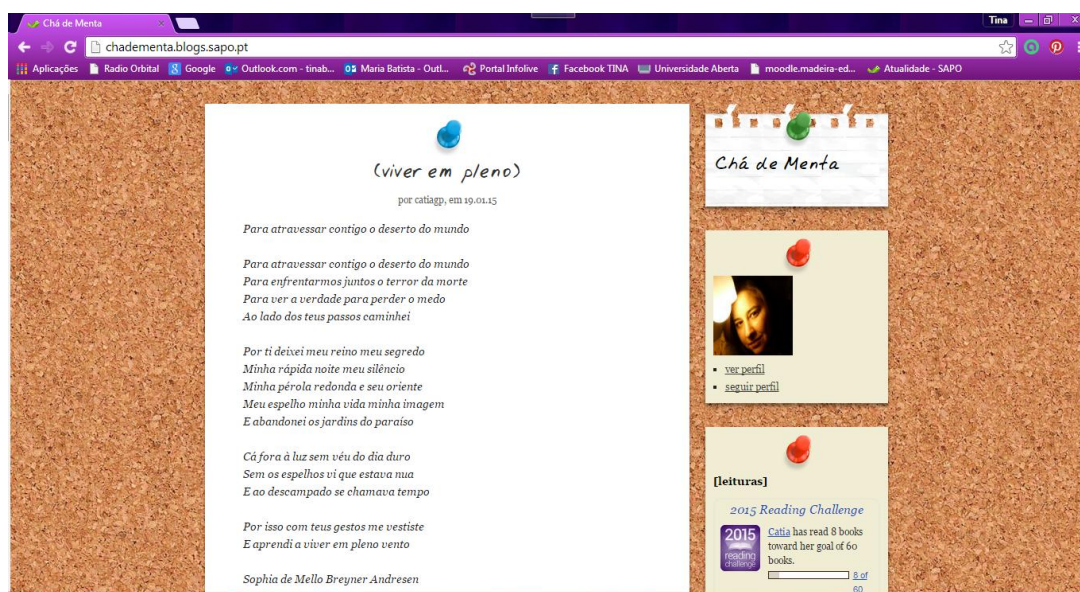
“ [...] a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala”.

(Maingueneau, 2004: 87)

Para o autor, existem muitos géneros do discurso que implicam cenas enunciativas estáveis, como é o caso dos relatórios, teses, dicionários, etc. No entanto, existem outros géneros do discurso que são mais suscetíveis em adotar várias cenografias, como por exemplo os géneros literários, filosóficos, etc.

No caso dos blogues, objeto de estudo do presente trabalho, estes apresentam uma cenografia mais livre porque cada enunciador baliza a sua cena genérica, através de imagens, vídeos, o modo de configuração dos *posts*, assuntos dos *posts*, *links* para outros blogues, etc. A fim de clarificar este assunto tomamos como exemplo a seguinte imagem:

Figura 2 – Homepage do blogue *Chá de Menta*.



[\(http://chadementa.blogs.sapo.pt/\)](http://chadementa.blogs.sapo.pt/).

Nesta figura podemos destacar as cores que compõem a cenografia, o último *post* do enunciador, os *links* referentes ao seu perfil, assim como uma hiperligação para as suas leituras.

Como refere Heine (2009: 73)

“Uma determinada cenografia estabelece a existência da figura do enunciador e uma figura correlata a essa: a do co-enunciador. Ela supõe, também, uma cronografia (um momento de enunciação) e uma topografia (um lugar no qual a enunciação ocorre). Então, em um *blog*, há, por exemplo, um momento de enunciação que é revelado pelas datas de postagens das mensagens, uma vez que essas são armazenadas cronologicamente, e também um *lócus* virtual do qual a enunciação digital deriva”.

Em Amossy (2005), a pesquisadora centra os seus estudos sobre a noção de *ethos* seguindo três perspetivas: a retórica, a pragmática e a sociologia de campos. Segundo esta, a imagem de si está fortemente ligada à noção de *ethos* de Aristóteles, articulado com a noção de "identidade verbal". Como afirma: "Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si" (Amossy, 2005: 9), o que nos leva a afirmar que, a forma de dizer induz os sujeitos a uma imagem, em que o outro valida a passagem do "eu" ao efetuar uma apresentação de si. Deliberadamente ou não, o enunciador transmite no seu discurso uma representação de si, ou seja, as suas qualidades. Deste modo, o *ethos* constrói-se como imagem discursiva que emana das atitudes subjetivas de um enunciador:

"A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, freqüentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais." (Amossy, 2005: 9). Neste sentido, é através de condições institucionais e sociais que o *ethos* se constitui:

"A função da imagem de si e do outro construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional. Dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro."

(Amossy, 2005: 12)

Nesta perspectiva, o *ethos* ou a imagem de si tem a capacidade em modificar representações prévias, pois "[...] é tributária dos papéis sociais e dos dados situacionais." (*Idem*: 13), e contribui para o surgimento de novas imagens. Logo, o *ethos* relaciona-se também com fatores sociais, como comportamentos, atitudes ou emoções. Mediante esta noção, Ruth Amossy desenvolve a noção de estereótipo que consiste em "[...] perceiving and understanding the real through a preexistent cultural representation, a fixed collective schema." (Amossy, 2001: 7).

O enunciador é assim percebido e avaliado mediante a imagem pública que transmite ao seu auditório, de acordo com as suas próprias características culturais e consoante a situação em que se insere.

Desta forma, a *autoridade institucional* e a *construção discursiva* surgem inseparáveis e contribuem para a construção de um *ethos* adequado: "The discursive construction, the social imaginary, and the institutional authority contribute, then, to construct a suitable *ethos*." (Amossy, 2001: 21).

Por outro lado, segundo Komesu (2005), a imagem de si ou o processo de *publicização de si* envolve uma *intimidade construída* a fim de ser compartilhada com o enunciatário. Ao falar de si, o enunciador expressa ou narra acontecimentos amorosos, familiares, sobre a amizade, os seus medos ou inseguranças, alegrias, desejos ou conquistas, etc.

O modo de enunciação é definido num jogo enunciativo entre a *publicização de si* e numa *intimidade construída* que visa o outro. Deste modo, o escrevente ao "exibir" a sua

vida afetiva, familiar ou até mesmo profissional “convida” os seus leitores para essa intimidade. Neste aspeto, o espaço público, segundo a pesquisadora, é um espaço de permanência, em que os indivíduos preocupam-se com a sua própria vida e com as suas próprias emoções. Tal facto, não implica um individualismo, mas sim uma “[...] ansiedade a respeito do sentimento individual [...]” em relação ao outro e ao mundo (Komesu, 2005: 43).

O sujeito elabora as suas enunciações em virtude da relação real ou virtual que mantém com os parceiros da interação, surgindo assim, a identidade social. Esta identidade é configurada na rede através de uma negociação contínua entre o “eu” e o outro, a qual, é construída e articulada em função de cada contexto perante os outros. Por conseguinte, na enunciação, o enunciador refere-se ao mundo em função do outro, num processo de referência, no qual, procura instaurar um lugar de visibilidade mediante a *publicização de si*.

Para esta autora, a *publicização de si* “[...] tem como objetivo instaurar um **lugar de visibilidade** para o escrevente e suas narrativas pessoais e íntimas, expostas de maneira pública na Internet.” (Komesu, 2005: 203). No entanto, esta noção apenas é possível:

“[...] mediante a relação dinâmica com uma intimidade construída com o co-enunciador, manifestada, principalmente, na composição de uma *cenografia* e no tratamento de temas que apresentem traços de *ruínas* dos enunciados genéricos dos diários íntimos.”

(Komesu, 2005: 203)

Tendo como fundamento teórico os estudos de Maingueneau, Komesu afirma que a conceção do *ethos* “[...] se relaciona ao papel que corresponde ao discurso e não ao indivíduo “real” (Komesu, 2005: 203), isto é, está relacionado com o sujeito da enunciação enquanto enuncia. Concludentemente, para que haja uma legitimação do lugar de visibilidade do enunciador, a investigadora identifica dois recursos argumentativos, seguindo a Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996): o lugar de quantidade e de qualidade. No lugar de quantidade, o que está em causa ou em evidência são as relações quantitativas, em que algo é melhor do que outra coisa qualquer. Ao passo que, o lugar de qualidade é definido por tudo aquilo que é único e singular:

“Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) definem o lugar de quantidade como o lugar-comum que afirma que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas. O lugar de qualidade, por sua vez, é definido em oposição “ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar” atribuído à quantidade, quando se contesta a virtude do número; é a “valorização do único” como recurso argumentativo.”

(Komesu, 2005: 205-206)

Por outro lado, o coenunciador é também um elemento chave para a interação ou participação na prática de escrita dos blogues e, como tal, podemos observar a formação do *ethos*.

O uso da Internet como espaço para as relações interpessoais fez com que surgissem novas formas de conversação. As práticas sociais e comunicacionais advindas da Internet transformou o processo conversacional, tornando-o mais complexo e com um caráter globalizante. Para Recuero (2014), a conversação mediada pelo computador é uma apropriação, isto é “[...] uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim, que é aquele da conversação.” (Recuero, 2014: 2).

No que diz respeito ao blogue, a conversação ocorre quando o enunciador publica um *post* e este motiva o *feedback* dos leitores, levando-os a comentar esse mesmo *post*. Primo e Smaniotto (2005:5) constatam que: “Os programas de blogs hoje oferecem uma série de recursos que facilitam a conversação em blogs, mesmo aquelas que percorrem blogs/lugares diferentes, como comentários, *permalink*, *trackback* e *blogroll*.”

Os comentários são fundamentais para a interação entre o autor de um blogue e o seu leitor. Estes geram ambientes de discussão e possibilitam a construção/adição de informações novas ao *post* inicial. Contudo, apesar do comentário tornar uma participação mais efetiva, muitas das vezes, atentamos que nem sempre o leitor de um blogue participa ativamente e deixa o seu comentário, apenas o visita ou lê os *posts* publicados pelo blogueiro. Sobre este aspeto, Recuero lembra-nos:

“[...] parece envolver um maior engajamento do ator com a conversação e um maior risco para a face, pois é uma participação mais visível. Isto porque aquilo que é dito pode ser facilmente descontextualizado quando migrar para outras redes através das ferramentas de compartilhamento, de curtida e mesmo de comentário.”

(Recuero, 2014: 121)

O *permalink* ou ligação permanente é um URL (Uniform Resource Locator) que indica um *post* específico de um blogue. De acordo com Primo e Smaniotto (2005), os *permalinks* permitem que cada *post* tenha o seu próprio *link*, o que permite que os internautas possam referenciar esse mesmo *post* noutros blogues, contribuindo assim para o “[...] devido crédito às ideias que estão sendo comentadas e lhe direciona novos visitantes.” (Primo e Smaniotto, 2005:6).

O *trackback* ou ligação de retorno é um *post* que “[...] serve como um rastro, um aviso de que um blog de terceiros está comentando aquele post, e oferece um link direto para lá.” (*Idem*: 6), desta maneira, tanto o blogueiro, como os seus visitantes conseguem estar informados do impacto desse *post* inicial na Web 2.0. Por sua vez, o *blogroll* sugere aos leitores uma lista de blogues e *sites* recomendada pelo blogueiro, que também pode ser visto como uma lista de favoritos.

Todos estes recursos permitem uma relação dinâmica entre o enunciador e coenunciador. Todavia, essa relação apenas se efetivará se o leitor participar da produção textual.

Segundo Komesu (2005: 229), a “[...] imagem do leitor do *blog* é mostrada pelo enunciador ora como **participante**, ora como **ausente** da produção textual.” Neste sentido, o *ethos* do leitor participante é apreendido através dos seus comentários, como se de um amigo se se tratasse. Por outro lado, o leitor ausente corresponde ao leitor que visita o blogue sem deixar qualquer comentário.

Para esta autora, o outro deve participar na enunciação de forma a legitimar, não só o enunciador, uma vez que o blogue oferece uma infinidade de formas ao desenvolvimento da interação:

“O outro deve participar do gênero do discurso de modo a legitimá-lo e legitimar o enunciador do texto; o co-enunciador deve se valer de sua competência discursiva para “entrar” na cenografia do blog. É principalmente pelo dispositivo do comentário do post ou do blog que o leitor faz ver e é visto pelo autor e pelos demais usuários. De uma perspectiva discursiva, enunciador e co-enunciador se beneficiam com esta ação da **passagem do outro pelo eu**: o comentário tem a função de interação – rápida, leve, eficaz, como o próprio dispositivo –; ao mesmo tempo, seu funcionamento possibilita a visibilidade de ambos no espaço dos blogs.”

(Komesu, 2005: 232)

Ao editar e publicar os acontecimentos do seu quotidiano ou factos particulares da sua vida, o enunciador constrói um *ethos*, tanto dele próprio, como do leitor, refletindo-se numa necessidade em captar a atenção do seu público e, segundo Komesu (2005), com a finalidade em que estes sejam leitores participantes ou leitores modelos. As mensagens, através da "simulação" da intimidade, focam o campo da primeira pessoa do discurso e visam conectar-se com o público. Assim, cada *post* deve ter em consideração o público-alvo, pois estes são influenciados diretamente pelos comentários dos coenunciadores. Um blogue para ter visibilidade e destaque na blogosfera necessita constantemente da presença dos seus coenunciadores. No entanto, estes precisam de ser ativos, visitando regularmente ou diariamente os blogues, ler os *posts* e comentarem. Para que isso aconteça, o enunciador constrói inúmeras possibilidades para falar de si, tendo em conta ou consideração o seu público. Desta forma, o *ethos* está em constante transformação, como criação ou resultado do próprio "eu".

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO

2.1 A perspectiva linguístico-textual de Marcuschi

Este capítulo objetiva apresentar uma discussão teórica sobre os gêneros do discurso sob duas perspectivas: a da Linguística Textual e de acordo como o escopo teórico da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como base as premissas de Luíz Marcuschi e Dominique Maingueneau, respectivamente. Por fim, analisaremos os gêneros do discurso produzidos pelo hipertexto designados de gêneros digitais.

A questão dos gêneros literários tem sido, desde Platão, uma das grandes questões mais contestadas no contexto da teoria e da literatura.

As primeiras referências aos gêneros textuais remontam à Grécia Antiga, séculos V e IV a.C., quando Platão e Aristóteles iniciaram os seus estudos voltados para a literatura. Aristóteles concentrou-se no estudo dos gêneros como objeto de interesse da oratória, definindo assim, como a primeira teoria sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. Para Platão, toda a obra era uma diegese (*diegesis*) de acontecimentos passados, presentes ou futuros. Mais tarde, Aristóteles inseriu na definição de *mimesis* às artes em geral, isto é, a *mimesis* não seria apenas uma característica da literatura, mas também da música, da pintura ou coreografia. Este considerava a *mimesis* como uma característica geral ou particular de um gênero. Este filósofo classificou os gêneros de acordo com i) os meios de representação; ii) os objetos de representação e de acordo com os modos de representação.

Com o Romantismo, este princípio imitativo desaparece e instaura a *tríade* dos gêneros, ou seja, o gênero épico, dramático e lírico, mas com uma nova enunciação, isto é, com uma nova fundamentação e novos significados, tanto no plano da análise como no plano do conhecimento histórico.

Como vemos, até aos dias de hoje assistimos a uma necessidade de categorização das formas literárias. Carlos Ceia afirma que os gêneros literários são “formas de classificação dos textos literários, agrupados por qualidades formais e conceptuais em categorias fixadas e descritas por códigos estéticos”⁶.

Segundo Marcuschi (2002: 19), “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social.”⁷ Estes tratam de aspetos de natureza empírica, pois são entidades sócio discursivas vinculadas à vida social e cultural da vida

⁶E-Dicionário de Termos Literários.

⁷MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

humana. Os géneros discursivos, géneros textuais na perspetiva de Marcuschi, estão relacionados à cultura e como tal, não devem ser concebidos como modelos estanques ou como estruturas rígidas.

No texto “*Géneros textuais: definição e funcionalidade*” (2002), Marcuschi aborda aspetos importantes para a análise e a sua respetiva compreensão dos géneros discursivos, por meio de tópicos. De acordo com este autor, os géneros discursivos contribuem para ordenar e estabilizar qualquer situação comunicativa do nosso quotidiano. Estes representam a sociedade nos seus diversos eventos comunicativos e, como tal, são instrumentos maleáveis, dinâmicos e plásticos, adaptando-se face às nossas atividades diárias.

O próprio autor revela-nos que, ao longo da história da humanidade, os géneros discursivos se desenvolveram em quatro fases: numa primeira fase (povos de cultura oral) foi desenvolvido um conjunto limitado de géneros que, após a invenção da escrita alfabética, estes se multiplicaram, surgindo assim “os típicos da escrita”. A partir do século XV, verifica-se uma expansão dos géneros com o descobrimento da imprensa. A quarta fase, a qual o autor denomina de “cultura eletrónica”, constata-se uma explosão de novos géneros e novas formas de comunicação, quer a nível da oralidade, quer a nível da escrita. Este facto revela que os géneros textuais “ [...] surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem [...] ”⁸ e devem ser contemplados através dos seus usos.

No referido texto, Marcuschi distingue tipo textual de género discursivo. O linguista considera pertinente esta distinção, pois nem sempre foram analisadas claramente. Deste modo, a noção de tipo textual designa “ [...] uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição [...] ”. (Marcuschi, 2002: 22)

Isto significa que estes abrangem categorias como por exemplo: a narração, a argumentação, exposição, descrição e injunção.

Quanto ao género discursivo, este conceito refere-se aos próprios textos materializados que encontramos no nosso quotidiano, como é o caso do sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, correio eletrónico, textos instrutivos ou *chats*, etc. Estes géneros apresentam características sócio comunicativas definidas através do seu conteúdo,

⁸*Idem.*

das suas propriedades funcionais, estilo e pela sua composição. A fim de podermos observar com mais rigor esta perspectiva, apresentamos a seguinte figura, no qual expõe o quadro sinótico proposto por Marcuschi.

Figura 3 – Quadro sinótico proposto por Luiz Marcuschi.

TIPOS TEXTUAIS	GENEROS TEXTUAIS
1. Construtos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, uma aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédios, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, etc.

In Marcuschi, 2002: 4

Tendo em vista as ideias enunciadas por este linguista, podemos constatar que, em contraposição aos tipos textuais, os gêneros discursivos são entidades empíricas que ocorrem nas situações comunicativas e que se expressam em designações muito diversas, isto é, são os textos que encontramos na nossa vida quotidiana com padrões sócio comunicativos. Ao passo que, os tipos textuais são definidos pelas suas características lingüísticas que formam uma seqüência tipológica: narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva ou explicativa, instrucional e dialogal.

Assim, a tecnologia aliada à Internet proporcionou o surgimento de novas formas discursivas, como por exemplo: os correios eletrônicos, *chats*, videoconferências, entre outros. Para Marcuschi, posição que também defendemos, estes novos gêneros não tiveram a sua origem absoluta apenas com o desenvolvimento da tecnologia. Estes novos gêneros são gêneros emergentes de outros já existentes, no entanto, com outro tipo de suporte.

Tomamos como exemplo o correio eletrônico: este gênero discursivo permite-nos enviar mensagens de forma rápida e gratuita através do computador, contudo tem semelhanças e origem nas cartas pessoais, comerciais ou nos bilhetes. Ao passo que as cartas são escritas em papel, o correio eletrônico tem como suporte o computador, o que propicia o surgimento de novas características de acordo com os seus objetivos ou funcionalidade.

Por outro lado, Marcuschi define mais uma noção, a de domínio discursivo, a qual Maingueneau designa como formação discursiva. Esta noção designa as práticas discursivas, nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros discursivos. Neste sentido, temos como exemplo: o discurso jurídico, jornalístico, religioso, etc. Portanto, podemos afirmar que, os domínios discursivos consolidam-se através de um contexto histórico e social e organizam as nossas práticas sociais comunicativas.

A partir destas reflexões, Marcuschi afirma que podemos encontrar os gêneros discursivos, quer na forma oral, quer na forma escrita porque são “ [...] artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano.”. (Marcuschi, 2002: 11)

Nestes predominam aspetos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos. Uma vez que são dinâmicos, históricos, sociais e eventos comunicativos, Marcuschi (2008: 159) adverte que:

“Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente”.

Tais considerações levam-nos a afirmar que, como as sociedades estão sujeitas a uma variedade imensa de gêneros discursivos, estes transitam em todas as instâncias discursivas, uma vez que, todas as ações humanas são mediadas pelo discurso.

2.2 A abordagem discursiva de Dominique Maingueneau

Para a Análise do Discurso de linha francesa, mais concretamente, para Maingueneau (2004), todo o tipo de texto pertence a uma categoria de discursos, ou seja, a um género do discurso. No nosso quotidiano dispomos de uma infinidade de termos que nos possibilitam categorizar a grande variedade de textos que são produzidos: conversa, jornal, narrativa, panfleto, *reality show*, etc.

Para Maingueneau (2004: 61), os géneros do discurso são “ [...] dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. Assim, e de acordo com esta perspetiva, os géneros de discurso pertencem a distintos tipos de discursos articulados a vastos setores da atividade social. Estes são atividades sociais e, como tal, são submetidos a um critério de êxito. Por exemplo: não podemos prometer algo se não estivermos em condições em efetivar essa promessa. Consequentemente, essas condições envolvem elementos de diversas ordens:

a) A uma finalidade reconhecida

Este aspeto implica que todo o género de discurso visa uma finalidade ou um objetivo, que é indispensável para que o outro ajuste o seu comportamento face ao género de discurso utilizado.

b) Estatuto de parceiros legítimos

Todos os intervenientes nos diferentes géneros do discurso devem assumir um determinado papel, a fim de que cada género cumpra realmente a sua finalidade comunicativa.

c) O lugar e o momento legítimos

Todo o género do discurso implica um certo lugar e certo momento.

Nesta condição, o autor refere-se à temporalidade do género, implicando vários eixos: i) géneros realizados de acordo com uma periodicidade (como por exemplo a missa ou o telejornal); ii) uma duração de encadeamento, em que a competência genérica, isto é, conjunto de conhecimentos entre os membros de um determinado grupo, indica a duração do género (como por exemplo o jornal); iii) uma continuidade nesse encadeamento (como

é o caso da piada que precisa de ser contada uma só vez sem interrupções) e iv) uma duração de validade presumida (como é o caso do jornal que tem como validade um dia).

d) Suporte material

Esta condição é essencial para os géneros do discurso, uma vez que, se há uma mudança no suporte material de um texto, o género de discurso também modifica. De facto, o texto é inseparável do seu suporte material e se mudarmos o suporte, isso implicará também uma mudança do género de discurso.

e) Uma organização textual

Dominar um género de discurso é ter uma ideia mais ou menos clara como os seus elementos encadeiam-se em diferentes níveis. Neste aspeto, Maingueneau (2004: 68) afirma que esta organização textual deve ser estudada pela linguística textual. O linguista também estabelece que existem géneros discursivos que apresentam uma organização textual rígida, como é o caso da dissertação, e há outros géneros que apresentam flexibilidade, como é o caso das conversas em família.

Em nosso entender, estas condições são de extrema relevância para qualquer género discursivo adquire o seu propósito comunicacional.

Para finalizar estes aspetos, Maingueneau (2004: 69-70) caracteriza os géneros de discurso recorrendo a três metáforas: contrato, jogo e papel. Ao afirmar que o género de discurso é um contrato significa que é regido por normas conhecidas por todos e que aceitam cooperativamente, com sanções para aqueles que transgridam essas mesmas normas. No que diz respeito à metáfora do papel, Maingueneau sublinha que cada género discursivo implica que os parceiros representam um determinado papel. No que concerne à metáfora do jogo, esta indica-nos que cada género de discurso implica um determinado número de regras preestabelecidas e são conhecidas por todos os participantes. Maingueneau (2004: 69-70).

Como referido, o género do discurso caracteriza-se por ser um contrato que exige dos enunciadores uma cooperação e uma aceitação de normas estabelecidas daquele género. Nesta conjectura, os géneros do discurso definem-se por possuir um conjunto de regras que devem ser conhecidas e partilhadas pelos enunciadores, que devem cooperar para que o género do discurso se efetive com êxito.

Face ao exposto, pode-se afirmar que os géneros do discurso regulam como a enunciação ocorre em relação ao outro. Dependendo do contexto em que se insere, o principal objetivo é estabelecer uma interação verbal para a construção de sentidos.

Segundo este autor, o conceito de géneros de discurso é relacionado com a noção de cena de enunciação, sendo esta organizada ou composta por três dimensões: a cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso a que pertence determinado texto; a cena genérica corresponde aos géneros de discurso no que diz respeito aos diferentes papéis dos participantes. Estas duas cenas definem o quadro cénico do texto, pois definem um espaço estável “ [...] no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do género de discurso”. (Maingueneau, 2004: 87)

No que concerne à cenografia, esta é estabelecida e instituída pelo próprio discurso e refere-se como o enunciador concretiza a sua enunciação. Deste modo, a cenografia implica um processo de “enlaçamento paradoxal”, uma vez que é a fonte do discurso e autentica o próprio enunciado.

Maingueneau (2006: 149 *apud* Heine, 2009: 86) propõe uma divisão dos géneros do discurso em dois tipos: os géneros conversacionais e os géneros instituídos. Em relação aos géneros conversacionais, estes abrangem por exemplo as conversações quotidianas. A sua organização textual não é preestabelecida e a sua estrutura modifica-se de acordo com a interação dos falantes.

No que concerne aos géneros instituídos, estes não implicam uma interação imediata, pois podem ser orais ou escritos. Neste caso Maingueneau (2006: 150 *apud* Heine, 2009: 86-88) propõe uma classificação de quatro modos ou tipos:

- a) Género com cenografia fixa (Tipo I): no qual se incluem os géneros de discurso que apresentam uma cenografia mais rígida, como por exemplo os contactos realizados entre os pilotos de aviões e a torre de controlo.
- b) Género com uma cenografia mais flexível (Tipo II): neste tipo estão incluídos os géneros do discurso que se baseiam nas práticas sociais, como por exemplo o artigo científico. Neste modo, os géneros seguem uma cenografia preferencial, embora possam consentir algumas derivações. Nesta aceção, podemos incluir o

blogue neste modo, pois apresenta uma cenografia mais livre. Este, apesar de apresentar um formato próprio, como é o caso da hierarquização dos *posts* por ordem cronológica inversa, os enunciadores têm liberdade em mudar o seu *layout*, como é o caso das cores, temas do ambiente, etc.

- c) Géneros que possuem uma cenografia livre (Tipo III): neste modo, os géneros do discurso patenteiam uma infinidade de cenografias, incentivando assim à inovação de acordo com a sua finalidade comunicativa. Temos como exemplo o discurso publicitário.
- d) Géneros “não-saturados” (Tipo IV): neste modo estão incluídos os géneros do discurso “ [...] que pretendem realizar a auto-caracterização da própria fala”. (Heine, 2009: 88)

Segundo este teórico (Maingueneau, 2004), cada enunciado tem um certo estatuto genérico e, embora possamos não dominar determinados géneros, somos capazes, geralmente, em identificá-los. Todos nós somos capazes de produzir enunciados no âmbito de um certo número de géneros do discurso, como é o caso da escrita de uma carta, um postal, entre outros. Contudo, nem todos sabemos redigir um relatório científico. Neste sentido, a competência genérica varia de acordo com os indivíduos envolvidos. Para este autor, a conversação é uma atividade cooperativa e, qualquer participante numa interação verbal escrita ou oral é obrigado a prever constantemente o tipo de competência que o seu interlocutor dispõe para poder descodificar esse mesmo texto.

Maingueneau (1997) afirma que os géneros do discurso implicam condições de diferentes ordens:

- a) Comunicacional, o qual estabelece o momento e o lugar da enunciação: “O gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação”. (Maingueneau, 1997: 36)
- b) Estatutário, que corresponde a que estatuto o enunciador deve assumir e qual o estatuto que o seu coenunciador deve conferir.

Atualmente proliferam géneros emergentes em contexto das novas tecnologias. Para Marcuschi (2008: 198), os novos meios tecnológicos interferem na natureza dos géneros textuais. O espaço digital tem revolucionado o contexto comunicativo dos enunciadores, facto a que originou o surgimento de novos géneros, através da adaptação de géneros já existentes.

No texto “*Géneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*” (2004), Marcuschi analisa esse surgimento de novos géneros, afirmando que estes são géneros emergentes da nova tecnologia.

Estes géneros possuem características muito próprias, em parte, devido ao próprio ambiente em que são produzidos. Em certo sentido, os géneros digitais orientam a comunicação *online* uma vez que, os indivíduos tornam-se capazes de interagir e as suas práticas linguísticas sofrem alterações face à rapidez das trocas comunicativas. Com estas transformações, em que a interatividade ganha destaque, a Internet proporciona uma intertextualidade entre os géneros textuais/discursivos.

Marcuschi (2004) aponta que no ambiente virtual podemos encontrar diversos géneros emergentes, como por exemplo: o correio eletrónico, *chats* ou blogues. Estes géneros possuem estreitas ligações com os géneros do discurso já existentes, no entanto surgem configurados de acordo com o ambiente virtual, com características tais como: a hipertextualidade, hibridização da linguagem e o seu carácter multimodal.

Para uma melhor compreensão reproduzo a seguinte figura, na qual expõe a proposta de Marcuschi (2004) a fim de patentear os géneros digitais como géneros do discurso emergentes.

Figura 4 - Gêneros digitais emergentes dos gêneros do discurso.

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Chat em aberto</i>	Conversações (em grupos abertos?)
3	<i>Chat reservado</i>	Conversações duais (casuais)
4	<i>Chat ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Chat em salas privadas</i>	Conversações (fechadas?)
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E-mail educacional (aula por e-mail)</i>	Aulas por correspondência
8	<i>Aula Chat (aulas virtuais)</i>	Aulas presenciais
9	<i>Video-conferência interativa</i>	Reunião de grupo / conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares / séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal
12	<i>Blog</i>	Diário pessoal, anotações, agendas

In Marcuschi (2004: 31)

Estes gêneros apresentados evidenciam características muito semelhantes aos gêneros já existentes e “ [...] dizem respeito a interações entre indivíduos reais, embora suas relações sejam no geral virtuais”. (Marcuschi, 2004: 15)

Deste modo, diante das novas tecnologias de informação Barbosa (2012) afirma que:

“ [...] a escrita adquire um novo espaço, permeado de variantes pertinentes a este meio como, por exemplo, símbolos, abreviações e uma forma mais econômica de se utilizar a língua devido à fluidez do meio”.

(Barbosa, 2012: 149)

Conforme Marcuschi (2004: 16), os gêneros digitais, como o blogue, apresentam as seguintes características ou propriedades:

- a) Interatividade;
- b) Simultaneidade temporal (assíncronos);
- c) Integração de recursos semiológicos;
- d) Linguagem informal;
- e) Ambiente volátil;
- f) Múltiplos participantes;
- g) Os seus temas são livres;
- h) A extensão dos textos tende a ser curtos;
- i) Exprimem uma função interpessoal e lúdica.

Neste momento, e face às reflexões expostas, torna-se necessário definir os géneros digitais. Uma vez que, os géneros textuais surgiram com e para a interação humana, os géneros digitais podem ser definidos como “ [...] géneros discursivos, surgidos, com o advento da Internet, no seio do hipertexto”. (Heine, 2009: 89)

Por possibilitarem a comunicação entre várias pessoas mediada pelo computador, os géneros digitais, centrados na escrita e nas múltiplas semioses, proporcionam ao texto fugacidade e volatilidade. (Heine, 2009: 90)

Com a necessidade de se expressar no mais curto espaço de tempo possível, a fim de facilitar a interação, a Internet apresenta-nos novas formas de utilizar a linguagem, modificando-a através de enunciados breves e concisos. A escrita torna-se coletiva e abreviada com grande quantidade do uso de ícones semióticos que expressam sentimentos e emoções. Esta linguagem apresenta-nos como uma linguagem híbrida “ [...] que funde oralidade e escrita em um mesmo suporte – a tela do computador – e em um mesmo evento sociointeracional”. (Magnabosco, 2009: 52)

Tal facto leva-nos a pensar que os géneros digitais têm algumas idiossincrasias porque são o resultado das nossas interações em contexto digital.

Tendo tudo isto em consideração é importante destacar o papel do hipertexto para a sociedade, o qual abordaremos no seguinte subcapítulo.

2.3 A noção de hipertexto, configuradora do género blogue

Nos ambientes virtuais é preponderante a interação escrita. A escrita é representativa das vontades humanas e, como tal, os indivíduos afirmam-se e posicionam-se no discurso transpondo ou uma imagem positiva ou negativa. Com a Internet, as relações sociais adquiriram novas características e tornaram-se mais flexíveis. Ao observarmos os *posts* publicados em qualquer blogue podemos constatar traços característicos da dimensão oral e escrita.

Desta forma, o hipertexto constitui-se como um fenómeno linguístico e social e, como ressalva Heine (2009: 29), é de “[...] extrema importância para a compreensão da instituição de novos espaços discursivos na pós-modernidade [...]”

Por conseguinte, a autora aborda o advento do hipertexto através de dois prismas complementares: sob o prisma social, no qual institui novas relações sociais, e sob o prisma linguístico, devido ao surgimento dos novos espaços enunciativos ou géneros discursivos.

O hipertexto é um novo de espaço de escrita e cognitivo que nos permite ordenar sob várias formas qualquer texto. No entanto, este espaço deixa de ser linear, como nos livros, nem tem uma direção pré-definida. Através de hiperligações, ou *links*, o hipertexto oferece-nos um leque de escolhas sem dimensões e com inúmeras informações. Isto quer dizer que, o hipertexto deve ser visto como uma rede constituída por vários nós, os *links*, ligados por conexões, ou seja, um documento digital que se conecta com outros textos, no qual cada leitor tem a possibilidade em escolher qual o caminho ou leitura a seguir.

Face a estas considerações, o hipertexto diferencia-se dos textos impressos pois, tal como os nossos pensamentos, provoca uma leitura não linear e sem hierarquização. Quando pensamos em algo ou em alguém surgem vários pensamentos e, por vezes, nos perdemos nos nossos próprios pensamentos. Assim, o hipertexto funciona de forma similar à nossa cognição, muitas das vezes não conseguimos limitar a nossa leitura ou escrita porque ao escolhermos uma hiperligação “navegamos” para outros textos, para outros pensamentos.

Heine (2009: 31-32) informa-nos que, do ponto de vista social, o hipertexto “[...] instaura novas formas de interação social [...]”, uma vez que:

“ [...] a interação em tempo real de pessoas que estão em países diferentes, instituem-se formas de relação social que antes já existiam, mas que são retomadas com nuances diferentes, tal como o namoro à distância, que antes acontecia através de trocas de cartas e correspondências e que, atualmente, acontece a partir da *web cams*, de conversas em fóruns da Internet etc”.

Com o passar tempo criamos novas relações sociais e, ao interagirmos na Internet criamos uma identidade virtual, um *ethos*. Por outro lado, sob o ponto de vista linguístico, Heine (2009:32) explica-nos que o hipertexto instaura “ [...] novos espaços discursivos, baseados na interação entre os sujeitos virtuais [...] ”.

Como já mencionado, uma das principais características do hipertexto é a sua interatividade que pode ocorrer sob diversas formas: ou através da leitura efetivada pelo leitor, ou através dos comentários, como por exemplo nos blogs.

O hipertexto é um fenómeno linguístico e social em que há uma junção de recursos, reunindo a escrita, sons e imagens. Tais características ocasionam uma rede infinita de intertextualidade, o que faz com que o leitor tenha a hipótese em efetuar uma leitura não-linear e flexível. Com efeito, quer o autor, quer o leitor podem ser considerados como coadjuvantes ativos na sua construção.

Na perspectiva dos estudos linguísticos, Marcuschi (1999)⁹ sublinha o hipertexto da seguinte forma:

“O hipertexto caracteriza-se, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial e indeterminado, que, segundo Bolter (1991:10), introduz um novo ‘espaço de escrita’, que ele caracteriza como “escrita eletrônica”, tendo em vista a tecnologia de base”.

(Marcuschi, 1999: 1)

Nesta aceção, o hipertexto envolve tanto a escrita, como a leitura em que o próprio leitor é participante nas sequências textuais, tornando-se coautor do hipertexto.

Komesu¹⁰ (2004: 8) define o hipertexto da seguinte forma:

“[...] o hipertexto é um dispositivo, ao mesmo tempo, *material* e *intelectual*, que permite, mediante os *links* nele indexados, acessar os demais hipertextos que circulam na internet, criando, dessa maneira, estruturas textuais que são atualizadas pelas práticas

⁹ Marcuschi, Luíz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n.3. Campinas (SP): Pontes, 1999.

¹⁰ Komesu, Fabiana. Pensar em hipertexto. 2004. In <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/hipertexto.pdf>

e pela história individual de cada leitor. O hipertexto não é um suporte material ou um único texto, mas uma prática multimodal que envolve os processos de escrita e de leitura atualizados na tela do computador.”

(Komesu, 2004: 8)

Concordamos com esta definição porque o hipertexto proporciona inúmeras escolhas ao leitor a outros hipertextos através dos *links*. Assim, há uma maior liberdade de escolha e de navegação de um modo não sequencial e não linear. Conseqüentemente, o leitor tem a possibilidade de criar o seu próprio caminho de leitura ao definir quais os temas que deseja ler. Entretanto, no nosso ponto de vista, essa liberdade é limitada pelo autor do hipertexto, pois este é quem estabelece ou concebe quais os *links* presentes no hipertexto.

Face ao exposto, o hipertexto apresenta várias características que determinam a sua natureza:

- a) Não-linearidade: que, como já foi referido anteriormente, aponta para uma estrutura reticulada e a possibilidade de uma leitura não sequenciada.
- b) Volatilidade: devido à sua própria natureza, o hipertexto oferece numerosas conexões e, conseqüentemente não oferece estabilidade ao leitor.
- c) Topografia: o hipertexto apresenta-se como um espaço sem limites definidos.
- d) Fragmentariedade: o hipertexto é fragmentado, na medida em que apresenta fragmentos textuais interligados por meio de *links*, o que provoca a carência de um “centro regulador imanente” (Marcuschi, 1999: 2).
- e) Acessibilidade ilimitada: através das suas hiperligações, o hipertexto acede a todo o tipo de texto, como por exemplo: enciclopédias, dicionários, obras literárias, científicas, etc.
- f) Multisemiose: por possibilitar a assimilação entre a linguagem verbal e a linguagem não-verbal numa mesma superfície de leitura.
- g) Interatividade: por oferecer a interação do usuário.

De acordo com Marcuschi (1999: 3)

“De um modo geral, essas propriedades do hipertexto o tornam um fenômeno essencialmente virtual e descentrado, que não se determina pelo desmembramento de um tópico, mas pelo deslocamento indefinido por tópicos. É uma costura geral de discursos e não a construção de um discurso unidirecionalmente ordenado”.

Por esta razão, o hipertexto não deve ser visto como um todo, ou como um texto, mas sim, como um espaço virtual que se forma consoante as escolhas do leitor, possibilitando-lhe as escolhas que mais lhe convém:

“No caso do hipertexto, o leitor tem à sua disposição um sem-número de possibilidades continuativas e não recebe todas as sugestões do autor. O autor não pode antecipar todos os espaços possíveis que o leitor pode navegar”.

(Marcuschi, 1999: 10)

Com efeito, Koch (2007: 28) é da opinião que o hipertexto é “quem determina os caminhos para a construção de um sentido”, uma vez que, cada leitor tem em mente determinados objetivos e cada um responderá de formas diversas e individuais. Neste ponto de vista, cabe ao leitor ter sempre em mente os seus objetivos e qual o caminho a seguir de forma a alcançar as informações inicialmente ambicionadas. Caso contrário, correrá o risco em aceder a vários textos, por meio dos *links*, e dissipar-se dos objetivos iniciais ou do próprio sentido do texto. Assim, Marcuschi (1999: 10) afirma que esta leitura é caracterizada como uma viagem por trilhos, a qual nos obriga a conectar nós a fim de formar redes. Neste aspeto, o autor reporta que, o hipertexto submete os seus utilizadores a um “*stress cognitivo*” por exigir uma maior consciencialização e conhecimentos prévios sobre o pretendido no seio do hipertexto, pois caracteriza-se, fundamentalmente, por apresentar uma leitura alicerçada em associações.

Deste ponto de vista, com o advento do hipertexto assistimos o surgimento de inumeráveis géneros digitais, entre os quais destaca-se o blogue pessoal. A hipertextualidade é a principal característica destas páginas, pois constituem terreno fértil para a leitura e escrita, propiciando atividades interativas entre o enunciador e o coenunciador, marcos essenciais e marcantes para a construção do texto. Neste quadro, ao construir o texto, ambos tornam o texto mais dinâmico, flexível e dialógico o que

possibilita desenvolver as suas competências linguísticas, assim como o surgimento de vários géneros discursivos.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O BLOGUE

“Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.”

(Foucault, 1992: 8)

Como já supramencionado, o uso da Internet tem proporcionado o surgimento de géneros de discurso que antes não existiam. Surgidos no âmbito da tecnologia digital, os blogues constituem-se como um dos géneros digitais emergentes. De acordo com Seara (2007), estes caracterizam-se:

“[...] pela publicação, a intervalos mais ou menos regulares, de artigos (posts) de tamanho variável que surgem, segundo uma ordem ante-cronológica (os mais recentes encimando a página), susceptíveis de serem comentados pelos leitores e enriquecidos de comentários e de ligações externas.”

Seara (2007:1)

O blogue é considerado como um e-género que surgiu no mundo virtual como uma alternativa para a publicação de textos *online*. Geralmente são utilizados por enunciadores que criam os seus diários virtuais a fim de partilhar as suas ideias, pensamentos ou opiniões com o seu público. Como forma de autoexpressão, rapidamente alcançou sucesso devido à sua facilidade em editar e atualizar os textos *online*. Os *posts* surgem por uma ordem cronológica inversa, característica semelhante aos diários íntimos, mas acessíveis a todos os cibernautas.

A palavra blogue (ou *blog*) é o resultado de uma contração da expressão *Weblog*: *Web* (rede) e *Log* (diário de bordo) que, inicialmente, foi utilizado por Jorn Barger, em 1997, para nomear o conjunto de sites.

De acordo com Blood (2000), a abreviatura “*blog*” surgiu no ano de 1999 com Peter Merhloz. A partir daí, verificou-se um grande crescimento de blogues, através da criação de ferramentas gratuitas que permitiam a criação e publicação de blogues, tais como o Blogger ou Wordpress. Com esta popularização, as pessoas passaram a usar os blogues como diários pessoais, facto que contribuiu para o surgimento da blogosfera, isto é, a união e cultura dos blogues. De fácil acesso e com uma publicação bastante simples e sem necessidade de grandes conhecimentos informáticos, o mundo da blogosfera abriu possibilidades inimagináveis. Sendo um espaço de comunicação interligado e aberto ao mundo virtual, o blogue pode ser visto como um lugar, ou seja, uma casa, embora virtual,

rodeada de vizinhos, os quais podemos visitar através dos *links* apresentados na página. (Recuero, 2003).

Ao contrário dos diários íntimos, o blogue encontra-se na esfera pública, é um texto escrito no mundo virtual para o mundo virtual. Como género emergente do diário, este define-se como um novo espaço de leitura e de escrita, integrando uma linguagem verbal e não-verbal, tais como imagens, vídeos, música, etc. Estas páginas, como géneros emergentes do diário íntimo, permitem a construção de identidades sociais e é em função do coenunciador que o *blogger* (bloguista em Português europeu) constrói uma imagem de si: “Certo é que quem escreve anseia ser lido por alguém, deseja ter visibilidade, ser reconhecido não só pelo público, mas também pelos seus pares.” (Rodrigues, 2006: 22).

Desta forma, o blogue permite uma liberdade de expressão, na qual o autor constrói a sua identidade como enunciador. Sendo um género digital transmutado do diário tradicional, o blogue é um espaço enunciativo, revelador de um discurso intimista e autobiográfico. De acordo com Marcuschi (2004), os blogues são “ [...] diários pessoais na rede, uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendadas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos [...] ” (Marcuschi, 2004: 29).

Ao contrário do diário tradicional, o blogue é um espaço público, onde os escritos podem ser lidos por qualquer pessoa, o que faz com que haja uma interação entre o enunciador e o coenunciador. Com um formato versátil, estas páginas apresentam uma prática de escrita individual, nos quais, a exibição do “eu” transmite uma necessidade de pertença e o desejo de visibilidade. Perante estas observações, podemos afirmar que o enunciador pode assumir várias identidades de acordo com o contexto em que se insere e, todos estes processos de construção da identidade são bem visíveis no nosso quotidiano, pois a nossa sociedade e/ou cultura “vive” constantemente *online*. Neste contexto, os blogues permitem que o enunciador se apresente para o mundo como uma identidade autónoma.

Um dos elementos fundamentais presente no blogue é a interação entre as pessoas e, inseridas num grupo com interesses em comum, pode proporcionar uma sensação de empatia e até de compreensão, fazendo com que se torne mais fácil em mostrar a intimidade. Deste modo, ao tornar pública a sua intimidade, o enunciador pode esconder a

sua identidade através de alguns estratagemas, como é o caso do uso de apelidos virtuais, uma vez que garantem uma desincorporação entre o “eu” real do “eu” virtual. Como consequência, as “identidades” tornam-se provisórias, instáveis e até problemáticas, o que faz com que a identidade não seja fixa, essencial ou permanente:

“Com os blogs, surge todo um conjunto de possibilidades de experiências identitárias. Se por um lado há autores de blogs que assumem a sua identidade real, dão o seu verdadeiro nome, responsabilizando-se assim por todas as suas afirmações e comentários, outros há que utilizam nomes fictícios, assumem novas identidades e agem como se o seu eu fosse aquele que está ali”.

(Rodrigues, 2006: 147)

Neste sentido, o blogue como ferramenta de autoexpressão revela novos modos de ser, os quais visam o interpessoal, onde o enunciador pode expressar as suas reflexões e discutir sobre o que quiser: “Como dispositivo de textualização do “eu”, o blogue instaura uma estética dialógica dessa escrita autobiográfica, revolucionando, assim, os géneros tradicionais.” Seara (2007: 2).

Para Seara (2010: 246), o blogue “[...] constitue en quelque sorte un lieu lâffichage des relations construites via le réseau Internet ou effectives dans le cadre de la sociabilité physique.” Assim, como espaço de interação, o blogue possibilita o surgimento de comunidades discursivas (Seara, 2007: 4) entre enunciadores e coenunciadores. Ou seja, é a possibilidade de entrar em contacto com o outro. Esta interatividade põe de lado a questão de segredo dos diários tradicionais e, os *posts* redigidos são compartilhados abertamente, tornando-se totalmente públicos e, colocam em evidência as mais diversas questões humanas com o intuito de serem lidos e comentados pelo Outro. Desta forma, o coenunciador passa a ser mais ativo, participativo e construtivo no blogue.

Os *posts* são textos móveis e maleáveis, em que o coenunciador pode intervir no seu conteúdo, pode deslocar, ou até recortar. Esta possibilidade de interferência por parte do coenunciador pode modificar a escrita do próprio hipertexto e sua elaboração deixa de ser individual para ser coletiva. Neste caso, o enunciador pode responder aos comentários e dialogar com seus coenunciadores, como podemos verificar em Seara (2007: 4):

“Esta possibilidade de ser lido, estar ligado, ser comentado por outros, conduz assim a fortalecer, revigorar, revitalizar, quer o conteúdo dos blogues, quer os laços entre os interlocutores, conduzindo a um sentimento de inclusão numa comunidade, centrada na publicação em linha.”

Seara (2007: 4)

A presença dos *links* nos blogues revela as suas possibilidades de invasão, para diferentes "estradas", isto é, o coenunciador pode aceder a outras páginas, a outros comentários ou até mesmo alguns *links* de outros blogues. O coenunciador pode acompanhar o caminho percorrido pelo enunciador, abrir várias "janelas" e observar/ler blogues diferentes em simultâneo. Assim, o blogue é uma ferramenta de comunicação bidirecional permitindo um *feedback* colaborativo, em que o hipertexto permite uma navegação sem uma ordem pré-estabelecida. Nesta perspetiva, os comentários são importantes para a constituição dos blogues porque facultam uma dinamicidade de interação, facto que evita com que se transformem numa publicação estática e unilateral. Desta maneira, novos hipertextos surgem como complemento ao hipertexto inicial e apresentando possíveis estilos de escrita.

Ora, como afirma Seara (2007: 8), o blogue apresenta como características a maleabilidade e plasticidade na medida em que:

“O blogue não é um texto fixo, fechado, é consultável durante a sua elaboração, pode assistir-se, presenciar-se, vivenciar-se o seu processo constante de construção. Por outro lado, o blogue é um género plástico, o que implica que o seu estudo deverá recorrer sempre a uma análise semiótica dos elementos, para além dos textuais, que se plasmam neste cenário.”

Seara (2007: 8)

Este género de discurso apresenta um carácter assíncrono no qual circulam outros géneros discursivos, tais como a carta, o aforismo, o relato de viagem, as memórias, a crónica, entre outros. (Seara, 2007: 8). Neste sentido, são características dos blogues:

- a) Hierarquização dos *posts* por ordem cronológica inversa;
- b) Espaço para os comentários ou gostos (*likes*) através de um *link*;
- c) Possibilidade em atualizar a página com regularidade por parte do enunciador;
- d) Possibilidade de inserir linguagem verbal e não-verbal, tais como as imagens, vídeos, música, etc.
- e) Carácter assíncrono;
- f) Carácter pessoal visando a visibilidade.

Tais características contribuíram para a rápida disseminação e popularização dos blogues, o que fez com que surgissem vários serviços de hospedagem ou servidores, como o Blogger ou Wordpress. Conforme Máximo (2006) nos explica:

“ Em termos de número de servidores, os Estados Unidos domina a Internet numa percentagem quase idêntica ao número de blogs escritos em inglês, possuindo por volta 67% dos quase quatrocentos mil servidores existentes”.

(Máximo, 2006: 53)

Independentemente do tema que é tratado, o que realmente interessa é que se tornaram como uma forma de expressão na primeira pessoa, centrada na experiência do enunciador e na sua opinião perante o mundo que o rodeia. Face à evolução da cibercultura, existem hoje inúmeras possibilidades de interação, como por exemplo: os blogues, *fotologs*¹¹, *videologs*¹² e os *microblogs*¹³. Assim, a vida pessoal é observada e comentada por todos.

Heine (2009: 103) afirma que os blogues:

“[...] são textos desterritorializados e desmaterializados [...]”, pois carregam características hipertextuais, ou seja, não têm fronteiras uma vez que são produzidos na rede e para a rede e, também, não possuem “[...] a estabilidade material de um diário escrito [...]”.

Estes são interativos e “multisemióticos” que, embora circulem num “auditório universal”, se destinam, essencialmente, a um grupo específico. Contudo, como géneros digitais heterógenos, não se destinam apenas a relatos pessoais, mas também questões de outro foro: político, educacional, ciência, etc. Nesta perspetiva, Heine (2009) relembra:

“Então, no plano enunciativo, os diversos grupos de *blogs* possuem finalidades diferentes: um *blog* político possui a finalidade de debater questões ligada à vida política; um *blog* jornalístico tem como fim publicar notícias ou comentar fatos jornalísticos; um *blog* educacional tem por objetivo promover um espaço interativo entre estudantes, corpo docente e membros das escolas; os *blogs* pessoais, por sua vez, têm por finalidade registrar os acontecimentos cotidianos da vida de m dado enunciador e compartilhá-los com seus co-enunciadores.”

(Heine, 2009: 104-105)

¹¹ Os *fotologs* (*fotoblog* ou *fotoblogue*) são blogues de fotos, colocadas em ordem cronológica, por vezes com a sua legenda.

¹² Os *videoblogs* (*Videoblogue* ou *Vlog*) são uma variante dos *weblogs* cujo conteúdo principal consiste na partilha de vídeos.

¹³ Os *microblogs* são uma variante dos *weblogs* que permitem aos internautas atualizações no seu blogue através de mensagens e imagens breves.

Isto quer dizer que, os blogues representam alguém e a partir da escrita, independentemente do tema a tratar, constroem realidades e relações sociais.

Embora de forma assíncrona, o blogue sofre atualizações até mesmo com outras formas, possibilitando a incursão de imagens ou vídeos. Este facto também possibilita ter a indicação do espaço de onde se escreve. Quanto maior for o número de visitas no blogue, maior a possibilidade de surgir interação e, claro, maior será o número de visitantes que, mais cedo ou mais tarde irão reagir através da expressão das suas opiniões ao enunciador. Assim, este terá mais incentivo em continuar a atualizar o seu blogue e alimentar-se-á dessas visitas e comentários para se tornar cada vez mais popular na blogosfera, podendo transformar-se num ciclo vicioso.

Segundo Heine (2009), o género de discurso encontra-se sempre ligado a uma cena enunciativa, que pressupõe três diferentes instâncias: a cena englobante; a cena genérica e a cenografia. Assim, podemos constatar que os blogues possuem uma cena enunciativa característica e particular, na qual podemos observar a cena englobante, que corresponde ao discurso intimista do autor. A cena genérica é observável nos blogues através do seu discurso íntimo e diário, enquanto a cenografia determina o momento de enunciação, assim como o lugar enunciativo.

“Os *blogs* instituem uma cena de enunciação específica, formada por uma cena englobante, que pode ser compreendida como o discurso intimista. Por ser um diário digital, no qual as pessoas escrevem sobre si mesmas, sobre suas vidas e suas ações cotidianas, diz-se que os *blogs* possuem um carácter intimista. A cena genérica do *blog* é o discurso diarístico. Este pressupõe que o escrevente fale sobre si, sobre sua vida cotidiana, seus anseios e desejos, registrando-os diariamente. A especificidade do *blog* é, no entanto, o fato de falar sobre si num ambiente público e coletivo, instituído pela Internet.”

(Heine, 2009: 162)

Heine explica do seguinte modo este funcionamento:

“A cenografia pressupõe uma cronografia (um momento de enunciação) e uma topografia (um lugar enunciativo). No *blog*, o momento da enunciação estende-se desde o instante de postagem da primeira mensagem até o momento em que os escreventes deixam de postá-las. O momento da enunciação corresponde, pois, a uma parte da adolescência. Já a topografia do *blog* é o hipertexto. Este determina o modo de enunciação interativo, ubíquo, inerente ao ambiente que se faz presente no *blog*. O hipertexto possibilita que a escrevente coloque em seu *blog* músicas, fotos, imagens animadas etc”.

(Heine, 2009: 162-163)

Como podemos verificar, apesar das mudanças a nível de suporte, do papel para o digital, tanto o diário tradicional, como o blogue apresentam características muito próprias, como a utilização da data, a linguagem informal ou o seu carácter pessoal.

O blogue pessoal caracteriza-se por ser um género de discurso pessoal e íntimo, no qual os pensamentos, ideias ou reflexões do seu enunciador são apresentados em relação ao mundo que o rodeia. Estes géneros digitais têm proporcionado a muitas pessoas um espaço gratuito para a prática da sua escrita pessoal e, cada vez mais, têm adquirido uma grande importância na comunicação. Assim, esta nova cultura traz novas mudanças nas suas características evidenciando a sua instabilidade, uma vez que está em constante evolução e transformação, o que faz com seja fugaz e mutável.

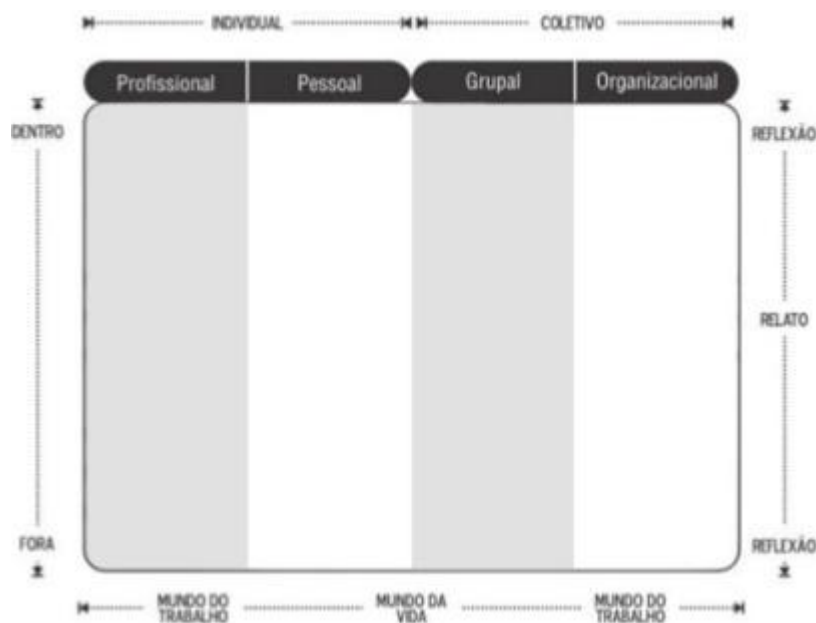
3.1 Para a conceção de uma tipologia sobre blogues

A tarefa em classificar os blogues não tem sido consensual, nem fácil de realizar. Por serem eventos textuais e desenvolvidos de acordo com a interação entre os enunciadores, os blogues estão sempre em mutação, segundo os seus propósitos comunicativos. Para além do mais, quer o seu conteúdo, quer o seu aspeto formal são concebidos em função do seu propósito comunicativo. Desta forma, a realização de um género discursivo como a comédia faz-se através de um discurso com recursos que provocam o riso no espectador, recorrendo ao imprevisto, ao ridículo, à surpresa, à desordem e também à ironia. Com base neste axioma, quando um indivíduo está perante um texto, este antecipa ou tem uma visão do texto como um todo precisamente pelo seu conhecimento prévio do cânone dos géneros a que teve acesso nas suas práticas da linguagem. Como tal, devido à facilidade na criação de um blogue, a narrativa íntima transfere-se para a rede Web e o seu estudo torna-se importante a fim de objetivar e avaliar um blogue.

No plano enunciativo podemos constatar vários subgrupos de blogues: pessoais, políticos, educacionais, científicos, colaborativos, jornalísticos, organizacionais, de fotografia, etc. Estes, apesar de possuírem um aspeto formal idêntico, as suas finalidades discursivas são diferentes.

Herring *et al.* (2004) partindo das ideias de S. Krishnamurthy (2002) apresentam a sua tipificação ao definir cinco categorias de blogues, tendo como base a sociabilidade, frequência ou a prática. Estas cinco categorias são as seguintes: diário pessoal, K-Log (*Knowledge Log*), filtro, misto e outros. A partir desta proposta, Primo (2008) desenvolve o seu sistema de classificação através de um conjunto de dimensões divididas em quatro colunas ou eixos de acordo com os diferentes contextos em que são produzidos. Perante esta proposta, em primeiro lugar é preciso avaliar o blogue: se é produzido de forma coletiva ou individualmente, ou seja, observar quem é o responsável pela publicação dos *posts*. A partir desta observação, Primo informa-nos sobre a divisão dos blogues em duas grandes categorias: blogues individuais, que por sua vez podem ser subdivididos em pessoais e profissionais, e em blogues coletivos, nos quais podemos incluir blogues grupais ou organizacionais.

Figura 5- Matriz para a tipificação de blogues segundo Primo (2008).



In Primo (2008).

Face ao exposto, Primo esclarece:

“Como se pode ver, os blogs profissionais e organizacionais tendem ao mundo do trabalho, enquanto os pessoais voltam-se principalmente para o mundo da vida. Blogs grupais tendem para o mundo da vida (por exemplo, um grupo de apoio de pais de portadores de uma certa síndrome), mas podem voltar-se também, ou ao mesmo tempo, para o mundo do trabalho (como a página de um laboratório de pesquisa)”

(Primo, 2008: 126)

Outra proposta de classificação é-nos apresentada por Recuero (2003) que estabelece duas grandes categorias do blogue e uma terceira resultante da hibridização das duas primeiras. As duas grandes categorias são: diários eletrónicos e publicações eletrónicas. A terceira categoria intitula-se de publicações mistas.

- Diários eletrónicos - correspondem aos blogues pessoais, nos quais os autores refletem os seus pensamentos, factos ou o seu quotidiano.
- Publicações eletrónicas – correspondem aos blogues que transmitem informação, como por exemplo notícias, dicas ou comentários sobre

determinado assunto. Estes geralmente possuem um tema central, como é o caso da moda, tecnologia, jornalismo, etc.

- Publicações mistas – correspondem a uma mistura das duas primeiras categorias, na qual verificaremos uma mistura de *posts* pessoais e *posts* informativos.

Face a esta classificação, a autora adverte que:

“É importante que se atente para a existência das diversas formas de *weblogs* para que não se caia na generalização do *blog* como ferramenta específica da construção de diários. *Blogs* têm sido utilizados das mais diversas formas, todas relacionadas à publicação de idéias, algumas pessoais (diários) outras informacionais (publicações).”

(Recuero, 2003: 4)

Feitas estas observações acerca de uma classificação dos blogues, seguidamente realizar-se-á um estudo mais aprofundado sobre os blogues pessoais, tema central deste trabalho.

3.2 O blogue pessoal

Como já referido, a Internet ocasionou uma revolução, quer social, quer linguística. Com o passar dos anos e com um acesso mais fácil, as pessoas passaram a realizar tarefas *online*, como por exemplo: compras; consultar a conta bancária, estudar, etc. Para além disto, a leitura linear dissipou-se com a presença das hiperligações, visando a busca de mais informação. Com isto, o material palpável deixa de ser prioritário, os livros, por exemplo, permanecem mais tempo nas prateleiras, não por falta de leitores, mas sim por terem sido substituídos pelos *e-books*.

Partindo deste pressuposto, os géneros textuais são transportados para o espaço virtual. Contudo, os cibernautas não buscam apenas informação, cada vez mais procuram aprimorar o relacionamento com os outros, interagir e, a partir da tecnologia, tornarem-se autores e criadores de conteúdos. Pelo anseio em serem reconhecidos face aos outros, surgem novos escritores que, com a mudança de suporte, geram uma escrita diferente: mais rápida, dinâmica e interativa.

Os blogues com a função de diário íntimo (pessoais ou confessionais) funcionam como os diários tradicionais. Os seus autores falam sobre o seu quotidiano, publicam fotos, fazem comentários, entre outros. Como afirma Lemos: “[...] são *autoficção narcisísticas, reconstrução identitária, expressão de individualidades*”. (Lemos, 2002, 4). Pela sua correspondência temática, os blogues pessoais e os diários íntimos são frequentemente associados, a qual levou a que muitos estudiosos desenvolvessem os seus estudos sobre o assunto de forma pertinente, como é o caso de Komesu (2005) ou Silva (2006).

Estes dois géneros são os dois representantes principais da escrita de si no mundo contemporâneo. Esta escrita de si teve o seu auge nos séculos XVIII e XIX com a aparição da carta e do diário íntimo, devido às mudanças históricas e sociais desencadeadas nesse mesmo período. Através da ascensão da burguesia surge o estabelecimento e distinção entre o espaço público e privado, onde os indivíduos tomam consciência de que o privado é essencial para a sua própria formação enquanto Pessoa.

Como sabemos, o diário tem sido uma presença constante na literatura universal porque o homem sempre sentiu a necessidade em enfrentar a sua própria vida através da

escrita. Neste sentido, o diário é um dos géneros textuais narrativos que torna oportunas grandes revelações sobre o mundo e refletem de um modo direto a vida privada e a psicologia do seu autor.

No entanto, estes já existiam desde o início da era cristã “por causa das confissões e dos relatos de conversões recorrentes na época, como pode ser observado nos escritos de Santo Agostinho e do Cardeal Newman.” (Reis, 2012: 125)

O diário é um importante documento histórico porque relata uma determinada época da sociedade. Apesar de ser uma experiência pessoal, o diário assume uma função social na medida em que exprime relatos do quotidiano, do que rodeia o autor a partir de uma visão pessoal. O seu carácter privado reflete um espaço de autorreflexão e de observação, quer do mundo físico e social, quer do mundo interior daquele que escreve, onde o Eu tem a possibilidade de se reconstruir, como é o caso dos diários de Virgínia Woolf.

O diário é um género em que encontramos uma linguagem mais simples e própria de cada autor, isto é, é um texto onde podemos constatar um estilo muito próprio e particular do Eu que assume a enunciação. É um relato fracionado e que procura contar um passado recente, no qual o Eu cria a ilusão da espontaneidade e do imediatismo.

Segundo Cascales (2011) devemos considerar o diário “ [...] por estar escrito desde la inmediatez de los hechos, mientras que las anteriores se redactan años después y con la intención de formar el relato de una vida entera.”¹⁴ De facto, o diário é como se fosse um espelho daquele que escreve, onde capta breves momentos, experiências, estados de espírito e os pensamentos mais íntimos. Há uma busca do seu interior, a necessidade em ligar numa mesma entidade o autor e o leitor. O Eu torna-se alvo e centro das atenções como tentativa em refletir sobre a existência pessoal através das suas experiências, medos, receios, segredos ou desejos. Além disso, o autor tenta capturar as suas impressões ao máximo como forma de perpetuar a sua memória. O espaço íntimo torna-se no seu refúgio, favorecendo o individualismo através da separação da esfera pública do privado, como explica Sibilia (2003):

¹⁴ Pujante Cascales, Basilio. *Relaciones entre el blog personal y el diário íntimo*. 2013.

“Foi, precisamente, com a paulatina aparição de um “mundo interno” do indivíduo, do eu e da família, que as pessoas começaram a considerar o lar como um contexto adequado para acolher essa vida interior que começava a desabrochar. Desse modo, as casas foram se tornando lugares *privados* (...). Em muitos desses lares começaram a se definir funções específicas e fixas para os diversos cômodos, aparecendo inclusive o *cabinet*, “um quarto mais íntimo para atividades privadas com a escrita”.

(Sibilia, 2003: 2)

De facto, como ressalva a pesquisadora, o lar passou a ser considerado um espaço de preservação da intimidade, um lugar onde proliferava a vontade de escrever. Estes novos ambientes proporcionaram a escrita de si:

“[...] dando à luz todo o tipo de textos introspectivos nos quais a auto-reflexão se voltava não tanto para a busca de um certo “universal” do Homem, mas para a sondagem da natureza fragmentária e contingente da condição humana, plasmada na particularidade de cada experiência individual”.

(Sibilia, 2003: 3)

A partir destes momentos introspectivos surge a criação de um Eu. Neste caso, os diários assumem uma posição fantasmagórica de um suposto Outro, um suposto leitor, que é o próprio autor.

Considerado como um espaço íntimo, o diário revela um exercício pessoal e subjetivo, no qual o autor sente segurança em se refugiar e criar o seu mundo imaginável. Em cada entrada há uma ficcionalização do Eu que escreve momentos espontâneos e imediatos. Portanto, o diário é um registro material do sujeito, um retrato do seu autor para um leitor imaginário.

Recordando Marcuschi, estas modalidades de escrita são “rotinas sociais de nosso dia a dia” (Marcuschi, 2006: 24). Com os blogues, o que era íntimo e inconfessável torna-se público, num registo aberto e, como tal, com propósitos diferentes. Por se encontrar na esfera pública, o blogue é um texto escrito no mundo virtual para o mundo virtual, apresentando narrativas mais dinâmicas e interativas.

Atualmente, o nosso sentido de intimidade e privacidade está a mudar porque para sermos aceites num determinado grupo ou para alcançarmos um grande número de *likes*, o nosso espaço íntimo “se converte numa espécie de cenário onde cada um deve montar o espetáculo de sua própria personalidade”. (Sibilia, 2009: 3)

Esta visibilidade é o grande anseio do mundo do *blogging*.¹⁵ Hoje em dia, todos são celebridades e para divulgar ou expor ainda mais os seus “cinco minutos de fama”, a própria imagem é aprimorada e exteriorizada. Cada sujeito constrói o seu Eu, a sua vida interior e novos “modos de ser”. Como afirma a autora Paula Sibilia, esta intimidade está à vista de todos onde podem ser exibidas na rede, é o “espetáculo do eu”.

“Do mesmo modo, na Internet, pessoas desconhecidas costumam acompanhar com fruição o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas as suas peripécias registradas pelo próprio protagonista enquanto elas vão ocorrendo, dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto, com o imediatismo do tempo real, por meio de torrentes de palavras que de maneira instantânea podem aparecer nas telas de todos os cantos do planeta – textos que, muitas vezes, são complementados com fotografias e, inclusive, com imagens de vídeo transmitidas ao vivo e sem interrupção. Desdobra-se, assim, nas telas interconectadas pelas redes digitais, todo o fascínio e toda a irrelevância de “a vida como ela é””.

(Sibilia, 2004: 5)

Numa sociedade orientada para a visibilidade, a capacidade em distinguir o que é real ou fictício é ténue e tende a desaparecer. A cultura da imagem prevalece nas nossas sociedades que necessitamos constantemente de nos autopromover, a fim de fortalecer as nossas relações sociais:

“ Si hoy notamos una creciente incapacidad de estar a solas, si el silencio se há vuelto insoportable, quizás eso explique por qué resulta tan tentador encarnar esos personajes que brillan en las pantallas. De allí la proliferación de estrategias de autoestilización y autopromoción, tanto en la red como fuera de ella.”

(Sibila, 2014)¹⁶

Por outras palavras, a vida de cada um torna-se num espetáculo, um *reality show*, com intenção explícita em alcançar visibilidade. Todavia, essa intimidade ou quotidiano “É um cotidiano inventado, teatralizado e constantemente negociado de modo a se tornar compartilhável no interior de contextos sociais mais ou menos delimitados”. (Máximo, 2006: VI). Neste sentido, o enunciador reinventa as suas expressões pessoais de forma a ser compartilhado, contribuindo assim para a construção da sua própria imagem.

¹⁵ Termo utilizado para descrever a atividade de escrita em blogs. Definição apresentada no dicionário online [Cambridge Learners Dicionário](#)

¹⁶ Artigo de opinião publicado em Clarín.com (www.revistaenie.clarin.com)

Deste modo, o blogue pessoal tem como núcleo um Eu (*ethos*) que, devido ao dinamismo das relações sociais, está em constante mudança ou revisão com o intuito em despertar o interesse e o seu reconhecimento. Nas palavras de Sibilía (2003: 8) “Mais do que uma carta remetida a si mesmo, fundamentalmente secreta e introspectiva, então, os “diários íntimos” da Internet constituem verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante.”¹⁷

No texto “A escrita de si”, Foucault (1992) reflete sobre “as artes de si mesmo”, ou seja, sobre a estética da existência e o governo de si e dos outros na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do Império”. De acordo com este autor, a escrita de si “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível”, exercendo uma importante função subjetiva, pois o sujeito da enunciação é escrito e inscrito no próprio texto.

Segundo Michel Foucault, a noção do autor constitui como um momento crucial para a individualização. Para este, o nome do autor é uma descrição e caracteriza um modo de ser do discurso, pois é uma característica da existência e garantia de um determinado *status*.

“Enfin le nom d’auteur fonctionne pour caractériser un certain mode d’être du discours: le fait, pour un discours, d’avoir un nom d’auteur, le fait que l’on puisse dire « ceci a été écrit par un tel », ou « un tel n’est l’auteur », indique que ce discours n’est pas une parole quotidienne, indifférente, une parole qui s’en va, qui flotte et passe, une parole immédiatement consommable, mais qu’il s’agit d’une parole qui doit être recue sur un certain mode et qui doit, dans une culture donnée, recevoir un certain statut”.

(Foucault, 1969: 11-12)

A escrita de si está relacionada com a formação da pessoa, uma vez que o autor para escrever sobre si mostra-se a si próprio e, por conseguinte dá-se a conhecer aos outros através da partilha do seu quotidiano e das suas vivências. Além disso, quando o autor escreve a sua própria história é portador da história, cultura e costumes do seu povo. Este raciocínio relembra-nos as posições de Stuart Hall sobre a questão da identidade. Este teórico cultural e sociólogo jamaicano acredita que a identidade é um produto em constante formação da história e cultura da sociedade.

¹⁷Sibilía, Paula. *A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição pública/privado*. 2003.

Hall (1996) defende que as “old identities” (velhas identidades) estão em declínio, pois o indivíduo moderno surge com novas identidades e fragmentadas. Até aqui visto como um sujeito unificado, a identidade cultural na modernidade surge “descentrada”, isto é, deslocada ou fragmentada.

“These transformations are also shifting our personal identities, undermining our sense of ourselves as integrated: subjects. This loss of a stable "sense of self" is sometimes called the dislocation or de-centering of the subject. This set of double displacements - de-centering individuals both from their place in the social and cultural world, and from themselves - constitutes a "crisis of identity" for the individual.”

(Hall, 1996: 596-597)

As sociedades modernas estão a mudar a sua estrutura, como também as identidades pessoais. Como supracitado, o autor afirma que, esta descentração da identidade constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Para expor os seus propósitos, Hall distingue três concepções diferentes de identidade, a saber:

- a) Sujeito do Iluminismo (*Enlightenment subject*);
- b) Sujeito sociológico (*Sociological subject*);
- c) Sujeito pós-moderno (*Post-modern subject*).

O sujeito do Iluminismo baseia-se na concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente unificado e centrado, dotado das suas capacidades (razão, consciência e ação).

“The Enlightenment subject was based on a conception of the human person as a fully centered, unified individual, endowed with the capacities of reason, consciousness, and action, whose "center" consisted of an inner core which first emerged when the subject was born, and unfolded with it, while remaining essentially the same - continuous or "identical" with itself - throughout the individual's existence.”

(Hall, 1996: 597)

A noção de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno, em que a interioridade do sujeito não é autónoma e autossuficiente. Neste seguimento, a identidade é formada através da interação entre o eu e a sociedade. Nesta concepção, a identidade é construída através do interior e o exterior, isto é, entre o mundo pessoal e o

mundo público. Então, a identidade “(...) stitches (or, to use a current medical metaphor, “sutures”) the subject into the structure”.¹⁸

Com isso, o sujeito está a tornar-se fragmentado, composto por várias identidades, que por vezes podem evidenciar contradições. Correspondentemente, estas identidades estão a entrar em colapso, fazendo com que o processo de identificação seja provisório, variável e problemático: “The subject assumes different identities at different times, identities which are not unified around a coherent "self." Within us are contradictory identities. pulling in different directions, so that our identifications are continuously being shifted about”.¹⁹

Este processo produz no sujeito pós-moderno uma identidade de “celebração móvel”²⁰. Isto significa que é formada e transformada continuamente. Consequentemente, as sociedades da modernidade também não são unificadas. A globalização provocou sociedades em constante mudança, produzindo assim uma variedade de diferentes posições do sujeito.

Como género emergente do diário, o blogue pessoal define-se como um novo espaço de leitura e de escrita, integrando uma linguagem verbal e não-verbal. Os *posts* ou textos apresentam uma dinâmica e comunicação muito viva, com várias marcas da oralidade, como é o caso das pausas ou hesitações. Tomamos como exemplo o seguinte *post* do blogue *Pipoca Mais Picante*²¹.

Exemplo n.º 1:

terça-feira, 28 de janeiro de 2014

De maneiras que é isto...

... ninguém quer ser jornalista, oh desilusão meu Deus, não entendo... uma profissão tão interessante, só de acesso a gente realmente culta e que sabe escrever comme il faut, nada desses enunciadorzinhos de terceira categoria que não passam de uma cambada de invejosos e ressabiados, sem vida sexual, como é bom de se ver, em se sendo jornalista é todo um mar de possibilidades que se nos abre, um alargar de vistas, excepto os ordenados que as marotas das empresas não pagam nada de jeito, desenganem-se se pensam que vão ganhar alguma coisa de jeito que não vão, a menos que sejam jeitosos e aí já pode ser que sejam justamente recompensados pelo anos que andaram a queimar pestanas, ou a praxar as pobres caloiras, não sei, cada um sabe de si e eu sei de todos. E de tudo também.

¹⁸Idem. 598.

¹⁹Idem. 598.

²⁰"moveable feast".

²¹<http://pipocamaispicante.blogspot.pt/>.

Como já foi referido, os diários são considerados como sendo um reflexo da vida privada e confissão dos sentimentos, pensamentos e neste texto/*post* podemos verificar esse aspeto, um reflexo da vida privada do enunciador e dos seus pensamentos.

Como atividade de escrita, este género caracteriza-se como um diário pessoal no qual o enunciador disponibiliza a sua mensagem ou texto que por sua vez, podem ser lidos por qualquer pessoa ou cibernauta. Este é um género preexistente, com as suas origens no diário íntimo, que ao ser metamorfoseado para a Internet, assume novas características, como é o caso da sua interatividade. Ou seja, é a possibilidade de entrar em contacto entre o enunciador e outros usuários, o Eu entra em contacto com o Outro e, os seus possíveis comentários podem condicionar as futuras práticas de escrita. Em cada *post* temos a possibilidade de comentar o que foi dito. O coenunciador torna-se, assim, num interveniente ativo na formação textual eletrónica.

Esta interatividade põe de lado a questão de segredo dos diários tradicionais e, os textos redigidos são compartilhados abertamente, tornando-se totalmente públicos e, colocam em evidência as mais diversas questões humanas com o intuito de serem lidos e comentados pelo Outro. Desta forma, o coenunciador passa a ser mais ativo, participativo e construtivo no blogue. O enunciador interage com o coenunciador e vice-versa, o que origina uma interação mais dinâmica, muito característica das comunicações mediadas por computador. Só assim, o autor do blogue poderá mensurar o encaixe da sua mensagem.

No supracitado texto/*post* podemos constatar uma espontaneidade do discurso mas, ao mesmo tempo, demonstra uma preocupação, com o intuito em dar visibilidade ao que é escrito, preocupação esta que é reforçada com as palavras iniciais em letras com tamanho diferente ao corpo do texto (título). Nesse espaço virtual, leitor e autor cruzam-se *online* participando da edição do texto que leem e escrevem.

Assim, como nos diários tradicionais, no blogue há um Eu que produz uma enunciação num determinado espaço e num determinado tempo. Estes apresentam um cabeçalho, antecedente ao texto, figurando a data da produção e disponibilização do *post*, exemplo:

Exemplo n.º 2:

sexta-feira, 31 de janeiro de 2014

Verdades Picantes #39

Em brincando com o fogo, poderá bem dar-se o caso de se queimarem.

Publicada por A Mais Picante à(s) 18:00 13 comentários:
Enviar a mensagem por e-mailDê a sua opinião!Partilhar no TwitterPartilhar no FacebookPartilhar no Pinterest

Etiquetas: Verdades Picantes

E em breve...

...pularão sugestões de prendas para ele e para ela, não desesperai, tudo coisas em bom, pois está claro, nada daqueles ursinhos com dizeres *ai love iu*, uns dirão que é tão bom, que o amor é para se celebrar, passearão pelos jardins de massamá norte, mão na mão, enquanto suspiram audivelmente, numa felicidade sem fim, outras dirão que não, que aproveitam o dia para ficar em casa, é um desassossego jantar fora nesse dia, restaurantes cheios apesar da crise, as pessoas queixam-se mas é de barriga cheia, afinal a Bica do Sapato já não aceita reservas, do Casanova nem falar, impossível pensar em aparecer depois das vinte, só se formos ao afrodisíaco do Seixal de cima, sempre é uma quebra na rotina, outras ainda dirão que aquilo é um apelo ao consumismo, uma verdadeira fantochada, serão as ressabiadas, ora pois claro, aquelas que não têm homem que as complete, de maneiras que ficamos assim, torno a aparecer por cá lá para dia 15...

(e assim se faz um admirável post de encher chouriços, ficai em paz e que o Senhor vos acompanhe)

Publicada por A Mais Picante à(s) 12:00 10 comentários:
Enviar a mensagem por e-mailDê a sua opinião!Partilhar no TwitterPartilhar no FacebookPartilhar no Pinterest

Etiquetas: Futurologia Picanteana

Estes fragmentos salientam o modo como o texto se organiza marcado pela datação evocando assim, os diários tradicionais.

Podemos afirmar que, tanto o diário tradicional, como o blogue é um retrato de quem o escreve uma vez que, o Eu inscreve basicamente no momento em que vive a experiência, captando os seus devaneios e os seus mais íntimos pensamentos. Em ambos há um Eu que escreve e um Eu que lê. O diário tradicional é escrito e lido pelo autor, ou seja, são escritos para que outros não tenham acesso ao seu conteúdo, por outro lado, o blogue torna público o seu conteúdo, possibilitando a presença de múltiplos participantes e leitores. Uma vez que, os blogues pertencem ao domínio virtual, por vezes a indicação do espaço é irrelevante, a não ser que este seja necessário para a enunciação.

Com uma linguagem informal, em ambos os géneros, o enunciador simula um diálogo em tempo real como que buscando respostas no Outro que lê. Tomamos como exemplo:

Exemplo n.º 3:

quarta-feira, 29 de janeiro de 2014

Nem sei que diga disto

Mas olhando para os últimos posts, passa levemente pela cabeça de uma mulher que, a possibilidade de este blog estar a abichanar, até será uma coisa susceptível de ser equacionada. Ora, em pondo essa hipótese em cima da mesa, a verdade é que se me aparece logo uma das minhas dúvidas, em se dando o caso de o blog ser masculino seria muito certo dizer que sim, que estava a abichanar, acontece que não é, a vossa Picante não é um homem, não põe as meninas a revirar os olhos e suspirar, será que

ainda poderei equacionar a hipótese de o blog estar a abichanar? Ou deverei empregar outro termo qualquer? Agora fiquei para aqui a matutar neste complicado dilema...
Publicada por A Mais Picante à(s) 16:00 26 comentários:
Enviar a mensagem por e-mailDê a sua opinião!Partilhar no TwitterPartilhar no FacebookPartilhar no Pinterest
Etiquetas: Coisas estúpidas

Este *post* revela uma escrita pessoal e individual e não correndo o risco de se perder, num incêndio, por exemplo, ficará sempre na blogosfera: “l’écriture personnelle individuelle naît dans un état exposé, disponible, et il est toujours possible de consulter les documents dans leur état original.” (Seara; 2010: 7).

Como já mencionado, o blogue não é um produto estanque ou fixo mas sim, um texto que se encontra disponível para possíveis transformações ou desenvolvimentos. O coenunciador aguarda pela publicação diária para poder comentar ou apenas refletir, ou até porque estabelece uma afinidade ou uma partilha com o enunciador.

Ao contrário do diário tradicional, o blogue é uma ferramenta de comunicação bidirecional permitindo um *feedback* colaborativo, em que o hipertexto permite uma navegação sem uma ordem pré-estabelecida. Nesta perspetiva, os comentários são importantes para a constituição dos blogues porque facultam uma dinamicidade de interação, facto que evita com que se transformem numa publicação estática e unilateral. Assim, novos textos surgem como complemento ao texto inicial e apresentando possíveis estilos de escrita.

Estes blogues caracterizam-se pelo uso da subjetividade. Escrevendo sobre os acontecimentos marcantes do seu quotidiano e expondo as suas opiniões, os enunciadores são motivados pelo prazer em se expressar e pela possibilidade em interagir com os outros.

Uma outra característica marcante, quer dos diários tradicionais, quer dos blogues é a sua personalização, isto é, o uso do Eu, o Eu que escreve e que vai se auto definindo aos poucos. Em ambos os textos há um uso da primeira pessoa e a possibilidade em personalizar as páginas em que escreve, reforçando ainda mais o cariz íntimo e pessoal.

O Eu torna-se alvo e centro das atenções como tentativa em refletir sobre a existência pessoal através dos seus medos, receios, segredos ou desejos. Além disso, o enunciador tenta capturar as suas impressões ao máximo como forma de perpetuar a sua memória. Evidenciando uma liberdade de pensamento, em ambos textos (diário e blogue) há um

predomínio do fragmento, os quais estão sempre em construção e evolução em que não se prevê um final. Como leitores podemos “saltar” ou “ignorar” umas linhas, parágrafos ou sequências mas podemos continuar envolvidos na leitura.

Os blogues pessoais possuem características próprias que os determinam como géneros, essencialmente pela maneira como são escritos, pois relatam visões intimistas ou acontecimentos relacionados com o autor. Estes são fáceis de encontrar *online*, como é o caso dos blogues aqui estudados. O enunciador tende a construir o que lhe é próprio, que faz parte do seu universo e, neste caso, a escrita possui uma função de reconstituição.

4. ASPETOS METODOLÓGICOS

4. Aspetos metodológicos

Tendo como base os blogues femininos, a presente dissertação pretende compreender como os enunciadores constroem uma imagem de si.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dez blogues femininos, que foram escolhidos de forma aleatória, através de *sites* de busca na Internet, como por exemplo o *Blogger*. Devido ao seu carácter instável dos blogues, ao realizar a coleta do *corpus*, estes foram salvos em arquivos *Word* e em *Pdf*, para que a análise não fosse perdida e se tornasse realizável. O presente *corpus* foi publicado entre os meses de setembro e outubro de 2014, todavia, três *posts* foram publicados em setembro de 2013, referentes ao blogue *O amor é um lugar estranho*, uma vez que a enunciativa decidiu fazer uma pausa do seu blogue, permanecendo em rede por opção do enunciatador.

Posto isto, procedeu-se à seleção dos *posts* e dos comentários a serem analisados que se realizou entre o período de agosto de 2014 a dezembro de 2014. Os enunciados foram todos selecionados e transcritos, configurando o *corpus* desta investigação.

4.1 Caracterização do corpus

Quanto à sua caracterização, o *corpus* da referida pesquisa foi constituído por dez blogues de mulheres portuguesas. Cada blogue é constituído por diversos *posts* que são atualizados com frequência, com a exceção de um, *O amor é um lugar estranho*, o qual o último *post* é datado do dia quinze de setembro de dois mil e treze.

Nestes blogues podemos constatar várias reflexões, quer sobre a sua vida pessoal, quer sobre o mundo que as rodeiam.

Deliberadamente, os textos aqui apresentados foram transcritos sem correções, quer a nível da ortografia, quer ao nível da pontuação, e foram colocados no corpo do texto os *posts* mais relevantes para a presente análise.

Sendo uma atividade muito popular entre os géneros digitais, os blogues representam uma forma específica da apresentação do eu (*ethos*). De tal forma, o objetivo deste trabalho

é estabelecer como o *ethos* é construído nesse espaço aberto, segundo o quadro teórico da análise do discurso de acordo com a perspetiva francesa e da pragmática.

Relembrando os objetivos que enunciamos na introdução e que presidiram a esta investigação, os principais objetivos da presente dissertação são:

- a) Refletir sobre o *ethos* e a sua construção como evento discursivo;
- b) Compreender como a identidade é estabelecida numa comunidade *online*;
- c) Analisar as práticas discursivas presentes no blogue.

A fim de alcançar estes objetivos, os elementos analisados foram, essencialmente, os *posts* e os comentários dos leitores, pois são os principais constituintes, a partir dos quais podemos tentar perceber a construção do *ethos*. Todavia, em forma de complemento, também foi analisada a cenografia dos blogues, como por exemplo: a primeira página, as cores, as imagens, ou seja, o *layout* dos blogues ou *template*.

Todos os blogues aqui analisados são considerados pelos próprios autores blogues pessoais. Como já mencionado, foram selecionados dez blogues, todos produzidos por mulheres.

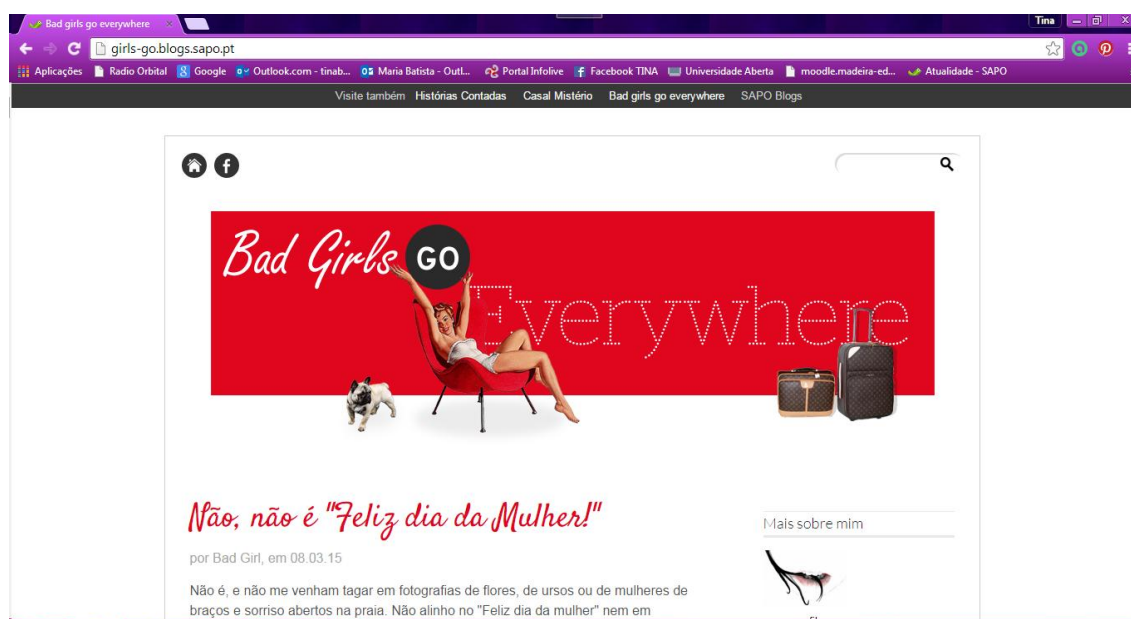
Posto isto, apresentamos seguidamente a ordenação dos blogues a fim de facilitar a sua análise e consulta:

1. *As minhas pequenas coisas*
(<http://asminhaspequenascoisas.blogspot.pt/>)
2. *A mais picante*
(<http://pipocamaispicante.blogspot.pt/>)
3. *O amor é um lugar estranho*
(<http://amorumlugarestranho.blogspot.pt/>)
4. *A janela de mim*
(http://azul_mar.blogs.sapo.pt/)
5. *Bla Bla Bla*
(<http://blabla.blogs.sapo.pt/>)
6. *Chá de menta*
(<http://chadementa.blogs.sapo.pt/>)
7. *Uma maluca que julga ter juízo*
(<http://umamalucaquejulgaterjuizo.blogs.sapo.pt/>)

8. *Bad girls go everywhere*
(<http://girls-go.blogs.sapo.pt/>)
9. *Também quero um blog*
(<http://tambmqueroumblog.blogspot.pt/>)
10. *My life as myself*
(<http://mylifeasmyself.blogs.sapo.pt/>)

Após a seleção dos blogues, procedeu-se à seleção dos *posts* e dos comentários a serem analisados, cuja tarefa decorreu entre o período de agosto a dezembro de 2014. Estes textos foram selecionados e transcritos para o presente trabalho. Todos os *posts* aqui estudados são naturalmente datados e, na sua maioria, a hora em que foram publicados, como tal, foi preservado na sua transcrição. Anote-se que, à exceção de três *posts* que foram publicados em setembro de 2013, referentes ao blogue *O amor é um lugar estranho*, os *posts* dos blogues em análise foram publicados entre os meses setembro e outubro de 2014. A título ilustrativo do *ethos* e sua corporalidade, uma imagem da enunciadora foi publicada em dezembro de 2014. Os blogues estudados têm como servidor ou o *Blogger*, ou o *Sapo Blogs*. Na imagem seguinte apresentamos como exemplo a *homepage* de um blogue, *Bad girls go everywhere*, hospedado no servidor *Sapo Blogs*.

Figura 6 - Imagem da *homepage* do blogue.



<http://girls-go.blogs.sapo.pt/>

5. ANÁLISE DOS DADOS

5. Análise dos dados: o *ethos* nos blogues

A comunicação, seja verbal ou escrita, constitui uma particularidade indispensável do ser humano. Como seres sócio-históricos, o estudo da língua ocorre somente quando há uma interação entre um Eu e um Outro.

Neste sentido, e como supramencionado, é através dos gêneros do discurso que o ser humano comunica. Logo, estes são considerados como infinitos e heterógenos. Nesta direção, no blogue pessoal constatamos uma projeção do enunciador para que se torne interessante face ao coenunciador. Há um desejo em passar uma imagem positiva e que se identifique com o coenunciador.

O principal mediador da interação entre o enunciador e o coenunciador é o comentário. Como forma de socialização, os comentários estreitam o relacionamento entre o enunciador e o coenunciador, facto que origina a participação e a cooperação nessas interações. Contudo, estas têm funções comunicativas diferentes, ou propósitos comunicativos.

Desta forma, o texto ou *post* apresenta-se sempre como incompleto e com lacunas, à espera que o coenunciador assuma esse papel de recriador e colabore mutuamente no processo de interação. Em consequência, o texto transforma-se e molda-se de acordo com os sentidos de cada um.

Posto isto, passaremos para a análise propriamente dita sobre o *corpus* que constitui o objeto de análise à presente dissertação.

1. *As minhas pequenas coisas*

O blogue de S* (assinatura da enunciativa nos *posts*) apresenta-se na blogosfera desde março de 2007, no *Blogger*. Em tom humorístico, a autora apresenta-se como uma mulher: “Curiosa e (porque não dizê-lo?) cusca. Gosta de ver tudo, de cheirar tudo, de mexer em tudo, de saber tudo, de sentir tudo. Tudo a que tem direito. Escrita frenética e sem pretensiosismos”.

Neste caso, ao depararmos com esta apresentação, como leitores construímos uma pré-imagem da fiadora, como sendo curiosa ao ponto de querer saber de tudo que, no senso comum, poderá ser considerada como uma “cusca”. Portanto, a enunciativa revela

diretamente aos seus leitores uma imagem de si, que valoriza a leitura, o gosto por uma escrita inquieta e pela música. A construção do *ethos* desta enunciativa também é regulado pela foto de perfil, a qual aproxima a sua representação física ao mundo virtual. Nesta foto, a enunciativa está acompanhada com um cão, o que nos leva a pensar que gosta de animais. O próprio título do blogue contém já uma sugestão interessante: *As minhas pequenas coisas*. Este título transmite-nos uma das particularidades da prática dos blogues, em que a autora propõe partilhar as suas experiências ou opiniões sobre os mais variados temas, particularmente aquelas "pequenas coisas" do quotidiano. Para veicular a sua própria história, a autora coloca em evidência a sua intimidade, o que antes era considerado íntimo e privado, num espaço público, através do procedimento de confissão.

A imagem da capa manifesta uma cenografia moderada, sendo a cor predominante o branco. No *banner*, ou seja, a figura representativa do blogue, prevalece a cor amarelo, em que as palavras surgem com a cor branca, destacando a palavra “pequenas” a cor-de-rosa. Por baixo do título há uma citação: “Há gente que fica na história da história da gente...”

Para uma melhor compreensão, transmitimos seguidamente a capa do presente blogue:

Figura 7 - Imagem da *homepage* do blogue *As minhas pequenas coisas*.



<http://asminhaspequenascoisas.blogspot.pt/>

Esta citação é retomada a partir de dois versos da letra da música “Chuva” da fadista portuguesa Mariza. A fim de marcar a alteridade, podemos pensar que o enunciador identifica-se com o fado mas, por outro lado, leva-nos a pensar que o blogue é um reflexo das lembranças ou sensações vividas por parte da autora do blogue. Assim sendo, o *ethos* discursivo deste blogue remete-nos para um mundo adulto, pelo gosto da música e de animais.

No *post* de 17 de outubro de 2014, a enunciativa demonstra uma preocupação com a mudança de tempo e, de certa forma, uma irritabilidade devido a essa instabilidade pois, após algum tempo de frio, o tempo quente regressa.

Exemplo n.º 1

sexta-feira, 17 de Outubro de 2014

A chuva vai embora, regressa o tempo quente...
Nãoooo!

Não depois de todo o trabalho que eu tive a mudar os armários, a enfiar a roupa de Verão em sacos. Não depois de eu ter lavado 5 ou 6 máquinas com roupa de Inverno. Não depois de eu já me sentir aconchegada com a roupa mais quentinha.

Raisparta a instabilidade meteorológica.

Publicada por S* à(s) 09:51

Esta irritabilidade deve-se ao facto da enunciativa ter tido o trabalho em arrumar as roupas de verão, e ter lavado várias máquinas com a roupa de inverno. O uso da repetição da vogal [o] na palavra “Nãoooo!” como elemento de ênfase evidencia essa irritação, demonstrando deste modo, uma relação de proximidade com os leitores, assim como a contração da frase feita (raios o partam) “*Raisparta*”, constituindo assim, o *ethos* mostrado.

No entanto, a enunciativa faz uma ressalva: “Não depois de eu já me sentir aconchegada com a roupa mais quentinha.” Esta frase leva-nos a imaginar uma enunciativa friorenta, sensível ao frio e que gosta de se sentir aconchegada. Para além disto, transmite uma imagem positiva de si, transparecendo que é arrumada e tem cuidado com a sua indumentária. Com o ensejo de construir uma imagem de si no mundo textual, a enunciativa apela à resposta imediata e ativa dos seus interlocutores referindo factos reais, como é o caso da mudança do tempo.

Uma outra característica que se ressalva é a configuração entoacional da voz, característica presente das interações face a face. No blogue, essa configuração é realizada através de signos, os *emoticons*, ou através de sinais de pontuação. Neste exemplo constatamos a presença de reticências, resultando como um convite ao outro para continuar o seu enunciado, o uso do ponto de exclamação de forma a reforçar e demonstrar o seu desagrado e também na repetição da vogal da palavra “Nãoooo!”.

Este pequeno desabafo levou ao surgimento de 22 comentários que seguem, basicamente, em duas direções: alguns coenunciadores concordam com os constrangimentos do tempo, como por exemplo os comentários seguintes:

Exemplo n.º2

Manias de Mulher 17 de Outubro de 2014 às 10:21

O tempo anda mesmo estranho!

Exemplo n.º 3

Sofia Machado 19 de Outubro de 2014 às 23:58

Estou no mesmo barco! Já pus o calçado de pé ao léu todo atrás, para só ver botas e sapatilhas à frente e já não me consigo imaginar sem o meu cobertorzinho às costas para me aconchegar as tardes. Não me imagino a sair à rua de manga curta agora.

Por outro lado, surge uma coenunciadora que defende o regresso do bom tempo, porque ainda não arrumou as suas roupas de verão e, como é óbvio, apelam ao seu uso.

Exemplo n.º 4

A Coisa 17 de Outubro de 2014 às 15:01

Siiiiiiiiiiiiiiiiim. Venha ele, que eu ainda não arrumei nada, ainda tenho ali os calções, as sandálias e o biquini, em modo vá-lá-não-me-arrumes-usame-masé :p Além disso, lembro-me bem de o ano passado ter ido várias vezes à praia em Outubro e um dia em Novembro também.

Neste fragmento podemos observar claramente e de forma direta o *ethos* dito da coenunciadora, que demonstra que prefere o verão e não o inverno. Iniciando o seu enunciado com o advérbio de afirmação, o coenunciador demonstra a sua concordância face ao exposto, posição esta que é reforçada com a repetição da vogal [i].

No blogue de S* encontramos outra passagem onde se evidencia o *ethos* dito da enunciadora. No *post* do dia 15 de outubro de 2014, a enunciadora expõe a sua opinião sobre a polémica em torno do desfile da atriz portuguesa Jessica Athayde para a Cia. Marítima na Moda Lisboa. Ao desfilar em biquíni e de forma descontraída, a atriz foi alvo de críticas negativas por causa do seu corpo. A fim de alertar para este tipo de *bullying*, a atriz escreveu no seu blogue afirmando que as mulheres são permanentemente julgadas e criticadas, particularmente, por outras mulheres.

Consequentemente surgem várias críticas, quer positivas, quer negativas de várias personalidades da esfera nacional. Em seguimento a esta notícia, a enunciadora sente necessidade em escrever sobre o assunto, o qual transcrevemos em seguida.

Exemplo n.º 5

quarta-feira, 15 de Outubro de 2014

Sobre aquilo da giraça da Jessica Athayde...

É impressionante como somos nós, meros comuns mortais, cheios de defeitos físicos, os primeiros a criticar os outros. Apontamos o dedo, gozamos, achincalhamos.

Mas depois, lavamos daí as mãos, tal e qual Pôncio Pilatos, e dizemos que é "*a sociedade*".

Não, não é a sociedade, aquele conceito abstracto. Sou eu, és tu, somos nós. Se cada um tentar ser um bocadinho melhor, e olhar por si abaixo antes de apontar o dedo, talvez deixemos de ser assim idiotas.

O que vale é que a Jessica gosta de si e daquilo que é. Mas a maioria de nós não aguenta assim tão bem as críticas. Elas doem.

Publicada por S* à(s) 09:40

30 comentários

Este texto inicia-se com uma frase, a qual apela à memória recente de factos do quotidiano, divulgados na imprensa: " Sobre aquilo da giraça da Jessica Athayde..." a fim de legitimar o seu discurso.

Ao fazer referência a uma situação bíblica, o julgamento de Jesus Cristo por Pôncio Pilatos, a enunciadora apela, no fundo, a um saber enciclopédico, neste caso da sociedade judaico-cristã, destacando as constantes críticas que o ser humano faz ao outro. O uso do nome próprio no título do *post* visa diretamente o seu referente e pressupõe que o leitor conhece a realidade.

Para além disto, o uso do adjetivo "giraça" antes do nome indica-nos uma posição favorável da enunciadora face à referente em relação à polémica em questão.

Neste raciocínio, a enunciativa afirma que todos os humanos têm defeitos, não são perfeitos, no entanto estão sempre a criticar os outros, culpando e referenciando que é um problema da sociedade e não de cada um em particular. Cada um deve melhorar a sua postura e deixar de ser “idiotas”. Por sua vez, este *post* finaliza afirmando que, nem todas as pessoas têm a capacidade de lidar com as críticas, uma vez que magoam.

Neste texto verificamos o uso da primeira pessoa do plural “nós”, o que faz com que o coenunciador se reveja nesta posição, assim como a enunciativa. Além do mais, evidencia que a enunciativa se insere numa comunidade com defeitos e que são os primeiros a criticar os outros. Este *ethos* dito é reforçado com a frase: “Apontamos o dedo, gozamos, achincalhamos”. Nesta frase apercebemo-nos de uma imagem negativa de todos os participantes, enunciativo e coenunciador. Contudo, por outro lado, mostra-se capaz de reconhecer os seus erros e os da comunidade em que se insere, de forma a querê-los mudar, preservando, assim, a sua face.

Como seria de esperar, o *post* provoca reações no seu público e surgiram 30 comentários. Um deles é de um coenunciador que se auto-intitula de anónimo, que a seguir transcrevemos:

Exemplo n.º 6

Anónimo [15 de Outubro de 2014 às 13:37](#)

Tratam-se pior as mulheres umas com as outras, não havendo solidariedade entre elas, o que não o fazem em relação aos homens. E isso verifica-se a todos os níveis, mesmo aqui neste blog, por exemplo, quando comento como anónimo e pensam que eu sou mulher, a resposta que recebo de outras mulheres sobre determinado assunto é uma coisa, chegando mesmo a haver má educação. Mas se sabem (ou pensam que sabem) que é um homem, mesmo tratando-se do mesmo assunto, o respeito é bem mais visível, e são mais comedidas no que dizem. Muitas vezes a maior preocupação dessas mulheres é a de saberem se estão a falar com uma mulher ou com um homem, fazendo bluff para conseguir
isso.

De um/a, tanto faz, o que interessa mesmo é o que eu tenho escrito aqui e ponto final.

Neste comentário, o coenunciador censura visivelmente a posição que as mulheres têm face às outras mulheres, onde não há respeito ou solidariedade entre elas. Porém, quando estas lidam com os homens, estas patenteiam mais respeito e procuram ser mais prudentes com as palavras. Esta constatação demonstra que as mulheres não são unidas como os homens, fator este também apresentado neste blogue e nos comentários. Este

coenunciador ressalva também a diferença de comportamentos por parte das mulheres quando estão perante outras mulheres, ou quando estão perante homens.

Face ao exposto, a enunciativa não responde a este comentário, talvez para não prolongar mais a discussão ou ferir suscetibilidades.

2. *A mais picante*

No *Blogger* desde 2012, *A mais picante* constitui o segundo blogue a ser analisado.

Ao analisarmos a cenografia do blogue verificamos que, assim como o anterior, apresenta-se com um fundo branco, contrastando com o título do blogue a cor preta. A imagem do blogue é a seguinte:

Figura 8 – *Homepage* do blogue *A mais picante*.



<http://pipocamaispicante.blogspot.pt/>

A enunciativa intitula-se como “A mais picante” e recorre à imagem de malaguetas, denotando, assim, uma sintonia verbal e icónica, entre o título e a imagem. Esta informa o público em geral que este espaço constitui-se como “Um blog very snob-chic e três sarcástico”. Em destaque encontra-se um enunciado assertivo, de difícil compreensão

numa tira de cor vermelha: “Podemos tirar a mulher da Amadora, impossível será tirar Amadora da mulher”.

Esta *homepage* mostra que o seu objetivo é convocar um conjunto de leitores que não usem este espaço para questões sérias, mas sim como um espaço privilegiado para o sarcasmo e ironia, com o intuito de rir. Deste modo, este blogue conjectura um fiador criativo com um tom irónico e crítico.

No *post* datado de 31 de outubro de 2014, a enunciadora reflete sobre um artigo relativo ao piropo. De acordo com esse artigo, algumas mulheres consideram o piropo como uma “[...] experiência sexual não consentida e sem contacto físico”. Face a esta constatação, a enunciadora reflete e afirma que são mulheres felizardas, pois não têm nada preocupante nas suas vidas, a não ser que sejam “histrionicas”. Esta situação provoca um sorriso da enunciadora contudo, através do título do *post* pelo qual podemos atentar um *ethos* preocupado por “talvez” não ser verdadeiramente feminista. O uso deste advérbio sugere as suas dúvidas, configurando uma auto-caracterização da enunciadora, o que constitui o *ethos* dito.

Exemplo n.º 7

sexta-feira, 31 de Outubro de 2014

Talvez não seja verdadeiramente feminista, afinal...

Passo os olhos pelas notícias, chama-me a atenção um artigo sobre o piropo, parece que há mulheres que apelidam o piropo de "experiência sexual não consentida e sem contacto físico", enquanto se dizem vítimas desse fenómeno.

Eu sorrio e fico a pensar que elas são umas felizardas, na verdade não têm nada de verdadeiramente preocupante nas suas vidas.

(a não ser o facto de serem meio histrionicas, claro está...)

Publicada por A Mais Picante à(s) 16:00 28 comentários:

Etiquetas: Coisas estúpidas, Sociedade

28 comentários:



1.

Cláudia 31 de Outubro de 2014 às 17:23

Se uma pessoa até vem aborrecida cá com alguma coisa da sua vida e passa por nós alguém que nos chama linda...se calhar não devia, mas isso é coisa para me fazer sorrir por dentro, embora por fora não o demonstre.

Bom fim de semana Picante.



1.

A Mais Picante 31 de Outubro de 2014 às 17:55

Nem mais. Não percebo tanta preocupação e alarido com a coisa.
Bom fim-de-semana Claudia.

Nos dois comentários seguintes verificamos um diálogo entre a coenunciadora e a enunciadora sobre o *post*, afirmando que um piropo é algo que a faz sorrir no seu interior e deseja-lhe um bom fim de semana. Em resposta, a enunciadora concorda com a sua posição face ao tema em discussão e também lhe deseja um bom fim de semana. Evidencia-se, portanto, neste exemplo, uma das especificidades a que aludimos na recensão teórica anterior, pois comprova-se a interatividade permitida através deste diálogo com os leitores, estimulando à construção coletiva dos textos. A comprovar podemos observar que, tanto a enunciadora, como a coenunciadora tratam-se pelo nome próprio, o que atesta alguma familiaridade entre ambas. Por conseguinte, ao concordarem com o que foi exposto, as enunciadoras afirmam pertencer a um determinado grupo com determinadas referências (não dar muita importância ao piropo).

A construção do *ethos* desta enunciadora é regulado pelo *ethos* dito, claramente visível no seguinte *post*, datado do dia 31 de outubro de 2014.

Exemplo n.º 8

Nos comboios, como na vida

Tenho cá para mim que ele há três tipos de pessoas, com quem nos cruzamos. Se pensarmos que isto da vida não é mais que uma viagem, percebemos que nem damos conta da maior parte das pessoas por quem passamos, meros passageiros que calha terem apanhado o mesmo comboio, para quem nem olhamos a menos que esbarrem em nós, para quem sorrimos quando nos pedem desculpa, enquanto dizemos que não foi nada e seguimos caminho, se os tornarmos a encontrar é possível que nem lhes reconheçamos a cara - são os nossos conhecidos, não lhes sentimos a falta quando se vão, não tornamos a pensar neles. Por contraste, há aqueles que escolhemos para nossos companheiros, aquelas pessoas com quem planeámos a viagem, que nos acompanharão do princípio ao fim, no meio de discussões sobre paragens, locais onde pernoitaremos, sítios que visitaremos, serão os nossos amigos, filhos, pais, maridos e mulheres, as nossas pessoas, se preferirem.

E depois? Depois há um terceiro grupo, entram-nos portas adentro, de repente, sem pedirem licença, instalam-se ao nosso lado, tornam-se companheiros de viagem, uma espécie de amigos, fazemos planos conjuntos, nada de muito definitivo, apenas apear-nos e passar aqui ou ali, fazemo-lo ainda sem bem saber se são para ficar ou se continuarão viagem, noutra qualquer carruagem, para outro destino, diferente do nosso. São pessoas que aparecem por alguma razão, talvez enviadas pelos anjos, talvez seja Deus a andar connosco ao colo, nos momentos piores. Pessoas que vão embora uma vez cumprida a sua tarefa porque, na verdade, não pertencem à nossa vida, nunca serão das nossas pessoas. Sentimos-lhes a falta quando se vão, nem bem por os querermos na mesma carruagem, que não queremos, mas pelo significado do percurso conjunto. Sabemos que temos de os deixar ir, as coisas são como são e eles já cumpriram o seu papel.

Gosto de pensar que estas pessoas são sinais da existência de Deus que, não transformando a água em vinho, nos envia quem nos ajude a levantar e a ultrapassar maus momentos. Depois? Depois é connosco, seguimos viagem mas, de quando em vez, não deixamos de olhar para trás e sorrir com saudade, de pensar como estarão, de lhes desejar que sejam felizes.

Publicada por A Mais Picante à(s) 09:00 16 comentários:
Etiquetas: Filosofia Picanteana, Pessoas da Picante

Neste fragmento, o enunciador reflete sobre as pessoas que passam na nossa vida. Este categoriza três tipos de pessoas: aquelas que são meros conhecidos; aquelas que são companheiras na vida, como é o caso dos amigos, família, etc. E por fim, as pessoas que aparecem na nossa vida por alguma razão. Quanto a este último grupo, podemos observar o *ethos* dito do enunciador, no que diz respeito à criação da sua imagem. Ao fazer referência à religião, esta regula as expectativas dos seus coenunciadores em relação ao seu discurso.

Assim sendo, ao fazer um paralelismo entre as pessoas que encontra no comboio e as da sua vida, a autora constrói uma imagem de si: uma mulher religiosa, o *ethos* dito, e de alguém que utiliza regularmente o comboio, *ethos* mostrado. Ao comparar a vida com o comboio, a enunciativa faz uma análise à sua própria vida, ensaiando construir uma imagem de credibilidade e, de certa forma, de religiosidade.

Deste modo, o presente *post* vai de encontro às expectativas dos seus leitores ou coenunciadores, uma vez que partilha do mesmo universo de referências, subscrevendo a posição da autora do blogue, como no exemplo seguinte:

Exemplo n.º 9:

Anónimo 31 de Outubro de 2014 às 09:23

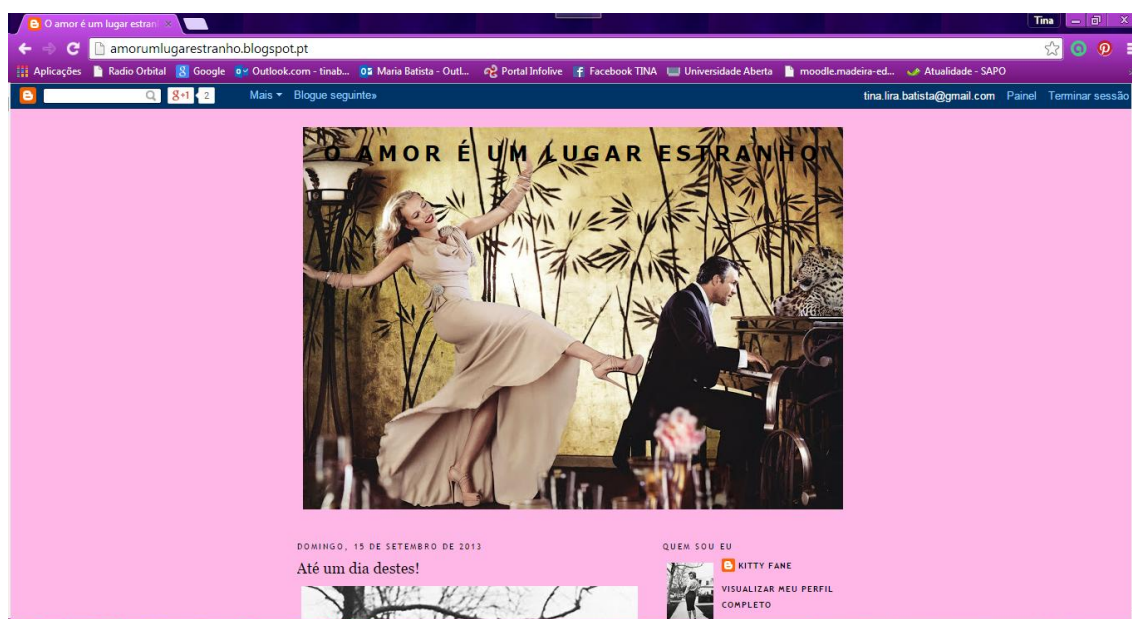
Costumo fazer este mesmo paralelismo, tão verdadeiro, tão real. Engraçado, que hoje quando li este texto, estava a recordar alguns passageiros que saíram numa estação mais lá atrás e o porquê de alguma vez terem entrado... Bom dia picante!!!!

Através de um discurso psicológico, o enunciador interage consigo próprio e com os outros, através de uma interpretação do mundo em que vive e o desejo em expor a sua intimidade emocional.

3. O amor é um lugar estranho

A imagem seguinte reflete a *homepage* do blogue *O amor é um lugar estranho*, da autoria de uma jovem professora, do distrito de Lisboa.

Figura 9 – *Homepage* do blogue *O amor é um lugar estranho*.



<http://amorlugarestranho.blogspot.pt/>

No *Blogger* desde janeiro de 2007, o enunciador escreve para partilhar alegrias, tristezas, desabafos, sobre o sentido da vida ou postar pequenas dedicatórias à sua filha. Ao percorrermos os seus textos constatamos uma fiadora que tem cuidado com a linguagem usada, gosta de viajar e de moda.

Refletindo agora um pouco sobre a sua *homepage* verificamos um *template* sóbrio e simples, com um pano de fundo cor-de-rosa e a fotografia de Scarlett Johansson e Mark Ruffalo por Mario Testino como *banner*.

O último *post* foi publicado a 15 de setembro de 2013, com o título “Até um dia destes!”. Neste *post*, a enunciativa afirma que sempre gostou de *blogar* e que voltará, possivelmente no ano seguinte, ou quando for bem velhinha. Esta afirmação pode-se observar no exemplo seguinte:

Exemplo n.º 10

DOMINGO, 15 DE SETEMBRO DE 2013
Até um dia destes!

Este blogue trouxe-me coisas maravilhosas. Sempre adorei blogar, numas alturas, mais do que noutras, é certo, mas sempre adorei esta coisa de poder chegar através das palavras e das imagens a outras pessoas. No entanto, chegou a altura de fazer uma pausa no Amor é um Lugar Estranho. Continuarei a ler aqueles blogues que sempre gostei de ler, continuarei a torcer para que as pessoas

que leio há anos sejam felizes. Voltarei um dia destes, quem sabe no próximo ano ou quando for bem velhinha.

Até já e obrigada a todos pelo carinho e por tudo. ♥

POSTED BY KITTY FANE AT 17:58 55 COMENTÁRIOS:

Este *post* trata-se de uma mensagem de despedida, em que se veiculam inúmeros traços essenciais para a construção do *ethos*. A enunciadora denuncia o seu fascínio pela escrita e pela leitura, quer no passado, quer mostrando que continuará a desenvolver essas atividades no futuro. Todavia, sem invocar qualquer razão, anuncia que vai fazer uma pausa, embora não escancare a sua intimidade, pois não alega qualquer razão para o fazer. O leitor não entra assim totalmente na intimidade da enunciadora. Desta forma, a construção do *ethos* da enunciadora é regulada pelo estereótipo de uma professora que domina a norma culta e o gosto pela escrita.

Todavia, a apresentação do *ethos* dito pode ser observado em vários *posts*, como podemos constatar no exemplo seguinte:

Exemplo n.º 11

SEXTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 2013

Ai as minhas cruzes

Eu sei que os instrutores dos ginásios querem que as pessoas vejam resultados rápidos, mas não havia necessidade de darem assim cabo de uma pessoa logo no primeiro dia. Quando me disseram qual seria o treino indicado para atingir os meus objetivos (que são tonificar e perder alguma gordura localizada), eu achei que era demasiado, mas fui fazendo, achando que não ia ser tão rigoroso e tão doloroso. Mas foi. E para quê? Dói-me cada músculo do meu corpo de tal forma que só vou conseguir voltar ao ginásio na segunda.

POSTED BY KITTY FANE AT 16:23 6 COMENTÁRIOS:

Neste texto, a escrevente revela, através do *ethos* dito, um pouco da sua personalidade, mostrando que vai ao ginásio e que está preocupada com a sua preparação física: “ [...] que são tonificar e perder alguma gordura localizada [...]”. Poder-se-á porventura deduzir que se espelha um *ethos* autocentrado, com referências apenas ao seu “eu” e à sua imagem.

Para além do mais, constatamos um desdobramento do eu enunciativo, no momento em que faz um diálogo consigo própria, quando coloca em questão todo o esforço realizado no ginásio: “ E para quê?”. Esta questão também é característica de um incentivo à interação dos seus coenunciadores, como no exemplo seguinte:

Exemplo n.º 12

Clau disse...

Cara Kitty... primeiro estranha-se e depois entranha-se. Trust me! ;) Nunca pensei em, primeiro, ficar tão elegante como estou hoje, segundo, ter ficado (oficialmente e assim comprovo essa teoria!), viciada em exercício físico. Pratico Total Condicionamento, Body Combat e Zumba (os primeiros alternadamente) o terceiro religiosamente. Dói, mas se dói é porque está a fazer efeito..

11 de setembro de 2013 14:58

Neste comentário constatamos novamente uma frase sentenciosa, um saber enciclopédico, para reforçar a ideia, naquela perspectiva da voz da autoridade.

Este *post* está relacionado com a foto de perfil, pois patenteia como a enunciadora se representa fisicamente no mundo virtual, ou seja, a partir das características apontadas na foto, da eterna Marilyn Monroe, a enunciadora inscreve-se no ciberespaço como uma mulher que cuida da sua aparência e se preocupa com a beleza física. Neste seguimento, o seguinte *post* é acompanhado com uma foto da referida atriz para celebrar os sete anos do blogue.

Exemplo n.º 13

DOMINGO, 1 DE SETEMBRO DE 2013

Sete anos de blogue



Marilyn Monroe fotografada por Dennis Stock/Magnum Photos, 1953

Este blogue faz hoje sete anos. Sete. Há sete anos que escrevo no Amor é um Lugar Estranho. Passados estes sete anos tudo mudou na minha vida e tenho consciência de que sou uma pessoa bastante diferente daquilo que era. Felizmente. Por vezes olho para os arquivos e já não me identifico com nada daquilo que escrevia e fico com imensa vontade de apagar tudo. Sinto até uma certa dose de vergonha, juro. Mas depois penso que tudo aquilo fez parte de mim e do meu passado e deixo estar. Graças a Deus, todos evoluímos.

Por tudo isto, muito obrigada a todos os que me visitam e gostam de ler os disparates que eu escrevo, sobretudo aos resistentes (eu sei que os há) que continuam cá desde o início do blogue e que ainda não me mandaram às urtigas.

POSTED BY KITTÝ FANE AT 15:18 22 COMENTÁRIOS.

Como podemos comprovar, neste fragmento a escrevente fala diretamente sobre si própria e como evoluiu ao longo dos anos como pessoa. Este *post* é uma prova como o blogue representa um espaço enunciativo que, apesar de sentir alguma vergonha pelos seus escritos passados, a enunciativa transmite uma imagem positiva de si própria, articulando, ao mesmo tempo, com a foto de Marilyn Monroe. Assim, através do *ethos* mostrado, a enunciativa procura mostrar a sua imagem no mundo dos adultos, uma vez que já não se identifica com esses pensamentos do passado. No último parágrafo do *post*, esta dirige-se diretamente aos seus coenunciadores, agradecendo-lhes pela sua presença constante. Aqui nota-se nitidamente uma preocupação com a sua imagem face aos seus leitores, pois, apesar dos seus “disparates”, continuam a seguir o blogue.

Desta maneira, este blogue pressupõe a figura de uma fiadora que utiliza um tom, por vezes, irónico consigo própria e também religiosa: “Graças a Deus [...]”.

Como seria de esperar, este *post* provocou uma ampla interação junto dos seus coenunciadores, verificando-se 22 comentários, muitos dos quais, os tais “resistentes” que a seguem desde o seu início. A fim de ilustrar essa interação entre os leitores e o seu escrevente, colocam-se seguidamente alguns desses comentários:

Exemplo n.º 14

Enunciador Maria disse...
Muitos parabéns!!!
Estou a segui-la desde 2007 :D
Tudo de bom...
(e nada de apagar arquivos!!!)
1 de setembro de 2013 15:49

Enunciador Dina Rosa disse...
Gosto muito de aqui vir. Não apagues os teus arquivos, fazem parte de ti. Felicidades!
2 de setembro de 2013 00:40

Nestes comentários atestamos que os coenunciadores conversam/interagem com o seu enunciador, relativamente ao assunto publicado. Assim sendo, estes revelam a alegria em seguir o presente blogue e, ambos fazem uma cobrança ao enunciador, que não apague os seus arquivos, pois são o reflexo de crescimento, mudança e do que o enunciador vivenciou. Estes comentários denotam que o discurso do escrevente é examinado pelas expectativas dos seus coenunciadores.

Ao utilizar uma função emotiva, em que a mensagem é voltada para o campo da primeira pessoa do discurso, a enunciadora demonstra uma necessidade em captar a atenção dos seus leitores com recurso aos seus pensamentos, à sua intimidade construída.

Importa ainda dizer que os leitores, coenunciadores das mensagens, reagem de forma entusiástica, numa forma de incentivo a continuar e a não renegar o passado, ajudando, assim, a construir o *ethos* da enunciadora, colocando-se numa posição mais frágil e humilde. Este reforço presente nos comentários ajuda à construção do *ethos* e à elevação da auto-estima da autora.

4. A janela de mim

A imagem seguinte reflete a *homepage* do blogue *A janela de mim*, outro dos blogues que integra o *corpus* selecionado.

Figura 10 – *Homepage* do blogue *A janela de mim*.



http://azul_mar.blogs.sapo.pt/

Este blogue é da autoria de Tânia que explicita que é enfermeira e que reside em Coruche, Ribatejo. No *post* seguinte constatamos explicitamente a sua profissão:

Exemplo n.º 15:

Coisas que me dizem # 5.

Oiço: *Menina Enfermeira!*

Eu: *Diga...*

Oiço: *Não se lembra de mim? Era minha enfermeira no Centro de Saúde da Reboleira! A Enf. Re. disse-me que estava a trabalhar aqui e como é um hospital privado olhe, fiz um seguro de saúde para poder cá vir e ser atendido por si.*

Eu: nada. Faltaram-me todas e quaisquer palavras.

Sinto: um abraço

T.

sinto-me: 

tags: 2014, enfermagem, feliz, lisboa, miminhos, vidas

publicado por T. às 18:34 | [link do post](#) | [comentar](#) | [ver comentários \(2\)](#)

Com um fundo branco e apenas com uma imagem de uma janela, este blogue é um diário da sua enunciativa, no qual reflete todas as suas angústias, os seus desejos, sonhos, tristezas e alegrias. É um espaço de meditação que, através do gosto pela escrita, a enunciativa postula um *ethos* preocupado em ser feliz.

Posposto ao título do blogue encontramos uma citação de Adalberto Godoy: “O tempo não espera por ninguém. O ontem é história. O amanhã é mistério. O hoje é uma dádiva, por isso se chama presente”. Ou seja, remete para um *ethos* que tenta viver o presente sem estar presa ao passado ou ao futuro. De facto, uma das características próprias do blogue é essa mesma preocupação com o presente. Tudo parece fragmentado, repleto de descontinuidades e instabilidades.

No que se refere ao *template*, este blogue apresenta uma cenografia simples, com algumas fotografias da enunciativa, mas apenas com parte do rosto, vídeos e *emojicons* no fim de cada *post* a indicar as suas emoções.

A partir de uma observação do presente blogue, no campo do *ethos* discursivo, a fiadora mostra-se como alguém de ideias fixas e com objetivos concretos. O *post* apresentado foi publicado no dia 10 de setembro de 2014, quatro anos depois do seu início.


Exemplo n.º 16

Tânia.

Quarta-feira, 10.09.14

Tânia. O meu nome é Tânia. Não é o mais bonito do mundo nem o mais feio. É o meu. É a primeira vez que escrevo tal coisa por aqui... E continuarei a assinar com a minha inicial, dado que sempre o fiz

assim. Porque é que o estou a revelar neste momento? Não sei bem... Ou talvez o saiba. Escrevo-o hoje porque me sinto a revelar. Sinto que me estou a voltar a mostrar ao mundo... E este é um passo tão importante - desmontar-me, reconhecer os meus flancos, reconhecer fragilidades e gavetas mal arrumadas. Estou a começar a reconstruir-me, tanto a nível pessoal quanto profissional.
T.

sinto-me: 

música: “Eu valho a pena. E tenho o mundo para te dar.”

tags: 2014, dúvida, enfermagem, lisboa, saudade, viagens

publicado por T. às 10:34 | [link do post](#) | [comentar](#) | [ver comentários](#) (2)

Pela primeira vez, a enunciadora afirma para o seu público que se chama Tânia, mas continuará a assinar os *posts* com a sua inicial T., constituindo assim o *ethos* dito.

Na frase “Não é o mais bonito do mundo nem o mais feio!”, constatamos uma negação ou refutação pressuposicional, que “[...] visa a refutar a pressuposição associada ao enunciado rejeitado”. (Maingueneau: 1997, 83). Isto é, a segunda enunciação (“[...] nem o mais feio”) justifica e retifica o enunciado rejeitado. Este enunciado põe em cena um enunciador com duas posições antagónicas em relação ao seu nome próprio, o qual primeiramente assume uma visão negativa e, depois rejeita esse próprio ponto de vista.

Por outro lado, verificamos um desdobramento do *eu* quando coloca em questão o porquê desta revelação: “Porque é que o estou a revelar neste momento?”. Como resposta, a enunciadora transmite, mais uma vez, um enunciado negativo, mas que é contraditório, através da frase “Ou talvez o saiba”.

Este exemplar ilustra o *ethos* dito da enunciadora, inserindo-se no mundo em que vive, a revelar-se e a reconstruir-se, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

Em resposta ao *post*, e reforçando o aspeto interativo deste género digital, um coenunciador dialoga com a enunciadora (ver exemplo 17) iniciando com uma questão, como se fosse uma cobrança. Este afirma que a enunciadora ao mudar de equipa de trabalho não quer dizer que deverá deixar as amigas que fez e que existem formas para colmatar esse afastamento, como por exemplo tomar café, ir ao cinema, etc. Este comentário refuta que o discurso da enunciadora é regulado pelas expectativas dos seus coenunciadores, como poderemos constatar:

Exemplo n.º 17

Eu, simplesmente! a 10 de Setembro de 2014 às 18:39

E tens que cortar com os membros da equipa, particularmente com aqueles com que mais te identificas?

Quando deixamos um trabalho - ou apenas uma equipa -, regra geral fica uma saudade, uma certa nostalgia de tudo o que vivemos juntos, de tudo o que partilhámos, só que tudo isso se pode colmatar.

Por vezes basta o café que se toma em conjunto, a ida ao cinema, o passeio que se combina, há mil coisas que atenuam essa sensação de perda.

Vais ver que a amizade que fizeste, se verdadeira, perdurará.

No seguinte *post* a ser analisado, publicado no dia 4 de setembro de 2014, a enunciativa relata um episódio vivido em frente a um espaço comercial.

Exemplo n.º 18

Quinta-feira, 04.09.14

Juízo final.


Estávamos a passar pela frente do Continente do Colombo, em direcção às escadas rolantes que vão dar ao parque de estacionamento, quando me comecei a sentir observada. A pessoa olhava, continuava a andar, voltava a olhar para trás e assim continuava. Eu, que não gosto disso e que faço caras feias às pessoas quando sinto que me estão a olhar em demasia, fiquei inquieta sem perceber o porquê da insistência. Percebi depois o motivo: a senhora que conduzia um carrinho de compras, acompanhada por um menino bonito e feliz, conhecia a pessoa que me ladeava e cuja mão encaixa perfeitamente na minha. “Olaaaaa!!!” – ouvimos. E ali ficámos, em conversa típica de profissionais de saúde. Eu ía tomando atenção à conversa acerca do nosso meio profissional mas, simultaneamente, os meus pensamentos voavam na tentativa de absorver aquela pessoa que tinha diante de mim. Um sorriso enorme, um olhar brilhante... Fiquei ali, a olhá-la. “Já há uns quantos dias que não faço urgência no hospital porque... Sabes que ser mãe solteira não é fácil... Estamos nas cinco semanas de conhecimento e... O que te posso dizer?” – dizia-nos enquanto sorria com o coração e com os lábios. Apaixonada – foi assim que eu a vi. Linda.

Uma mulher na casa dos 30 e poucos anos, solteira, médica, com o processo de adopção em curso de um menino de seis anos, africano. O que me fez adorá-la? O brilho dos olhos. Se isto é normal? Talvez até o possa ser... O problema é que vivemos num mundo de anormalidades gigantes. Tristes anormalidades. E ser normal é... Tão, tão bom e raro. Fui feliz ali, naquele momento. Vi uma felicidade enorme na cara de ambos os intervenientes desta história. E nós... Ficámos ali, agarrados e deslumbrados com o filme que tínhamos diante de nós. Vale a pena, vale tanto a pena, conhecer pessoas assim na vida.

Pedi-lhe desculpa com o olhar e com o coração. Fazer pré-juízos sem conhecer pessoas é um erro crasso que me continua a perseguir. Vamos lá a crescer? Vamos lá a perceber que por detrás de um olhar desconhecido pode estar um coração resplandecente e que tanto tem para ensinar e partilhar?

Depois do errado pré-juízo veio o juízo final: quando for grande, quero ter um coração tão brilhante quanto o desta pessoa.

T.

sinto-me: 

tags: 2014, amor, sorrisos, vidas

Neste texto verifica-se claramente o *ethos* dito da enunciadora, ao afirmar que não gosta de ser observada e, como tal, faz caras feias a essas pessoas quando é observada em demasia. No entanto, ao longo da conversa reportada, a enunciadora transmite que foi feliz por ter conhecido a pessoa que tanto a observava, e julgou-se por fazer pré-juízos de desconhecidos. Deste modo, a escrevente revela preocupação relativamente a este aspeto e quanto à sua imagem perante os seus leitores. Nesta questão, verifica-se um estereótipo que direciona a constituição do seu próprio *ethos*.

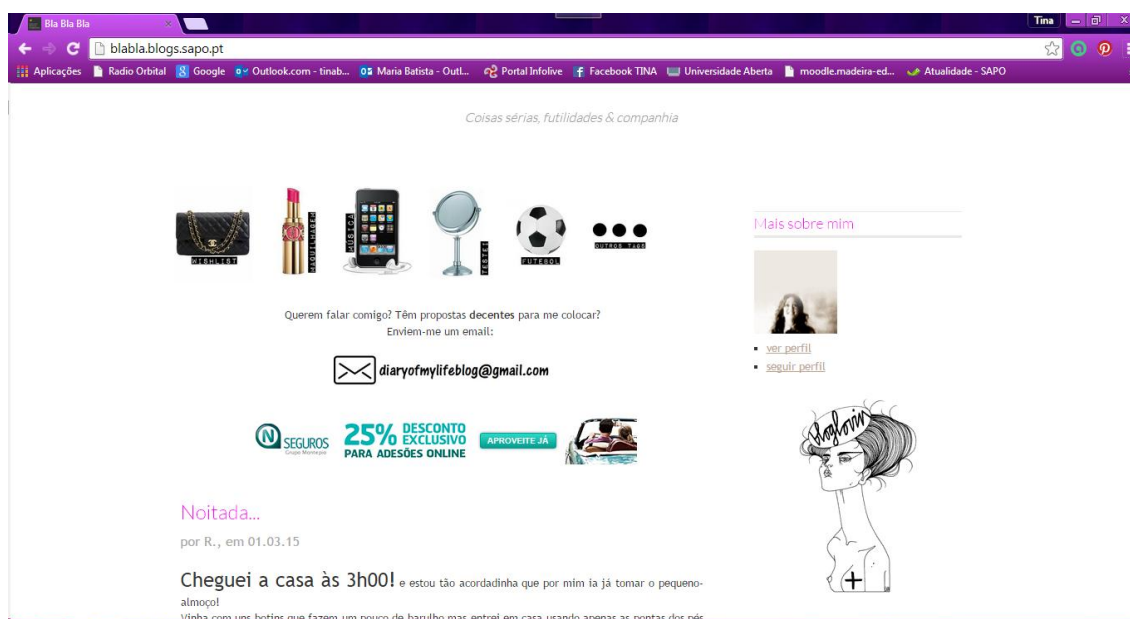
Por outro lado, neste texto, a enunciadora instaura a voz do outro através da citação da mulher que encontrou no centro comercial. Portanto, o *ethos* discursivo de T. cria uma fiadora inteligente, com uma linguagem culta e emotiva, a qual, em cada *post* constrói diretamente o *ethos* ao falar da sua própria vida.

No que se concerne ao *ethos* mostrado, este é revelado quando a enunciadora se mostra preocupada com as pessoas que ama, com o seu trabalho e com as suas amigas.

5. *Bla Bla Bla*

O blogue *Bla Bla Bla* evidencia o seu objetivo central: falar de “Coisas sérias, futilidades & companhia”, como podemos constatar na figura seguinte.

Figura 11 – Homepage do blogue *Bla Bla Bla*.



<http://blabla.blogspot.pt/>

Ao contrário do blogue anterior, a *homepage* do presente chama à atenção para algumas imagens que surgem sob um fundo branco: uma mala preta de senhora; um conjunto de batons; um telemóvel com auscultadores; um espelho de apoio; uma bola de futebol e reticências. Estas imagens estão associadas aos *tags* publicados, da enunciadora, construindo uma cenografia com muitas imagens e hiperligações, característica comum nos géneros digitais.

Ao observar este blogue rapidamente constatamos que se trata de um espaço de uma jovem ligada à imagem e à moda. Portanto, é possível afirmar que o *ethos* pré-discursivo está em perfeita sintonia com a cenografia proposta. De facto, para além de ser um espaço de reflexão pessoal, este edifica-se também como um blogue de moda e cosmética, no qual, a enunciadora experimenta alguns produtos e dá o seu parecer ao público. Entretanto, em muitos *posts* reconhecemos a construção do *ethos* da enunciadora.

No exemplo seguinte verificamos a ênfase do seu discurso: revelação de elementos da sua vida, como é o caso do gosto por viagens ou por moda.

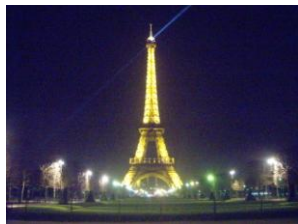
Exemplo n.º 19

Porque estamos na Paris Fashion Week

por R., em 26.09.14

e de repente deu-me uma vontade descomunal de voltar a Paris.

Já lá fui este ano mas voltava lá amanhã se pudesse.



A Torre Eiffel fica linda a brilhar mas é estupidamente difícil tirar uma foto que consiga captar devidamente o momento (como se pode ver pela fotografia, da minha autoria). Nesta noite, em Paris, onde não havia ninguém na rua e o tempo era ameno fiquei, por volta da 1 da manhã, sentada na relva a olhar para a Torre Eiffel. **Que sensação do caraças!**

publicado às 02:15

Ao analisar este texto apuramos um estereótipo de uma mulher que se preocupa com a imagem e beleza, através do título do *post*. Por outro lado, podemos averiguar o *ethos* da enunciadora ao afirmar que já foi a Paris e que, de repente sente necessidade em regressar a esta cidade. Contudo, constrói uma imagem humilde, ao espelhar uma imagem negativa quando afirma que não consegue captar em imagens toda a beleza da Torre Eiffel, ou seja, mostra-se incapaz de tal proeza. O que faz com que seja refletida a imagem de uma fiadora com poucos conhecimentos fotográficos, mas, por outro lado, evidencia a dificuldade em transmitir por imagens a beleza única do monumento.

No entanto, num tom descontraído, a enunciadora muda o seu discurso face aos seus coenunciadores ao explicar o contexto da fotografia. Ao afirmar que, quando tirou a fotografia não havia ninguém na rua, a enunciadora transmite uma imagem de uma fiadora segura e sem receio em estar sozinha de noite num lugar estranho ou longe de casa. O fragmento finaliza com uma expressão em negrito, o qual evidencia um *ethos* descontraído e divertido, assim como a intenção de enfatizar o enunciado, o que revela o recurso à memória e às emoções manifestadas face à beleza do monumento.

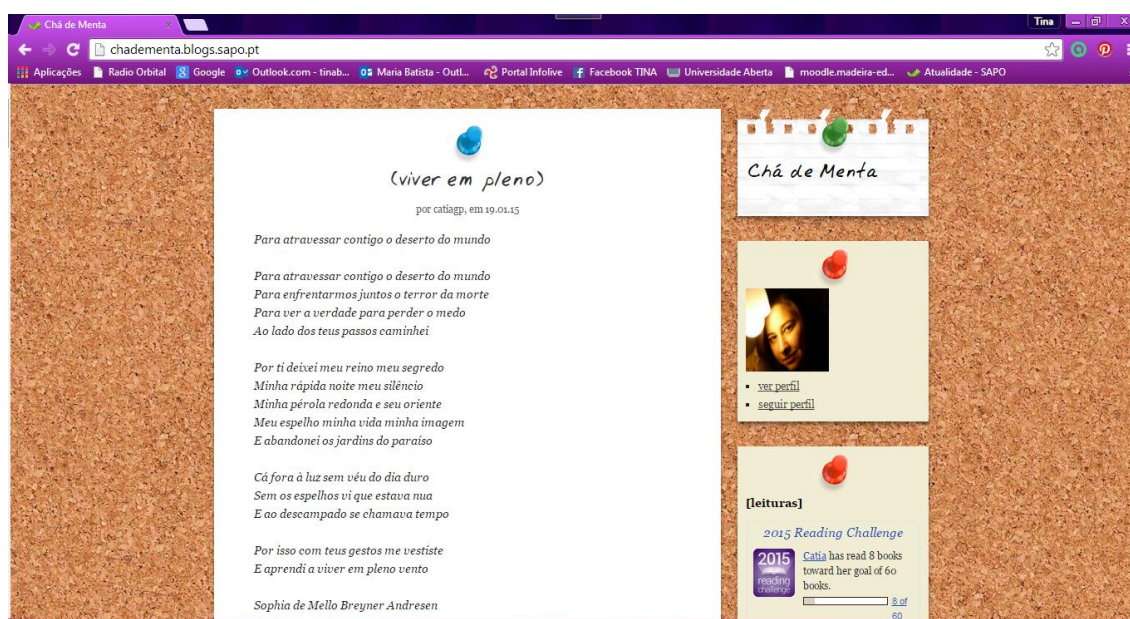
Este blogue apresenta-se com uma cenografia simples, mas atrativa, com muitos ícones semióticos, fotos e vídeos. No lado direito, a fotografia da enunciadora surge em movimento, edificando uma imagem da sua corporalidade. Ao centro do blogue, a escrevente interage com o seu público de forma explícita ao pedir que estes enviem propostas “decentes”, ou simplesmente entrem em diálogo consigo. Para que isso aconteça, a enunciadora indica o seu correio eletrónico. Ao indicar este recurso, o escrevente convida

o leitor à partilha, expondo-se na sua totalidade, já que o endereço electrónico não é habitualmente disponibilizado no género blogue. Ou seja, ao disponibilizar o *e-mail*, a escrevente insere-se na realidade, construindo desta forma o seu *ethos*.

6. *Chá de menta*

No sexto blogue analisado, *Chá de menta*, a enunciadora é uma jovem mãe, casada há 10 anos. A imagem seguinte corresponde à *homepage* do mesmo.

Figura 12 – *Homepage* do blogue *Chá de Menta*.



<http://chadementa.blogs.sapo.pt/>

Como podemos observar, o *ethos* pré-discursivo deste blogue liga-o a um mundo adulto, uma vez que apresenta uma cenografia sem muitos ornamentos, apenas com um pano de fundo semelhante a uma imagem que normalmente está associada a um objeto de partilha de recados ou de informações relevantes. No lado direito podemos observar a fotografia da enunciadora, o que possibilita construir uma imagem pré-discursiva, assim como atribuir uma corporalidade à imagem da fiadora.

Relativamente ao *ethos* discursivo, este é atestado em muitos dos seus textos, como é o caso no *post* seguinte.

Exemplo n.º 20

(Querido, mudei o Sapo?)

01.10.14

Hoje, de repente, senti-me como uma pessoa que foi visitada pelo "Querido, mudei a casa"... Só que, neste caso, foi "Querido, mudei o Sapo".
Well done!

Neste *post*, datado do dia 1 de outubro de 2014, a enunciadora mobiliza elementos da memória discursiva dos seus coenunciadores, nos quais se destacam um programa de televisão “Querido, mudei a casa”, anotando as implicações que decorrem da mudança de funcionalidades do Sapo Blogs. Apesar de não estar nada à espera dessas mudanças, a enunciadora aprova-as, com referência a uma frase em inglês: “Well done!”

A utilização do advérbio temporal “hoje” confere um carácter deítico, uma vez que o tempo do enunciado coincide com o tempo da enunciação, que, de acordo com Maingueneau (2004, 108), estes “embrayeurs” temporais “[...] têm como ponto de referência o momento de sua enunciação [...]”.

Com um carácter marcadamente autobiográfico, de exposição da sua intimidade, o próximo *post* relata os últimos preparativos para a chegada do seu bebé Hugo.

Exemplo n.º 21

(Três Corações | 4)

05.09.14

Recta final

O terceiro trimestre foi fisicamente cansativo mas tranquilo. Me senti mais lenta e pesada; por outro lado, tudo tinha de ser ultimado e preparado para a chegada do nosso pequeno Hugo.

A ligação estabelecida nesta fase é fantástica. Foi a fase em que os movimentos do nosso bebé se tornaram mais evidentes. Dentre as várias coisas que aconteceram durante a gravidez, desta jamais esquecerei: o G. a falar para a minha barriga. Dizia "tenho tanta curiosidade de conhecer-te Hugo!" e "quero tanto ver como és!". E quando ele colocava a mão sobre a minha barriga, parecia que o pequeno Hugo corria em direcção do calor do pai. E, passados nove meses, ainda o Hugo corre em direcção ao pai, de sorriso aberto.

Algumas vezes, surgia a agitação de pensar se conseguiríamos ter tudo pronto a tempo e horas e, felizmente, tudo foi se encaixando. É um mistério. Conforme a data se aproximava, o medo era uma realidade para mim. Sim, é verdade, um grande e terrível medo. "E se não correr bem?". "Serei

capaz?". O G. foi o meu grande alicerce. Nestas coisas estou convicta de que o amor tem esta centelha de parceria. Não seria capaz de enfrentar tudo sem ele ao meu lado. Todas as minhas angústias esbatiam-se ao longo das suas palavras tranquilizadoras, sábias e optimistas. Ele é o grande presente que Deus colocou na minha vida. E agora, com o Hugo, são dois grandes presentes. Outro aspecto que me conferiu grande tranquilidade: aulas de preparação de parto. Psicológica e fisicamente também foram fundamentais. Nunca me hei-de esquecer o papel que a Enf^a Fátima teve neste processo. Penso que o nosso parto não teria sido o mesmo sem esta prévia preparação. E, por isso, além de estar grata à Deus por essas aulas, também agradeço à Ele pela ajuda da minha amiga I. que indicou este curso.

Neste texto, a enunciativa reflete sobre os últimos momentos de gravidez, concretamente, o último trimestre. Afirma que foi muito cansativo, mas tranquilo devido à ligação com o seu bebé. O seu marido G. é considerado como o seu alicerce, particularmente quando se aproximava a hora do parto. Através do *ethos* dito, a enunciativa revela o seu medo do parto, mas as palavras tranquilizadoras, sábias e optimistas do seu companheiro foram cruciais para enfrentar tais angústias.

Ao mesmo tempo, no discurso da enunciativa está presente a formação discursiva que se instaura no que é uma relação entre uma mulher e um homem. Neste caso, a sua relação baseia-se no amor e companheirismo, uma vez que, juntos conseguiram pôr tudo pronto para a chegada do filho.

No final do *post*, há vários enunciados referentes à religião, nos quais a enunciativa afirma que o seu marido e o seu filho são presentes de Deus, e agradece a esta entidade pelas aulas de preparação do parto, a enfermeira Fátima e pela amiga I. que indicou esse curso. Este acontecimento reflete a imagem de uma fiadora assombrada, ansiosa e assustada em relação ao parto. Contudo, esta situação é tranquilizada pelas pessoas envolventes. Além disso, confere uma fiadora religiosa, que expressa a sua fé em Deus, reforçada pelo uso do discurso direto como forma de evidenciar a heterogeneidade do seu discurso, e agradecida pelo apoio que teve na gravidez.

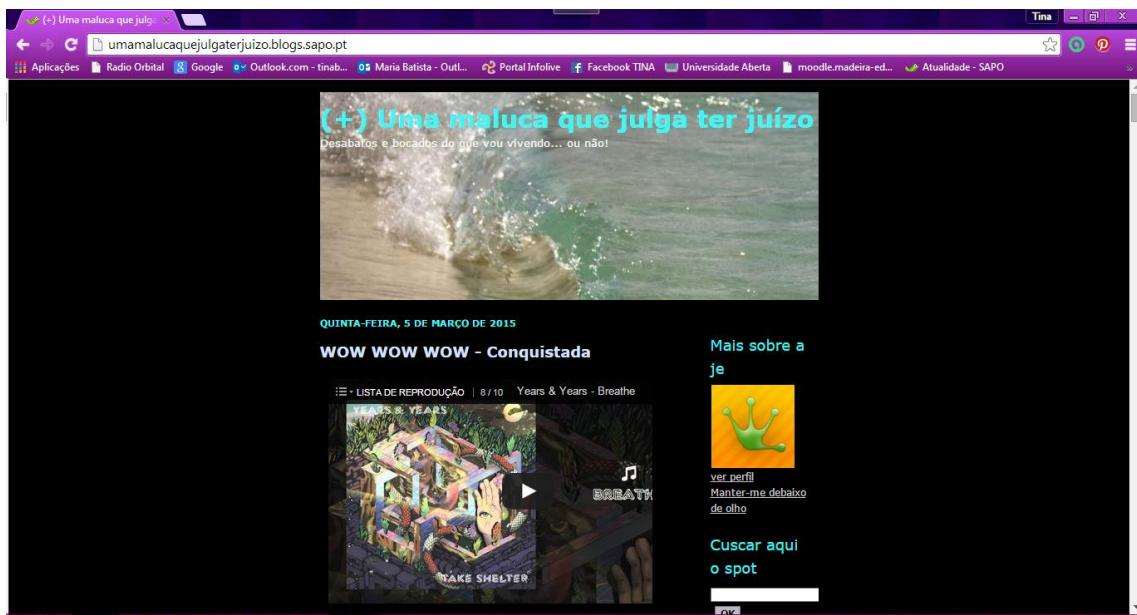
Como se pode ver, este *post* gera uma incorporação dos coenunciadores a estas características do *ethos*, a de ser mãe.

7. *Uma maluca que julga ter juízo*

O presente blogue constitui-se como um espaço de desabafo, reflexões e acontecimentos quotidianos, isto é, representa o típico diário pessoal, no qual, a enunciadora demonstra pouca preocupação com o uso da linguagem, uso de abreviaturas ou frases curtas.

Este blogue diferencia-se dos restantes já analisados, principalmente, pela sua cenografia. Ao observar esta cenografia verificamos um fundo preto com uma imagem do mar no *banner*, assim como o título e a frase da enunciadora que fazem com que se construa uma imagem pré-discursiva da mesma que, por sua vez, esta será ou não confirmada através do *ethos* discursivo.

Figura 13 – *Homepage* do blogue *Uma maluca que julga ter juízo*.



<http://umamalucaquejulgaterjuizo.blogs.sapo.pt/>

Ao observar pela primeira vez este blogue, tende-se a considerá-lo como um blogue de alguém rebelde, isto é, de uma “maluca” que julga ter juízo e que utiliza este género digital para falar sobre a sua vida.

Seguidamente, destaca-se alguns *posts* que se constituem como *ethos* dito da enunciadora.

Exemplo n.º 22

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 2014

Ponho-me com cada ideia...

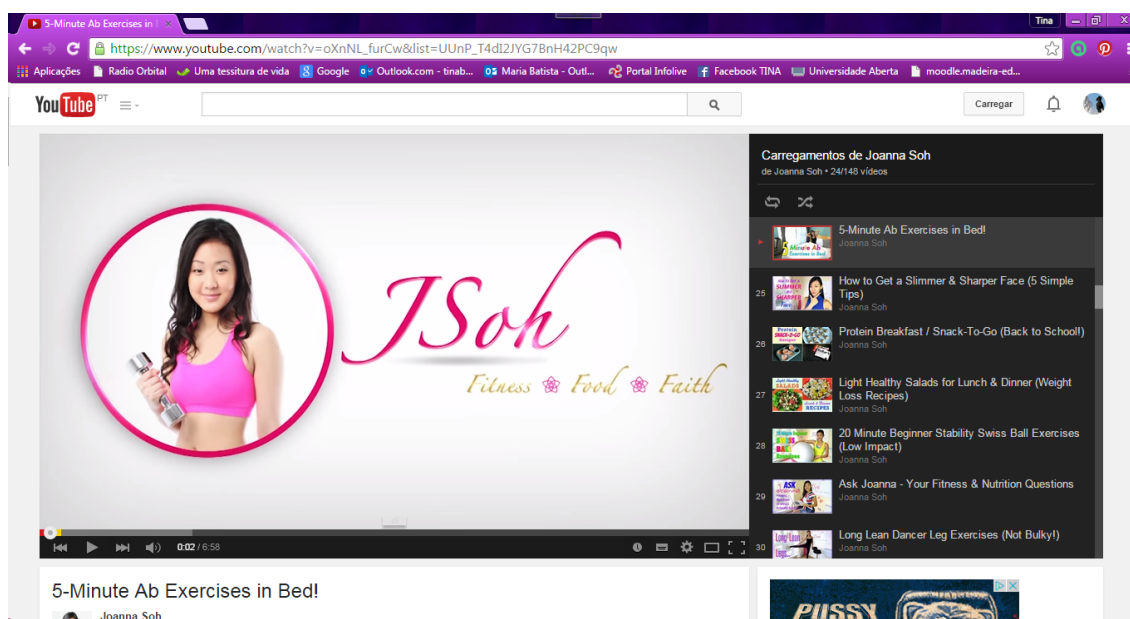
Comecei por procurar exercícios de body balance, o mais semelhante possíveis aos que eu fazia no ginásio, e como não encontrei, ao cruzar-me com os desta menina, mais especificamente estes, comecei a realizá-los diariamente. Apercebi-me que precisava de algo mais localizado ainda, as minhas pernas sempre foram tonificadas, queria era algo mais na área do rabiosque. Achei por bem fazer diariamente os abdominais em 5 minutos, mas só sábado de manhã visualizei aquele que me pareceu o exercício mais apropriado... Armei-me em forte, quando se trata de exercício localizado faço dieritinho, e em pouco tempo senti os músculos a queimar, em 5m soube que ia ter uns dias de dores... Pois bem, domingo quando acordei mal consegui me levantar da cama. Até hoje tenho os músculos todos doridos, custa-me horrores levantar e sentar. A parte boa é que esta é a certeza de que trabalha exactamente onde queria, assim que me conseguir mexer volto à carga (espero que amanhã à noite). As coisa em que me meto!

escrevinhado por uma maluca às 10:55

Neste texto de 20 de outubro de 2014, a enunciadora apresenta-se como uma pessoa preocupada com a sua forma física e o gosto pelo exercício físico. A enunciadora diz que para tonificar determinada área do corpo começou a procurar exercícios de body balance na Internet e, após alguma procura, conseguiu o exercício adequado aos seus objetivos.

Também podemos verificar uma das principais características do blogue, ou seja, a facilidade em publicar vídeos através das hiperligações. Assim, a enunciadora cria a possibilidade de uma autoria múltipla do seu texto e, por outro lado, permite ao leitor conhecer melhor o contexto discursivo. Deste modo, os coenunciadores participam na elaboração do texto, configurando uma figura do leitor mais ativa e dinâmica. Seguidamente apresenta-se uma imagem dos exercícios descritos pela escrevente.

Figura 14 – Exemplo de uma das hiperligações ou *links* do *post*.



https://www.youtube.com/watch?v=oXnNL_furCw

Perante estes exercícios, a enunciadora afirma que começou a realizá-los, mas ficou com os músculos doridos. O enunciado “[...] custa-me horrores levantar e sentar [...]” reforça essa ideia, contudo afirma que são os exercícios corretos para atingir os seus objetivos.

No segundo *post*, do dia 16 de outubro de 2014, constatamos o *ethos* dito da enunciadora.

Exemplo n.º 23

Lado a Lado

Faziam largos anos desde que eu acompanhava qualquer novela. Até tropeçar nesta da Globo e apaixonar-me. Estava farta da tv a ponto de só ligar para ver desenhos animados, nem as séries do momento conseguiram fazer com que ficasse mais de 15m. à frente da TV. Mas a Lado a Lado... Estou completamente viciada nisto.

Acho que a história além de super bem contada, é fantástica a tantos níveis. Ou então sou eu que agora vejo certas questões em tudo quanto é lado! Algumas questões são óbvias como o preconceito, o verdadeiro amor, a necessidade de controlar para dominar, a pura inveja e tantos outros atributos inerentes a o ser humano. Talvez as outras novelas sempre tenham abordado este tema, mas acho que esta fá-lo de forma coesa e simples. Acho que no fundo a novela é isso mesmo e acredito ser essa simplicidade que prende. Isso e a interpretação da Patrícia Pillar, a quem nunca achei especial piada, mas a quem desta vez tiro o chapéu.

E é isto, ando tão encantada que me recuso a aceder aos episódios na Internet só para poder prolongar este meu novo prazer, pelo máximo de tempo possível.

tags: coisas boas, opiniões, tv

escrevinhado por uma maluca às 15:02

Neste fragmento, a enunciativa evidencia uma fiadora que não consegue estar muito tempo a ver televisão, mas apaixonou-se pela novela da Globo “Lado a lado”. No segundo parágrafo, esta refuta e argumenta o que a levou a este vício. Para justificar o seu gosto pela novela, a enunciativa afirma que retrata questões universais, tais como o racismo; preconceito; o verdadeiro amor ou a inveja, pela sua simplicidade e pela interpretação da atriz brasileira Patrícia Pillar.

Deste modo, há um estereótipo que regulará as expectativas dos coenunciadores em relação ao seu discurso, que é uma mulher que vê novelas.

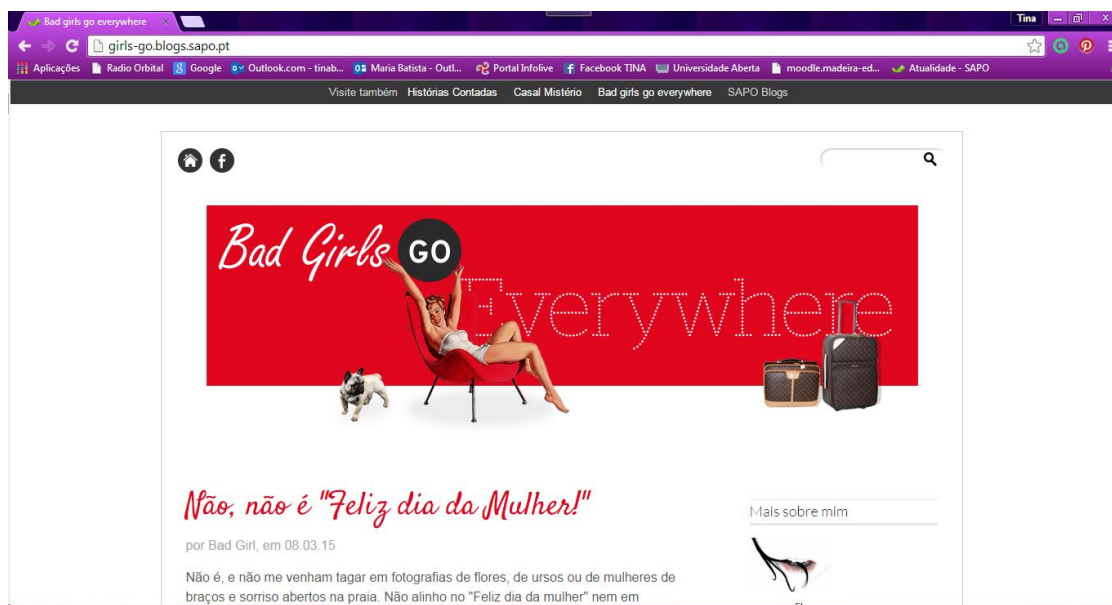
A referência à novela e à atriz faz com que a escrevente se insira numa comunidade imaginada, constituída pelas pessoas que seguem esta novela, mas também, incide sobre a cena validada que, de acordo com Maingueneau (2004: 92), a qual é instalada na memória coletiva. Assim, a enunciativa ao falar sobre a novela faz com que o leitor participe imaginariamente nesta reflexão. Ou seja, este *post* revela um *ethos* de futilidade, de uma mulher que fica presa a novelas e evidencia também o seu fascínio por uma atriz que a prende ao ecrã e pelas temáticas aí tratadas, que são sentimentos que são explorados neste tipo de programa televisivo. Evidencia assim um fascínio, sem ousar qualquer comentário crítico.

8. *Bad girls go everywhere*

Albergada no Sapo Blogs desde 2006, a enunciativa, no espaço intitulado “Acerca de mim”, autocaracteriza-se, o que constitui o *ethos* dito.

“Ao contrário da maior parte das pessoas, não vou pôr-me com falsas modéstias: sou gira, sou inteligente, sou interessante. Mas também sou Má... como todas as mulheres, não é? Como perceberão com as leituras, e como este é um reflexo de mim, naturalmente tenho um blog bipolar!”

Figura 15 – Homepage do blogue *Bad girls go everywhere*.



<http://girls-go.blogs.sapo.pt/>

Como mencionado, o *ethos* dito corresponde às características do enunciador ao postular uma determinada imagem de si. No exemplo transcrito, a enunciativa define-se como uma mulher gira, inteligente e interessante, contudo com um defeito que é generalizado a todas as mulheres, a de ser má. Esta também caracteriza o seu blogue como um reflexo de si própria, mas também bipolar, ou seja, acentuado pelas suas variações de humor. Estes auto-elogios logo no início do blogue são elucidativos da elevada autoestima da enunciativa e podem provocar no leitor algumas reticências, pois em geral esta vaidade e ostentação não são aceites socialmente.

Na sua maioria, os *posts* deste blogue visam refletir sobre a sua própria vida e os problemas da sociedade, numa linguagem informal, mas muitas vezes irónica e crítica. Como no exemplo seguinte:

Exemplo n.º 24

Andar com os pipis nas nuvens
por Bad Girl, em 08.09.14

A notícia está obsoleta, tem uma semana (o que, em anos de digital, corresponde a um milénio), mas só agora me apetece falar sobre ela. Para os que acham que levei este tempo todo por estar a assegurar-me que apagava as minhas próprias fotografias pudibundas da nuvem antes de opinar (estranha escolha de palavras...) sobre o tema, estão enganados. Vi as fotos que tenho na nuvem, uma a uma, com o cuidado que se impõe. Nada. Claramente não tenho perfil de estrela de Hollywood.

Sobre o tirar das fotos propriamente dito não tenho uma opinião muito vincada, cada um faz o que quer, fotografa-se como, onde e quando quer. O ataque às nuvens de cada um parece-me grave. É o mesmo que nos entrarem em casa e nos remexerem nas coisas: crime. E esta é a última coisa séria que eu quero dizer sobre o tema. Ou não, a seguinte também é ligeiramente séria: como pessoa formada na Universidade CSI, com uma pós-graduação em Mentos Criminosas e um doutoramento em Lie to me, fiz um estudo de quase meia hora para chegar à conclusão que, no meio de milhões de nuvens no céu, os hackers só podem ter descoberto onde estavam as dos famosos via Instagram. Os Facebooks não são geridos por eles, o Twitter às vezes é outras vezes não, mas aqueles “directos” no Instagram têm cara de saírem directamente dos iPhones das estrelas para o mundo. Isto é uma teoria. Bem boa, considero eu. Arrumados que estão os temas sério e relativamente sério, vem a outra parte, a que realmente me causa espécie, a dos vídeos. Como é que se grava um vídeo de sexo no iPhone? Abdica-se de uma das mãos? Pousa-se o iPhone muito direitinho na cómoda e tenta-se manter a acção no enquadramento? Ou transforma-se um iPhone numa GoPro e cola-se o dito na testa? Partilhadas que estão as minhas aflições do como, chega o porquê. Ou para quê. Porque é que as pessoas se gravam a fazer o amor? Para analisar a performance? Para dizer: “Estás a ver aquilo ali, Manel? Não gosto que me faças assim, que me faz cócegas” ou “Gorda. Estou gorda!”. Não entendo. Ainda assim, e como há muitas coisas entre o céu e a terra que não são compreendidas pela minha vã filosofia, continuo a achar que cada um deve poder fazer o que quer da sua vida, do seu corpo, e da sua nuvem, sem correr o risco de ser violentada. E isso não deve depender de onde se guardam as fotos ou de quantas vezes se apareceu nua aqui ou ali. Nós, os mortais, não nos irritamos se alguém nos abrir o telefone para ver as fotos? Por mais inocentes que sejam?

Neste exemplo, a enunciadora apresenta-se como um sujeito que condena a violação de privacidade. A sua enunciação deriva desse modo de comportamento, pautando numa representação social negativa. Logo, o *ethos* discursivo cria a imagem de uma fiadora atenta e crítica face ao acontecimento. Ao indicar directamente esta característica, a enunciadora deixa claro que tipo de imagem discursiva pretende construir face aos seus leitores.

Como *ethos* mostrado, a autora revela de forma indireta que gosta de ver séries policiais americanas, nomeadamente: CSI; Mentos criminosas e Lie to me. Ao recorrer a esta analogia, a enunciadora mobiliza uma cena validada na memória dos seus coenunciadores. Com efeito, esta inscreve-se numa comunidade imaginada composta pelas pessoas que veem estas séries.

Nas linhas seguintes, a enunciadora afirma que fez um estudo de meia hora, o que transmite uma fiadora aplicada, embora por pouco tempo. Ao continuar com a sua teoria de como os *hackers* acedem às fotografias privadas, esta escrevente desenrola o seu discurso referindo as redes sociais Facebook e Twitter. Na verdade, ao referir estas redes sociais, a enunciadora indica-nos que o seu discurso é destinado apenas para um grupo particular de leitores, com os quais possui conhecimentos compartilhados. Isto é, estas são as redes sociais que os seus coenunciadores podem partilhar os seus textos.

Na parte final do texto, a escrevente continua a ironizar esta situação, colocando várias questões, como por exemplo a sua incapacidade em gravar um vídeo íntimo.

Ao assumir uma posição crítica, a autora deste blogue questiona-se a si própria, como se se tratasse de um monólogo interior, mas também incentiva os seus leitores a interagirem. A repetição da conjunção “ou” indica essas alternativas, através das quais a enunciadora parafraseia o que foi dito anteriormente. Não obstante, esta não chega a entender esta situação e conclui que cada pessoa tem o direito à sua privacidade. Ao expor a sua opinião, a autora finaliza com duas questões. Todavia, ao invés de usar a primeira pessoa do singular, usa a primeira pessoa do plural como um mecanismo para que o leitor se reveja nesta posição, assim como ela. O “nós” utilizado reflete a união de um “eu” a outra pessoa no discurso de forma a legitimá-lo numa pluralidade de opiniões existentes.

Neste texto, verificamos que o lugar da quantidade realiza-se através de lugares-comuns, relacionados com o quotidiano e que “[...] produzem efeitos de poder sobre as verdades socialmente partilhadas.” (Komesu, 2005: 64).

9. Também quero um blog

O penúltimo blogue desta pesquisa é da autoria de uma mulher portuguesa, cuja atividade de *blogger* remonta ao ano de 2009.

Ao analisar a *homepage* do blogue, a qual expomos seguidamente, esta apresenta uma cenografia discreta e sóbria com um cenário de fundo de cor branca. Como todos os blogues aqui analisados, os *posts* encontram-se organizados por ordem cronológica inversa e apresenta, no lado direito, uma hiperligação para o perfil da autora.

Figura 16 – Homepage do blogue *Também quero um blog*



<http://tambmqueroumblog.blogspot.pt/>

Este blogue apresenta fotografias da enunciadora e também de amigos, embora algumas dessas fotografias apareçam com a face encoberta ou com algumas imagens/*emoticons* a cobrir a face, como podemos constatar no exemplo seguinte, do dia 11 de dezembro de 2014.



Através destas fotografias, como também a fotografia de perfil, podemos construir uma imagem pré-discursiva da fiadora, atribuindo, por isso, a sua corporalidade, em que uma das suas características físicas é ser loira.

Este blogue pretende ser um espaço, no qual a enunciativa expõe as suas ideias e opiniões. A nível discursivo verificamos a imagem de uma enunciativa que gosta de atividades ao ar livre, como por exemplo andar de bicicleta ou ler. Este gosto pela leitura é comprovado no *post* seguinte, onde claramente verificamos o *ethos* dito da autora.

Exemplo n.º 25

Caminho mais leve estes dias

Deixei de carregar comigo durante o dia o livro que ando a ler. Desisti de o transportar comigo na mala, com esperança de 5 minutos livres. Ainda tenho a sensação de que me falta algo quando saio de casa e não trago o livro comigo, mas não posso, um livro de 900 páginas ou não cabe nas minhas malas, ou para caber teria que abdicar de toda a tralha que lá trago, incluindo a carteira e o telemóvel. Caminho mais leve estes dias, mas sinto-me mais vazia, quando me sento no café e tenho de esperar pela minha amiga 2 ou 3 minutos, quando chego mais cedo e tenho de esperar por algo ou alguém, ou quando me sobram cinco minutinhos que seriam tão bem aproveitados se trouxesse o meu livro comigo. Na maior parte dos dias carrego o livro e nem lhe toco, não tenho tempo, nem 1 minuto livre, mas andar com ele dá-me uma sensação de conforto. Caminho mais leve estes dias, mas falta-me algo.

Publicado às 09:02 1 comentário.

Deste modo, a escrevente, por deixar de andar com o livro que anda a ler, sente-se mais vazia, com uma sensação que lhe falta algo. Como desculpa ou justificativa para tal atitude, a enunciativa fundamenta que não tem tido tempo. Esta fundamentação é divulgada através do uso de uma tripla negação “ [...] e nem lhe toco, não tenho tempo, nem 1 minuto livre [...]”. Este enunciado visa refutar o enunciado rejeitado e vem acompanhado por duas justificações: que não tem tempo e nem um minuto livre.

Tendo em conta o movimento enunciativo do texto, a utilização da primeira pessoa do singular que confere o tom confessional e totalmente autobiográfico ao enunciado faz com que haja uma identificação dos leitores com a enunciativa em cena. O “eu” que assume este texto pode referir-se, ao mesmo tempo, à enunciativa, mas também ao conjunto de mulheres que passam pela mesma situação. Este facto é comprovado através do comentário publicado por uma coenunciadora, o qual é transcrito seguidamente:

Exemplo n.º 26

1 comentário:



1. [cinquentinha23](#) Outubro, 2014 10:30

Em tempos também trazia o livro comigo, depois cheguei a essa mesma conclusão :/

O exemplo seguinte ilustra o *ethos* dito da enunciadora em relação ao gosto em andar de bicicleta e à valorização das amizades.

Exemplo n.º 27

quinta-feira, 23 de Outubro de 2014

O Pedro

Ainda me lembro da expressão que ele fez quando me viu entrar de saltos altos e bicicleta às costas pela primeira vez na loja, depois de eu lhe dizer que a bicicleta precisava de uma revisão porque eu ia com eles a Viana. "Vais onde?" O Pedro fez comigo as minhas primeiras grandes viagens, ficou sempre comigo quando eu precisei. O Pedro ofereceu-me o primeiro jersey do Caminho de Santiago e prometeu-me que o meu primeiro Caminho não passava daquele ano, cumpriu. O Pedro levou-me para o cimo da montanha e ensinou-me as melhores técnicas para descer, ficamos lá algumas, muitas horas, foi o Pedro que me ensinou a confiança. O Pedro ofereceu-me a roda dele muitas vezes e quando eu aceitei chegou lá em baixo, levou as mãos à cabeça e perguntou se eu era maluca. O Pedro disse-me uma vez que eu não precisava de beber porque já tinha os sintomas, eu acho que são parecidos com os dele. O Pedro não é perfeito, como eu também não sou, como ninguém é, por isso já nos irritamos muitas vezes, aliás, eu já me irritei com o Pedro, porque para ele é tudo sem stress. Com as mudanças na vida do Pedro acabamos por nos afastar um pouco e pedalar um em cada montanha, mas no início deste ano, quando eu já não pedalava há 3 meses o Pedro percebeu, ligou-me e obrigou-me a ir morrer com ele nas subidas das montanhas de Vale de Cambra. Agradeço-lhe por isso, como por tudo. Esta semana já retribuí um pouquinho daquilo que o Pedro fez por mim, percebi que a vida dele não estava fácil e que ele já não pedalava há muito tempo, liguei-lhe, convidei-o para um café, chamei-lhe calaceiro e lá o convenci a vir connosco no domingo e a fazer um esforço para não deixar de ter tempo para aquilo que gosta. Agora só espero que morra nas subidas, como me aconteceu a mim, só para ele ver o que já me fez sofrer.

Publicado às 16:32 7 comentários:

Publicado no dia 23 de outubro de 2014, a enunciadora revela uma grande amizade por alguém, concretamente pelo Pedro. Este texto revela a imagem de uma fiadora muito agradecida por tudo o que seu amigo fez por ela, como ensiná-la técnicas para descer a montanha. Presente nas vezes que repete o nome do amigo a quem tanto deseja agradecer, reforçando a dívida de gratidão que tem para com ele.

O uso e a constante repetição do nome próprio conferem uma descrição definida de forma a isolar o referente visado pela enunciadora. Assim, a escrevente mostra um *ethos* modesto, altamente reconhecido das suas escolhas, companheiro e amigo.

Através do *ethos* dito, a enunciadora configura um *ethos* trabalhador, possivelmente de um escritório, que passa os dias em frente ao computador e em volta de papéis, como no *post* seguinte:

Exemplo n.º 28

quarta-feira, 29 de Outubro de 2014

O meu local de trabalho tem iluminação a mais

Nos últimos dois dias arrumei os papéis num lote, desliguei o computador, verifiquei se estava tudo fechado, peguei na minha mala, na lancheira, coloquei os óculos de sol, apaguei as luzes, fechei a porta do escritório, desci as escadas, abri a porta que dá para a recepção e tive de tirar os óculos de sol porque já era noite.
Publicado às 11:55

Este *post* também mostra a intimidade da enunciativa que descreve com minúcia o seu quotidiano, enumerando em enunciados assindéticos um sucedâneo de tarefas que realiza. O excesso de trabalho é justificado pela iluminação a mais, o que provoca que a enunciativa trabalhe mais horas. Perante este facto, os coenunciadores dialogam com a sua enunciativa, os quais revelam que também lhes acontece o mesmo, como verificamos no comentário seguinte:

Exemplo n.º 29



1. [SuperSónica](#) 29 Outubro, 2014 17:29
Nem me digas, odeio sair de noite :(

Mais uma vez, esta interação entre enunciadores e coenunciadores denota a diluição entre o público e o privado no mundo digital, no qual a enunciativa descreve o seu quotidiano ou a sua *intimidade construída*. Por conseguinte, o blogue configura-se como um género coletivo, porém é produzido inicialmente tendo como base as visões do mundo do seu autor, assim como gostos, preferências pessoais, devaneios, etc.

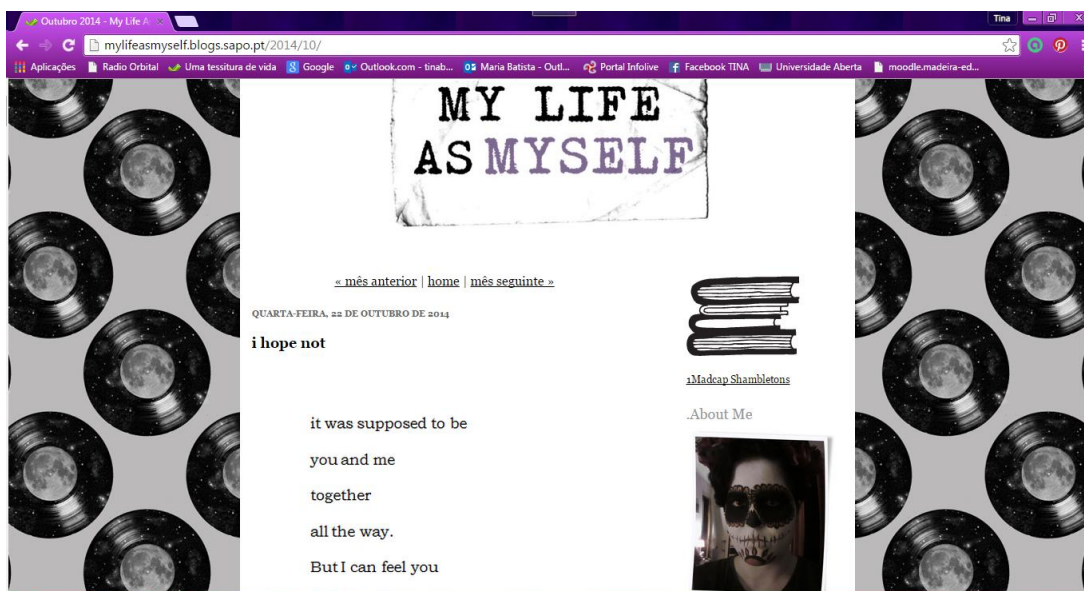
10. *My life as myself*

O último blogue que constitui o *corpus* da nossa análise, *My life as myself*, é da autoria de uma jovem *blogger* portuguesa. Como nos blogues anteriores, a enunciativa deste espaço utiliza-o para escrever sobre si, revelando, assim, um discurso intimista.

Ao direcionarmos a nossa atenção para a cenografia constatamos a predominância das cores preta e cinzenta como pano de fundo, bem como um uso constante de imagens e vídeos. No lado direito encontramos a fotografia de perfil da enunciativa, a qual dirige

uma construção de uma imagem pré-discursiva e da imagem da fiadora, o que nos possibilita construir a sua corporalidade.

Figura 17 – Homepage do blogue *My life as myself*.



<http://mylifeasmyself.blogs.sapo.pt/>

Ao clicarmos na hiperligação do perfil “About me”, a enunciativa apresenta-se como: “Gap year survivor; amateur photographer, artsy writer and wannabe filmmaker; generally weird and proud of it”. Deste modo, através do *ethos* dito, a enunciativa revela que é uma sobrevivente do ano *gap*, fotógrafa amadora, escritora e que quer ser cineasta. A enunciativa continua afirmando que considera-se estranha e tem orgulho nisso.

Como podemos constatar, esta escrevente apresenta-se no mundo virtual como uma fiadora estranha, que gosta de escrever e de ler, inclusivamente os *posts* são escritos em português e em inglês, gosta de filmes, televisão, música e arte. De facto, este blogue representa o *ethos* dito, no momento em que a enunciativa afirma, em muitos textos, as suas características, como no exemplo subsequente.

Exemplo n.º 30

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 2014
Não me apeteceu comprar um diário

Com tempo e ideias a mais só penso nas minhas paixões e em como explorá-las ao máximo. A predileta sempre foi a música. Não há dia que passe sem ela e é uma grande fonte de inspiração. Tentei fazer algo disso já que toco vários instrumentos; estive alguns meses numa banda com um estilo que agradaria infinitamente a uma versão mais nova de mim própria, não tanto à pessoa que sou hoje. Acabei por perceber que tinha de desistir para poder dar uma oportunidade ao que realmente quero fazer na única vida que tenho, ainda que continue a explorar esse meu lado musical de vez em quando.

A escrita esteve sempre lá para mim, especialmente nos piores momentos; se não tivesse descarregado uma parte do turbilhão que ia na minha cabeça nessas alturas nem sei... Ou simplesmente prefiro não falar disso. Mas é verdade que ainda hoje uso as palavras como escape e tudo o que escrevo está ligado a experiências pessoais e reais.

Captar imagens do que me rodeia e até de mim própria também é uma fonte de expressão que tenho vindo a utilizar cada vez mais. Há uma beleza infinita em algo que fala sem dizer nada.

Mas filmar... não sei. O cinema e a televisão foram sempre tão indispensáveis que acabei por os tomar como garantidos ou simplesmente algo que se vê e não se faz. No entanto, há quase um ano, comecei a querer brincar um pouco com isso. Juntar a imagem, a escrita, até a música que vai fluindo no fundo. Nem sei como virou carreira de sonho, como se tornou um amor tão forte, uma necessidade. O que importa é que gosto mesmo. Podem dizer que não tenho futuro e que vou viver miseravelmente. Já quase não oiço os conselhos de quem é inexperiente no assunto, para ser honesta. Miserável estaria eu se tivesse que escolher algo “seguro”. Não é segura então a minha paixão por uma arte que nunca há de se extinguir? Enquanto este fogo queimar não vou parar de lutar para conseguir o que quero. Enquanto não tenho a oportunidade de estudar a 7ª arte e tudo o que ela envolve, vou explorando o sonho de ser cineasta.

Há semanas atrás numa das múltiplas conversas descabidas com aquela amiga de sempre – coincidentemente (ou talvez não) a única que se encontra na mesma condição financeira e estudantil que eu – nasceu um projeto. Não sei já quem o disse primeiro mas sempre tive algo parecido em mente – um documentário. Filmar 5 anos da nossa vida, desde a graduação da escola secundária até sermos oficialmente licenciadas; pelo meio, os dois anos que tirámos para juntar dinheiro para as propinas e tantos outros momentos e ritos de passagem para a vida adulta. É um plano complexo, não tanto pelas filmagens mas pela edição de todo o material que vamos acumular. Ter de olhar para trás pode ser doloroso, ainda mais quando a ideia é a de expormos a nossa própria vida, crua e puramente. Quero fazer com que tudo isto resulte. Gostava de participar em festivais indie; poder mostrar uma realidade a um grupo de pessoas e, quem sabe, fazer alguém ver que não está sozinho.

Acima de tudo, gostava de poder viver mais do que existo.

Tweetar

tags: make-believe, música, pessoal

publicado por antarctic child às 15:24

Como podemos constatar logo no primeiro enunciado, a enunciadora faz referência aos diários íntimos tradicionais: " Não me apeteceu comprar um diário", aludindo ao momento de criação do blogue, por opção, e da apresentação do *eu* no universo digital.

Este exemplo, publicado a 6 de outubro de 2014, revela um *ethos* que é inspirado pela música, sendo esta uma presença constante na sua vida diária. No campo do *ethos* discursivo, a enunciadora revela-se como uma jovem sonhadora que se preocupa com a sua vida e em alcançar os seus sonhos. O seu discurso representa uma imagem de si ao revelar o gosto pela música, a capacidade de tocar vários instrumentos e uma breve passagem por uma banda.

No terceiro parágrafo, esta revela que a escrita é como um escape à sua vida, mas também funciona como uma âncora, especialmente nos piores momentos, pois tudo o que

escreve relaciona-se com as suas experiências pessoais e reais. Este facto é um dos principais objetivos da escrita diarística a qual funciona como um escape face às vicissitudes da vida. Por outro lado, também verificamos o gosto pelo cinema e televisão, uma vez que procede a uma confissão, outro dos atos recorrentes no género blogue, e são indispensáveis para a sua vida.

Nos últimos parágrafos, a enunciadora revela um *ethos* sonhador, mas realista, pois o seu grande sonho é estudar a sétima arte, contudo ainda não tem possibilidades para a sua concretização. Por outro lado, verifica-se uma imagem de si determinada no que quer, apesar dos conselhos contrários, esta continua a lutar pela sua carreira de sonho. Há uma referência a uma amiga, que se encontra na mesma situação que a enunciadora e, em conversas surgiu um projeto, um documentário, cujo visa filmar os cinco anos da sua vida, desde o secundário ao término da licenciatura. Não obstante, apesar de ser uma grande sonho, a enunciadora afirma que pode ser doloroso rever o passado, mostrando assim, um *ethos* inseguro e hesitante face a esse mesmo projeto.

Por fim, a enunciadora revela vários desejos, projetos de vida, como por exemplo participar em festivais *indie*. A frase “Acima de tudo, gostava de poder viver mais do que existo” indica-nos a imagem de uma fiadora com vontade de viver, de explorar os seus sonhos, alguém insatisfeito com a sua realidade, com o seu mundo e que sente que pode fazer coisas grandiosas. O presente *post* gera dois comentários dos seus coenunciadores, a partir dos quais podemos observar um diálogo explícito com a enunciadora. Esses comentários são transcritos a seguir:

Exemplo n.º 31

2 comentários:

De sweet a 11 de Outubro de 2014 às 19:25

Oh meu Deus that sounds so cool! Na sexta fui ao São Jorge ver um doc francês e agora falas-me nisto e UAU que ideia tão simplesmente fantástica. Go ahead acho que vai ficar lindo lindo lindo já imagino tudo na minha cabeça

De Miguel Alexandre Pereira a 14 de Outubro de 2014 às 12:15

A ideia parece fantástica, acho que deves avançar nisso. Força nisso e muito boa sorte :)

Nestes comentários constatamos a concomitância de duas línguas (Português e Inglês), as abreviaturas, dado que a escrita digital requer brevidade e instantaneidade,

assim como as referências ao cinema que atestam uma certa relevância cultural. Desta forma, o *ethos* dos coenunciadores apresenta-se como aconselhadores que aprovam e que desejam dar força ou incentivar.

Assim, este *post* pressupõe a figura de um fiador criativo, preocupado com o seu futuro e com vontade em realizar vários projetos e que as suas expectativas estão a ser geridas pelos seus coenunciadores.

No *post* seguinte verificamos também a constituição do *ethos* dito da enunciativa.

Exemplo n.º 32

SÁBADO, 4 DE OUTUBRO DE 2014

Reminders

Parece que toda a gente saiu e eu fiquei aqui, lendo vezes sem conta um convite vazio.

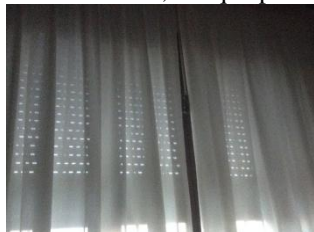
Oiço falar dos suspiros, da exaustão... e eu só desejo poder ter isso também. Quero estar longe, num sítio maior e mais aberto; gostava de reclamar sobre o peso dos livros ou das estúpidas mesas desniveladas; poder ser um pouco mais eu própria.

Mas faltam pelo menos 12 meses do trabalho que não há meio de aparecer. Há ideias a surgir, algo que me ajude a preencher o tempo de espera, mas também me faltam os materiais, o dinheiro, otiming...

Neste momento preciso de estar a milhas de distância; afastar-me do que conheço e descobrir outros refúgios. Talvez, um grande talvez, partilhar um outro pequeno mundo físico com aquela minha caramate platónica que melhora todos os momentos, independentemente de tudo o resto.

Mas fugir nunca resultou. Só faz com que o regresso seja mais doloroso.

Então fico aqui todos os dias, presa neste quadrado insignificante onde nada entra ou escapa. E vou pensando nos dias futuros e hipotéticos em que vou ser grande; em modestamente me ir gabando dos meus sucessos; em que posso pegar no volante e desaparecer por um bocadinho.



Tweetar

i feel like: driving away

a song: White Teeth Teens - Lorde

tags: bassgirlphotographs, make-believe, pessoal

publicado por antarctic child às 20:15

Este *post* revela um carácter íntimo e quase filosófico, uma vez que reflete sobre a sua vida e suas próprias escolhas. A enunciativa repercute uma preocupação ou desejo em falar de suspiros ou da "exaustão". Neste *post* há uma preocupação com a própria imagem, de ser ela própria. A enunciativa sente-se presa num mundo, representado pelo quarto, no qual nada se passa ou escapa. Há um desejo em ser grande e de realizar feitos históricos, um desejo de liberdade, afastar-se do conhecido e explorar o desconhecido e encontrar

outros refúgios. No entanto, esta regressa à realidade, reforçada com a utilização da conjunção adversativa “mas”, afirmando que fugir não é a solução para os seus problemas, uma vez que nunca resultou. Assim, só lhe resta ficar no seu quarto e sonhar com o seu futuro. Face ao exposto, podemos afirmar que este *post* configura um *ethos* a necessitar de silêncio, de paz, cansado de rotinas, em que se confessa mais uma vez estados de alma, estados interiores, numa partilha obcecada da intimidade.

O *post* termina com uma imagem de uma janela com os estores fechados. Essa janela e a escuridão envolvente pode representar o estado de espírito da enunciativa, uma fiadora que se sente perdida e presa nos seus sonhos. Este aspeto remete-nos para a comunhão semiótica entre a imagem não-verbal e a expressão verbal, muito característica dos géneros digitais, como por exemplo o blogue, em que o enunciador tem a seu dispor vários recursos para transmitir os seus enunciados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo refletir sobre a noção de *ethos* em blogues pessoais. Através do *corpus* analisado verificamos como este é formado na enunciação em contexto digital.

Segundo a teoria de Dominique Maingueneau (1997, 2004), o *ethos* é uma instância subjetiva que é particularizada e inscrita na enunciação. Como todo o discurso pressupõe uma imagem dos seus intervenientes e, enquanto espaço discursivo, o blogue permite a construção dessa identidade ou *ethos*.

O enunciador, ao projetar uma forma de dizer, instiga à construção de uma imagem, factor importante no processo interativo que pode condicionar toda a ação comunicativa. Logo, é a partir da enunciação que essa imagem é construída que, articulada à cena da enunciação surge em todo o discurso.

O *ethos* é a voz do fiador, uma voz que se manifesta através de um tom que se apoia no carácter (traços psicológicos) e numa corporalidade. Assim, a partir de prenúncios textuais, a figura do fiador se constrói e os coenunciadores apreendem essa corporalidade criada pela enunciação. Ao analisarmos os dez blogues percebemos que essa incorporação é realizada em três dimensões:

- a) a enunciação confere um corpo ao fiador;
- b) o coenunciador ao incorporar esse corpo relaciona-se com o mundo de uma maneira específica e particular;
- c) para a realização de um *ethos* efetivo deve haver uma dupla incorporação, ou seja, do enunciador e coenunciador, uma vez que asseveram uma comunidade imaginária.

A construção do *ethos* foi observada também que, a imagem do fiador sustenta-se num conjunto partilhado de representações sociais, isto é, em estereótipos culturais, e é uma entidade que é construída pela interpretação do discurso pelo coenunciador. Sendo uma categoria interativa, o *ethos* carrega a dimensão dos coenunciadores, uma vez que, como os diários íntimos tradicionais, os blogues estão sempre num processo de formação, em que cada texto ou *post* publicado representa e exhibe um fragmento reedificado pelos coenunciadores.

Também foi observado que o enunciador tem a possibilidade de criar uma cumplicidade com o seu coenunciador, como no exemplo n.º 30, no último blogue, pois os comentários contribuem ativamente para a formação de comunidades virtuais, característica típica deste género digital.

Podemos concluir que estes blogues demonstram uma preocupação em relação à imagem de si, patenteada através da sua cenografia e cuidado com a linguagem utilizada, embora em alguns *posts* pudemos constatar alguns erros ortográficos ou expressões que, numa dada comunidade linguística, podem ser consideradas inapropriadas.

Por outro lado, ao construir uma imagem mais intelectualizada, característica própria do mundo ético dos adultos, as enunciatóricas utilizam o seu blogue para desenvolver uma imagem de escritora, publicando textos filosóficos, pensamentos, reflexões ou acontecimentos do seu quotidiano. Estes são textos que valorizam o presente e, a fim de amplificar a sua visibilidade como pessoas comuns, representam o seu quotidiano como forma em asseverar a sua continuidade individual.

No entanto, não nos devemos esquecer que o *ethos* formado nos blogues é um *ethos* construído no mundo virtual para esse próprio mundo virtual. Através de uma narrativa do *eu*, o *ethos* revela-se numa construção permanente e constante a partir da interação entre os seus enunciatóricas e coenunciatóricas. Foi, de resto, esta constatação que motivou a escolha do título desta dissertação: *Ethos e identidades em blogues: uma visão cor-de-rosa?*

Com bastante frequência, a cor rosa é atribuída ao romantismo, à ingenuidade e, segundo estereótipos sociais é associada ao mundo feminino. Seguindo esses estereótipos, ao depararmos com dez blogues de autores do sexo feminino poderemos pensar que os temas aí tratados centrar-se-iam em “futilidades” femininas, tais como a moda, a beleza física, a maternidade, etc. De facto, em muitos *posts* publicados nestes blogues, e alguns até aqui analisados, refletem esses cuidados tão característicos do género feminino. Todavia, como já foi consignado neste trabalho, a verdadeira intenção ou razão de estudar blogues femininos não se centralizou nesse aspeto. Este aspeto apenas refletiu-se devido a um maior número de enunciatóricas do sexo feminino na blogosfera.

Continuando, através da análise dos dados, os blogues exprimem uma encenação do quotidiano que, com a ajuda de estratégias linguístico-discursivas procuram refletir um *ethos* que seja aceite:

“Ou seja, o que alimenta os blogs é da ordem da experiência cotidiana em todas as esferas em que ela se realiza, mas tudo o que é contado é, na verdade, *performativo* de modo a se tornar partilhável num contexto marcado por afinidades, onde os blogueiros se constroem *em* e *na* relação com o outro e desempenham papéis sociais diferenciados”.

(Máximo: 2007:29)

Assim, a partir da pesquisa, o *ethos* é construído de modo subjetivo, em que conjectura sempre a existência do Outro, ou do coenunciador. Não é porque não conseguimos alcançar os nossos sonhos que viveremos “trancados” num quarto, onde a escuridão impera, como o exemplo n.º 31 nos transmite. Diante disso, a fim de criar uma dinâmica, a identidade do enunciador desempenha vários papéis que sejam favoráveis às expectativas dos seus coenunciadores ou ao público em geral. Esses papéis são visíveis em cada *post* publicado, pois expressam um cuidado na sua criação tendo sempre em consideração como esse próprio *post* será aceite na comunidade leitora. Movidos pelo desejo da visibilidade, o *ethos* é constantemente construído através de uma encenação das experiências e vivências quotidianas:

"É um cotidiano *inventado*, performado e constantemente negociado de modo a se tornar compartilhável dentro de um conjunto de afinidades e interesses específicos por meio dos quais os blogueiros se colocam em rede, engajando-se em situações interativas nas quais eles se constroem *em* e *na* relação com os outros."

(Máximo, 2006: 262-263)

Neste contexto, há um subterfúgio a determinados constituintes linguísticos, tais como: o uso da negação, na qual o enunciador se inscreve numa determinada posição; o uso de citações a fim de marcar uma alteridade na sua enunciação, bem como a presença do intertexto ao instaurar a voz do *Outro*.

Quanto mais a sua identidade for autêntica, ou parecer autêntica, mais possibilidades tem o enunciador em criar uma cumplicidade com os seus leitores. Com efeito, a fim de aliciar o seu público, a sua escrita apresenta-se clara e direta com recursos a imagens, vídeos, *emoticons* ou músicas. Todavia, quer a escrita, quer o *ethos* construído jamais alcançarão o patamar da excelência, isto porque se baseiam no diálogo e na reciprocidade das interações.

A interação é um processo comunicativo que exige e necessita de normas e, quando estas não são seguidas pode haver um conflito entre os intervenientes. A fim de preservar a face positiva, os intervenientes devem utilizar estratégias de polidez, uma vez que preservam as intenções enunciativas. Não obstante, em alguns *posts* aqui analisados, como é o exemplo n.º 5, a preservação da face teve como objetivo causar uma tensão entre os seus coenunciadores a fim de estimular a polémica e prolongar ainda mais o seu debate.

Desta forma, podemos afirmar que cada enunciador apenas procura ostentar o que “há” de melhor de si mesmos - a visão cor-de-rosa do seu *eu* - , isto porque ao refletir sobre

as suas fraquezas, a incapacidade em alcançar os seus sonhos ou até mesmo os seus medos, o *ethos* do enunciador aproxima-se do mundo dos seus leitores e dos seus interesses, como recurso em promover a almejada visibilidade e proporcionar a interação entre os sujeitos.

Através da exposição do privado, o *ethos* do enunciador "movimenta-se" e "molda-se" como se fosse um artista num palco que surge a partir dos *posts*, imagens, vídeos, *emoticons* e demais conteúdos que são apresentados. Esta *imagem de si* é construída na enunciação com características singulares e únicas, veiculando assim uma imagem positiva, simpática e cor-de-rosa face aos seus coenunciadores. Ao construir a sua identidade *online*, o enunciador rejeita o que pode ser inapropriado para a sua imagem, transmitindo apenas aquilo que é desejável.

“No universo dos blogs, todos são performers e ao mesmo tempo platéia, engajados em situações onde ora falam de suas experiências, assumindo diante da sua audiência a responsabilidade de expressá-las de modos socialmente aceitáveis em relação aos contextos em que estão inseridos, e ora interpretam e avaliam as expressões dos outros”.

(Máximo, 2006:110)

Finalizando, este estudo constitui apenas num contributo na análise do *ethos* em blogues pessoais. Dada a importância do tema e devido a limitações de tempo, torna-se pertinente a continuidade da investigação, pois ainda há um longo caminho a percorrer, uma vez que verificamos escassos trabalhos existentes, em língua portuguesa, pelo menos a nível linguístico-textual.

7. Referências bibliográficas

AMOSSY, Ruth. (2001), *Ethos at the Crossroads of Disciplines: Rhetoric, Pragmatics, Sociology. Poetics Today Spring.*

Disponível em: <http://poeticstoday.dukejournals.org/content/22/1/1.short>

AMOSSY, Ruth (2005), Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, p.9-28.

AMOSSY, Ruth. (2007), O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 121-146.

AMOSSY, R. (2008), Argumentation et Analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires. *Argumentation et Analyse du Discours*. Tel-Aviv, n. 1, 2008.

Disponível em: <http://aad.revues.org/index200.html>

AMOSSY, R. (2010), *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*, Paris: Presses Universitaires de France.

ARISTÓTELES, (2005), *Retórica*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

BAKHTIN, M. A. (2000), *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BARBOSA, Maria Fernanda (2012), *A emergência de novos gêneros textuais na era digital*.

Disponível em: www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/download/.../pdf
[Acesso em: 21-3-2014].

BATISTA, Patrícia P. (2009), Blog confessional permite revelar a intimidade sem se expor. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – setembro de 2009, p. 1- 13.

Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/lista_area_DT5-CI.htm
[Acesso em: 13-6-2015].

BATISTA, Patrícia Pereira. (2010), Semelhanças e diferenças entre blogs confessionais e diários íntimos. In: *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 53- 69.

Disponível em:

<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/784>

[Acesso em: 22-3-2014].

AMARAL, Adriana; **RECUERO**, Raquel e **MONTARDO**, Sandra Portella (Orgs.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e Comunicação* (2009), São Paulo: Momento Editorial.

Disponível em: <http://www.sobreblogs.com.br>

[Acesso em: 22-3-2014].

BLOOD, Rebecca (2000), *Weblogs: A history and perspective. Rebecca's Pocket*. [em linha]

Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html

[Acesso em: 5-9-2014].

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*.

Disponível em: www.edtl.com.pt

[Acesso em: 21-3-2014].

CHANDLER, Daniel (1998), *'Personal Home Pages and the Construction of Identities on the Web*.

Disponível em: <http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/webident.html>

[Acesso em: 15-7-2014].

CORTÉS HERNÁNDEZ, Santiago (2006), El blog como un tipo de literatura popular: problemas y perspectivas para el estudio de un género electrónico. *Culturas Populares*.

Disponível em: <http://www.culturaspopulares.org/textos3/articulos/cortes.pdf>.

[Acesso em: 20-5-2014].

CRYSTAL, David (2001), *Language and the Internet*. Cambridge. Cambridge University Press. United Kingdom.

DONATH, Judith S. (1999), *Identity and Deception in the Virtual Community*.

Disponível em: <http://smg.media.mit.edu/people/Judith/Identity/IdentityDeception.html>

[Acesso em: 12-4-2014].

EFIMOVA, Lilia; **MOOR**, Aldo de. (2005), Beyond personal webpublishing: an exploratory study of conversational blogging practices. In: *Thirty-eighth Hawaii International Conference on System Sciences*, 2005, Havaí. Anais. Havaí, p. 3-6.

FOUCAULT, Michel (1992), A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel (2001), O Que é um Autor? In: *FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense 264-298.

GOMES, Maria João (2005), Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica, *VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIE05*, Leiria, Portugal, 16-18 Novembro de 2005, p. 311-3115.

GUERRA JUNIOR, Antonio Lemes (2011), A construção da cena enunciativa: um exame da debragem na publicidade. *Estudos Semióticos*.

Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe71/2011esse71_alguerrajunior.pdf
[Acesso em: 8-12-2013].

HALL, Stuart (1996), *The Question of Cultural Identity*.

Disponível em: <http://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Hall-Identity-Modernity-1.pdf>
[Acesso em: 10-7-2014].

HALL, Stuart (2006), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2006.

HEINE, P. B. *Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs*.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151876322008000100007&script=sci_arttext
[Acesso em: 21-11-2013].

HEINE, P. B. (2009), *Navegando na enunciação digital: processos de construção do ethos em blogs de pré-universitários e universitários*. Tese de doutoramento. São Salvador. Universidade Federal da Bahia.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2007), *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto.

KOMESU, Fabiana. (2004), *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*, organizado por Luiz Antonio Marcuschi e Antonio Carlos Xavier (Rio de Janeiro: Lucerna, p.110-119).

Disponível em: (<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/blogs.pdf>)
[Acesso em: 8-12-2013].

KOMESU, Fabiana (2005), O autor e o leitor no hipertexto, *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 881-886.

KOMESU, Fabiana C. (2005), *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da Internet*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas.

KOMESU, Fabiana *O que é um autor na Internet? Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*.

Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/129.pdf>

[Acesso em 6-5-2014].

KOMESU, Fabiana (2012), Letramentos acadêmicos e multimodalidade em contexto de EaD semipresencial. *In: SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 16, n. 30, p. 75-90, 1º sem.

LEMOS, André (2002), A Arte da Vida. Diários Pessoais e Webcams na Internet. *In: Cultura da Rede. Revista Comunicação e Linguagem*, Lisboa.

Disponível

em:

<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>

[Acesso em: 23-6-2014].

LIBERALI, F. C. (1999) *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. Tese de Doutorado. São Paulo. PUC-SP.

Disponível

em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/Fernanda.pdf

[Acesso em: 25-3-2014].

MACDOUGALL, R.A *Technologic Analysis of Symbolic Exchange on the New News Medium*.

Disponível em: <http://abs.sagepub.com/content/49/4/575.abstract>

[Acesso em: 14-1-2014].

MACDOUGALL, Robert (2005), *Identity, Electronic Ethos, and Blogs. A technologic analysis of symbolic exchange on the new news medium*.

Disponível em: <http://abs.sagepub.com/content/49/4/575.abstract>

[Acesso em: 22-12-2014].

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia, (2009), Gêneros digitais: modificação na e subsídio para a Leitura e a Escrita na Cibercultura. *Revista ProLíngua*, p. 90-101.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia, (2009), Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever? *In: Conjectura*, V. 14, n.2, maio/ago.

MAINGUENEAU, Dominique (1997), *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: UNICAMP.

MAINGUENEAU, Dominique. *A propósito do ethos*.

Disponível em: editoracontexto.com.br/.../dl/.../ethos_discursivo_primeiro_capitulo.pdf
[Acesso em: 15-11-2013].

MAINGUENEAU, D. (2004), *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, Luíz Antônio (1999), Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n.3. Campinas (SP): Pontes, p. 1-12.

MARCUSCHI, L. A. (2002), Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. (2004), Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI. & XAVIER, A.C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a. p.13-67.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2006). Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In A. M. Karwoski; B. Gaydeczka & K. S. Brito (Orgs.), *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

MARCUSCHI, L. A. (2008), *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

Disponível em: www.letraviva.net/.../Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.pdf
[Acesso em: 25-3-2014].

MENDES, Francielle Maria Modesto (2008), BLOG PESSOAL: a busca da identidade do sujeito no mundo mediado pela Internet. *Contrapontos* - volume 8 - n.2 - p. 187-199 - Itajaí, mai/ago.

MOURA, Karina da Silva (2008), *Arquiteturas de memória – contribuições dos gêneros discursivos para a construção de uma educação hipertextual*. Tese de mestrado. Brasília. Universidade de Brasília.

MÁXIMO, M^a Elisa (2006), *Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas*. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Santa Catarina.

Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0197-T.pdf>
[Acesso em: 5-6-2014].

NEIVA, Daniela Menezes (2010), Semelhanças e diferenças entre blogs confessionais e diários íntimos, *Contemporânea*, Ed.15 | Vol.8 | N2. (p. 53-69).

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de (2002), *Diários Públicos, Mundos Privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Salvador. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura contemporânea), Universidade Federal da Bahia.

Disponível em: <http://www.poscom.ufba.br/publicacoes/dissertacoes-2000-2005/>
[Acesso em: 20-5-2014].

PIMENTEL, C. (2011) *A escrita íntima na Internet: do diário ao blog pessoal*. Abralin.

Disponível em: (<http://www.omarrare.uerj.br/numero14/carmenPimentel.html>)
[Acesso em: 25-3-2014].

PRIMO, Alex e **RECUERO**, Raquel da C. (2003), Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. In: *VII Seminário Internacional da Comunicação*, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS.

PRIMO, A. F. T. ; **SMANIOTTO**, Ana Maria Reczek (2006), Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. In: *Compos*, v. 1, n. 5, p. 1-21,.

PRIMO, Alex (2008), Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: *Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008*, Natal, p. 1-17.

Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf
[Acesso em: 29-3-2014].

PUJANTE CASCALES, Basilio (2013), *Relaciones entre el blog personal y el diário íntimo*. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, p. 1-10.

Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/relaciones-entre-el-blog-personal-y-el-diario-intimo/>
[Acesso em: 5-5-2014].

RECUERO, Raquel da Cunha. (2004), “Warblogs: os Blogs, a Guerra no Iraque, e o Jornalismo Online”, *Verso e Reverso – Revista de Comunicação*.

Disponível em: <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=8>.
[Acesso em: 4-3-2014].

RECUERO, Raquel. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*.

Disponível em:
<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>.

[Acesso em: 23-6-2014].

RECUERO, R., AMARAL, A., MONTARDO, S. (2008), Blogs: Mapeando um Objeto. *VI Congresso Nacional de História da Mídia*. Universidade Federal Fluminense, maio de 2008, p. 1-16.

Disponível em: www.raquelrecuero.com/AmaralMontardoRecuero.pdf

[Acesso em: 23-6-2014].

RECUERO, Raquel (2009), *Redes sociais na Internet*, Porto Alegre. Editora Meridional.

REIS, Valdeni da Silva (2007), *O diário de aprendizagem de língua estrangeira (inglês) sob a perspectiva do processo discursivo*. Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte.

Disponível em: <http://oatd.org/oatd/record?record=handle%3A1843%2FALDR-6YPQLP>

[Acesso em: 20-3-2014].

REIS, Valdeni da Silva (2012), A definição do diário como um gênero: entre diário íntimo e o diário de aprendizagem. *Veredas* Vol. 16 nº 2. p. 120-132.

RODRIGUES, Catarina (2004), «Blogs: uma agora na net», *Agora.net – Revista sobre Novos Media e Cidadania*, n.º 4, [em linha].

Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-na-net.pdf>.

[Acesso em: 20-6-2014].

RODRIGUES, Catarina (2006), *Blogs e a fragmentação do espaço público*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Covilhã, Universidade da Beira Interior, [em linha].

Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/rodrigues-catarinablogs-fragmentacao-espaco-publico.pdf>.

[Acesso em: 20-6-2014].

RODRIGUES, Kelen Cristina (2008), Em pauta o conceito de *ethos*: a movência do conceito da retórica aristotélica à sua ressignificação no campo da Análise do Discurso por Dominique Maingueneau. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n.11/2, p. 195-206, dez. 2008.

SEARA, Isabel Roboredo (2007), *A construção de um espaço de tertúlia no blogue: estudo Sociopragmático*. Universidade Aberta.

SEARA, Isabel Roboredo (2007), “Mekie? É de + pa mim qd as xs tcl cm o ppl! Para o estudo das interações electrónicas síncronas: uma tensão entre omnipresença e abandono”, *Actas do XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Textos Seleccionados), Lisboa, Colibri/Associação Portuguesa de Linguística, pp. 593-609.

SEARA, Isabel Roboredo (2008), “O blogue: diário ou espaço de tertúlia?”, *Público na Escola, Boletim mensal*, nº. 182, maio 2008, pp. 2-8.

SEARA, Isabel Roboredo (2010), “Le blog: Frontières d’un nouveau genre”. In *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Innsbruck, 3-8 septembre 2007). Tübingen, Niemeyer, pp. 243-252.

SEARA, Isabel Roboredo. (2014), “Proxémica nas interações virtuais: estratégias linguísticas de aproximação do outro”. IN Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (org.). *Anais do 1º Congresso Internacional de Semiótica e Cultura (SEMICULT)*, João Pessoa. Mídia Gráfica e Editora, pp. 142-157.

Disponível

em: http://www.cchla.ufpb.br/semicult/arquivos/ANAIS%20VER_PAGINADA_08_04_2015.pdf

SEARA, Isabel Roboredo. (2015) “Marqueurs et stratégies de la confiance dans les forums et les journaux personnels en ligne”. IN Anamaria Curea, Cristiana Papahagi, Monica Fekete, Sandra Moraru e Veronica Manole (éd.s) *Discours en présence. Hommage à Liana POP*. Cluj: Presa Universitara Clujeana, pp. 81-92.

SIBILIA, Paula (2003), *Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica*.

Disponível

em:

<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>

[Acesso em: 21-6-2014].

SIBILIA, Paula (2003), *A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição pública/privado*.

Disponível

em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=42268>

[Acesso em: 22-7-2014].

SIBILIA, Paula (2005), A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v.11, n. 1, p. 35 a 51, jan./jun.

SIBILIA, Paula (2009), *O espetáculo do eu*.

Disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/o_espetaculo_do_eu.html

[Acesso em: 21-7-2014].

SIBILIA (2014), *Redes sociales: la exhibición de los narradores solitarios*.

Disponível em: http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Redes-sociales-exhibicion-narradores-solitarios_0_1240675935.html

[Acesso em: 18-12-2014].

SILVA, Grazielle Santos (2009), A Construção do *Ethos* nos Sites de Redes Sociais, *III Simpósio Nacional ABCiber* - Novembro de 2009 - ESPM/SP - Campus Prof. Francisco Gracioso, p. 1- 7.

Disponível em: <https://tecno.milharal.org/files/2012/10/a-constru%C3%A7%C3%A3o-do-ethos-em-redes-sociais.pdf>

[Acesso em: 18-12-2014].

XAVIER, Carlos Antonio, Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet.

Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>

[Acesso em: 6-4-2014].

ZIMMER, Josete Maria (2011), *Blog Didático: Integração na prática pedagógica*. Dissertação de mestrado em Comunicação Educacional e Multimédia. Lisboa. Universidade Aberta.

Disponível em:

https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2212/4/Vers%C3%A3o_FINAL_01_05_2012_Josete.pdf

[Acesso em: 2-3-2015].

8. ANEXOS

(Textos referentes aos blogues em análise)

1. As Minhas Pequenas Coisas

sexta-feira, 17 de Outubro de 2014

A chuva vai embora, regressa o tempo quente...
Nãoooo!

Não depois de todo o trabalho que eu tive a mudar os armários, a enfiar a roupa de Verão em sacos. Não depois de eu ter lavado 5 ou 6 máquinas com roupa de Inverno. Não depois de eu já me sentir aconchegada com a roupa mais quentinha.

Raisparta a instabilidade meteorológica.

Publicada por S* à(s) 09:51

22 comentários:

Manias de Mulher 17 de Outubro de 2014 às 10:21

O tempo anda mesmo estranho!

[Responder](#)

Lady Cat 17 de Outubro de 2014 às 11:06

Embora ainda não tenha trocado a roupa de verão pela de inverno (a intermédia está sempre à uso) também não quero 27 graus outra vez!!! Viesse quando tinha que vir :-)

[Responder](#)

A Coisa 17 de Outubro de 2014 às 15:01

Siiiiiiiiiiiiiiiiim. Venha ele, que eu ainda não arrumei nada, ainda tenho ali os calções, as sandálias e o biquini, em modo vá-lá-não-me-arrumes-usame-masé :p Além disso, lembro-me bem de o ano passado ter ido várias vezes à praia em Outubro e um dia em Novembro também.

[Responder](#)

Princesa Sem Tiara 17 de Outubro de 2014 às 22:51

Depois de já ter aderido ao modo friorenta, vi esta novidade inédita da meteorologia e nem quis acreditar.

Daqui a nada passamos o natal na praia!

Beijinhooo :)

<http://princesasemtiara.blogs.sapo.pt/>

[Responder](#)

Sofia Machado 19 de Outubro de 2014 às 23:58

Estou no mesmo barco! Já pus o calçado de pé ao léu todo atrás, para só ver botas e sapatilhas à frente e já não me consigo imaginar sem o meu cobertorzinho às costas para me aconchegar as tardes. Não me imagino a sair à rua de manga curta agora

[Responder](#)

quarta-feira, 15 de Outubro de 2014

Sobre aquilo da giraça da Jessica Athayde...

É impressionante como somos nós, meros comuns mortais, cheios de defeitos físicos, os primeiros a criticar os outros. Apontamos o dedo, gozamos, achincalhamos.

Mas depois, lavamos daí as mãos, tal e qual Pôncio Pilatos, e dizemos que é "*a sociedade*".

Não, não é a sociedade, aquele conceito abstracto. Sou eu, és tu, somos nós. Se cada um tentar ser um bocadinho melhor, e olhar por si abaixo antes de apontar o dedo, talvez deixemos de ser assim idiotas.

O que vale é que a Jessica gosta de si e daquilo que é. Mas a maioria de nós não aguenta assim tão bem as críticas. Elas doem.

Publicada por S* à(s) 09:40

30 comentários:

Sónia RM15 de Outubro de 2014 às 09:56

A questão é mesmo essa. Muitas das mulheres que são alvo das mesmas críticas mesquinhas não têm como se "defender" como fez a Jéssica Athayde. Mais triste ainda é o padrão de magreza que tentam impor às mulheres!

[Responder](#)

Une vie singulière15 de Outubro de 2014 às 12:30

A notícia, inicialmente, passou-me completamente ao lado até que certo ponto já não havia maneira de não saber. A rapariga parece-me óptima, quem me dera a mim estar tão bem quanto ela! A verdade é que as pessoas precisam do que falar e por vezes arranjam as coisas mais absurdas e desagradáveis que nem vale a pena dar atenção, :)

[Responder](#)

PINTA ROXA15 de Outubro de 2014 às 12:41

Ás vezes parece que vivo noutro mundo, não sei do que falas...(devo ser a unica :()

[Responder](#)

[Respostas](#)

1.



S*15 de Outubro de 2014 às 13:13

Aconselho a ler qualquer jornal diário... pode ser online. ;)

2.



Pipocante Azevedo Delirante15 de Outubro de 2014 às 13:38

Pois... se calhar é por isso que deixei de ler jornais :(

[Responder](#)

Anónimo15 de Outubro de 2014 às 13:37

Tratam-se pior as mulheres umas com as outras, não havendo solidariedade entre elas, o que não o fazem em relação aos homens. E isso verifica-se a todos os níveis, mesmo aqui neste blog, por exemplo, quando comento como anónimo e pensam que eu sou mulher, a resposta que recebo de outras mulheres sobre determinado assunto é uma coisa, chegando mesmo a haver má educação. Mas se sabem (ou pensam que sabem) que é um homem, mesmo tratando-se do mesmo assunto, o respeito é bem mais visível, e são mais comedidas no que dizem. Muitas vezes a maior preocupação dessas mulheres é a de saberem se estão a falar com uma mulher ou com um homem, fazendo bluff para conseguir isso.

De um/a, tanto faz, o que interessa mesmo é o que eu tenho escrito aqui e ponto final.

[Responder](#)

2. <http://pipocamaispicante.blogspot.pt/>

sexta-feira, 31 de Outubro de 2014

Talvez não seja verdadeiramente feminista, afinal...

Passo os olhos pelas notícias, chama-me a atenção um artigo sobre o piropo, parece que há mulheres que apelidam o piropo de "experiência sexual não consentida e sem contacto físico", enquanto se dizem vítimas desse fenómeno.

Eu sorrio e fico a pensar que elas são umas felizardas, na verdade não têm nada de verdadeiramente preocupante nas suas vidas.

(a não ser o facto de serem meio histriónicas, claro está...)

Publicada por A Mais Picante à(s) 16:00 28 comentários:

Enviar a mensagem por e-mail [Dê a sua opinião!](#) [Partilhar no Twitter](#) [Partilhar no Facebook](#) [Partilhar no Pinterest](#)

Etiquetas: [Coisas estúpidas](#), [Sociedade](#)

28 comentários:

2.



Cláudia [31 de Outubro de 2014 às 17:23](#)

Se uma pessoa até vem aborrecida cá com alguma coisa da sua vida e passa por nós alguém que nos chama linda...se calhar não devia, mas isso é coisa para me fazer sorrir por dentro, embora por fora não o demonstre.

Bom fim de semana Picante

[Responder](#)

[Respostas](#)



1.

A Mais Picante [31 de Outubro de 2014 às 17:55](#)

Nem mais. Não percebo tanta preocupação e alarido com a coisa.
Bom fim-de-semana Cláudia.

Nos comboios, como na vida

Tenho cá para mim que ele há três tipos de pessoas, com quem nos cruzamos. Se pensarmos que isto da vida não é mais que uma viagem, percebemos que nem damos conta da maior parte das pessoas por quem passamos, meros passageiros que calha terem apanhado o mesmo comboio, para quem nem olhamos a menos que esbarrem em nós, para quem sorrimos quando nos pedem desculpa, enquanto dizemos que não foi nada e seguimos caminho, se os tornarmos a encontrar é possível que nem lhes reconhecamos a cara - são os nossos conhecidos, não lhes sentimos a falta quando se vão, não tornamos a pensar neles. Por contraste, há aqueles que escolhemos para nossos companheiros, aquelas pessoas com quem planeámos a viagem, que nos acompanharão do principio ao fim, no meio de discussões sobre paragens, locais onde pernoitaremos, sítios que visitaremos, serão os nossos amigos, filhos, pais, maridos e mulheres, as nossas pessoas, se preferirem. E depois? Depois há um terceiro grupo, entram-nos portas adentro, de repente, sem pedirem licença, instalam-se ao nosso lado, tornam-se companheiros de viagem, uma espécie de amigos, fazemos planos conjuntos, nada de muito definitivo, apenas apear-nos e passar aqui ou ali, fazemo-lo ainda sem bem saber se são para ficar ou se continuarão viagem, noutra qualquer carruagem, para outro destino, diferente do nosso. São pessoas que aparecem por alguma razão, talvez enviadas pelos anjos, talvez seja Deus a andar

conosco ao colo, nos momentos piores. Pessoas que vão embora uma vez cumprida a sua tarefa porque, na verdade, não pertencem à nossa vida, nunca serão das nossas pessoas. Sentimos-lhes a falta quando se vão, nem bem por os querermos na mesma carruagem, que não queremos, mas pelo significado do percurso conjunto. Sabemos que temos de os deixar ir, as coisas são como são e eles já cumpriram o seu papel.

Gosto de pensar que estas pessoas são sinais da existência de Deus que, não transformando a água em vinho, nos envia quem nos ajude a levantar e a ultrapassar maus momentos. Depois? Depois é conosco, seguimos viagem mas, de quando em vez, não deixamos de olhar para trás e sorrir com saudade, de pensar como estarão, de lhes desejar que sejam felizes.

Publicada por A Mais Picante à(s) 09:00 16 comentários:

Enviar a mensagem por e-mail [Dê a sua opinião!](#) [Partilhar no Twitter](#) [Partilhar no Facebook](#) [Partilhar no Pinterest](#)

Etiquetas: [Filosofia Picanteana](#), [Pessoas da Picante](#)

Anónimo [31 de Outubro de 2014 às 09:23](#)

Costumo fazer este mesmo paralelismo, tão verdadeiro, tão real. Engraçado, que hoje quando li este texto, estava a recordar alguns passageiros que saíram numa estação mais lá atrás e o porquê de alguma vez terem entrado... Bom dia picante!!!!

[Responder](#)

[Respostas](#)

1.



[A Mais Picante](#) [31 de Outubro de 2014 às 13:02](#)

Obrigada. Um excelente dia, também para si!

3. O amor é um lugar estranho

SEXTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 2013

Ai as minhas cruces

Eu sei que os instrutores dos ginásios querem que as pessoas vejam resultados rápidos, mas não havia necessidade de darem assim cabo de uma pessoa logo no primeiro dia. Quando me disseram qual seria o treino indicado para atingir os meus objetivos (que são tonificar e perder alguma gordura localizada), eu achei que era demasiado, mas fui fazendo, achando que não ia ser tão rigoroso e tão doloroso. Mas foi. E para quê? Dói-me cada músculo do meu corpo de tal forma que só vou conseguir voltar ao ginásio na segunda.

POSTED BY KITTY FANE AT 16:23 6 COMENTÁRIOS:

Clau disse...

Cara Kitty... primeiro estranha-se e depois entranha-se. Trust me! ;) Nunca pensei em, primeiro, ficar tão elegante como estou hoje, segundo, ter ficado (oficialmente e assim comprovo essa teoria!), viciada em exercício físico. Pratico Total Condicionamento, Body Combat e Zumba (os primeiros alternadamente) o terceiro religiosamente. Dói, mas se dói é porque está a fazer efeito..

11 de setembro de 2013 14:58

DOMINGO, 1 DE SETEMBRO DE 2013

Sete anos de blogue



Marilyn Monroe fotografada por Dennis Stock/Magnum Photos, 1953

Este blogue faz hoje sete anos. Sete. Há sete anos que escrevo no Amor é um Lugar Estranho. Passados estes sete anos tudo mudou na minha vida e tenho consciência de que sou uma pessoa bastante diferente daquilo que era. Felizmente. Por vezes olho para os arquivos e já não me identifico com nada daquilo que escrevia e fico com imensa vontade de apagar tudo. Sinto até uma certa dose de vergonha, juro. Mas depois penso que tudo aquilo fez parte de mim e do meu passado e deixo estar. Graças a Deus, todos evoluímos.

Por tudo isto, muito obrigada a todos os que me visitam e gostam de ler os disparates que eu escrevo, sobretudo aos resistentes (eu sei que os há) que continuam cá desde o início do blogue e que ainda não me mandaram às urtigas.

POSTED BY KITTY FANE AT 15:18 22 COMENTÁRIOS:

4. http://azul_mar.blogs.sapo.pt/

Tânia. Quarta-feira, 10.09.14

Tânia. O meu nome é Tânia. Não é o mais bonito do mundo nem o mais feio. É o meu. É a primeira vez que escrevo tal coisa por aqui... E continuarei a assinar com a minha inicial, dado que sempre o fiz assim. Porque é que o estou a revelar neste momento? Não sei bem... Ou talvez o saiba. Escrevo-o hoje porque me sinto a revelar. Sinto que me estou a voltar a mostrar ao mundo... E este é um passo tão importante - desmontar-me, reconhecer os meus flancos, reconhecer fragilidades e gavetas mal arrumadas. Estou a começar a reconstruir-me, tanto a nível pessoal quanto profissional.

T.

sinto-me: 

música: “Eu valho a pena. E tenho o mundo para te dar.”

tags: [2014](#), [dúvida](#), [enfermagem](#), [lisboa](#), [saudade](#), [viagens](#)

publicado por T. às 10:34 | [link do post](#) | [comentar](#) | [ver comentários \(2\)](#)

isso se chama presente.” (Adalberto Godoy)

Quarta-feira, 10.09.14

Tânia.

Tânia. O meu nome é Tânia. Não é o mais bonito do mundo nem o mais feio. É o meu. É a primeira vez que escrevo tal coisa por aqui... E continuarei a assinar com a minha inicial, dado que sempre o fiz assim. Porque é que o estou a revelar neste momento? Não sei bem... Ou talvez o saiba. Escrevo-o hoje porque me sinto a revelar. Sinto que me estou a voltar a mostrar ao mundo... E este é um passo tão importante - desmontar-me, reconhecer os meus flancos, reconhecer fragilidades e gavetas mal arrumadas. Estou a começar a reconstruir-me, tanto a nível pessoal quanto profissional.

T.

sinto-me: 

música: “Eu valho a pena. E tenho o mundo para te dar.”

tags: [2014](#), [dúvida](#), [enfermagem](#), [lisboa](#), [saudade](#), [viagens](#)

publicado por T. às 10:34 | [link do post](#) | [comentar](#)

[« post anterior](#) [início post seguinte »](#)

2 comentários:

Eu, simplesmente! a 10 de Setembro de 2014 às 18:39

E tens que cortar com os membros da equipa, particularmente com aqueles com que mais te identificas?

Quando deixamos um trabalho - ou apenas uma equipa -, regra geral fica uma saudade, uma certa nostalgia de tudo o que vivemos juntos, de tudo o que partilhámos, só que tudo isso se pode colmatar.

Por vezes basta o café que se toma em conjunto, a ida ao cinema, o passeio que se combina, há mil coisas que atenuam essa sensação de perda.

Vais ver que a amizade que fizeste, se verdadeira, perdurará.

[link do comentário](#) | [responder](#) | [discussão](#)

T. a 11 de Setembro de 2014 às 08:36

Tens razão em parte, no entanto, a vida tem-me ensinado que nem tudo é assim tão linear...*,

T.

[link do comentário](#) | [responder](#) | [início da discussão](#)

Quinta-feira, 04.09.14

Juízo final.

Estávamos a passar pela frente do Continente do Colombo, em direcção às escadas rolantes que vão dar ao parque de estacionamento, quando me comecei a sentir observada. A pessoa olhava, continuava a andar, voltava a olhar para trás e assim continuava. Eu, que não gosto disso e que faço caras feias às pessoas quando sinto que me estão a olhar em demasia, fiquei inquieta sem perceber o porquê da insistência. Percebi depois o motivo: a senhora que conduzia um carrinho de compras, acompanhada por um menino bonito e feliz, conhecia a pessoa que me ladeava e cuja mão encaixa perfeitamente na minha. “Olaaaaa!!!” – ouvimos. E ali ficámos, em conversa típica de profissionais de saúde. Eu ia tomando atenção à conversa acerca do nosso meio profissional mas, simultaneamente, os meus pensamentos voavam na tentativa de absorver aquela pessoa que tinha diante de mim. Um sorriso enorme, um olhar brilhante... Fiquei ali, a olhá-la. *“Já há uns quantos dias que não faço urgência no hospital porque... Sabes que ser mãe solteira não é fácil... Estamos nas cinco semanas de conhecimento e... O que te posso dizer?”* – dizia-nos enquanto sorria com o coração e com os lábios. Apaixonada – foi assim que eu a vi. Linda. Uma mulher na casa dos 30 e poucos anos, solteira, médica, com o processo de adopção em curso de um menino de seis anos, africano. O que me fez adorá-la? O brilho dos olhos. Se isto é normal? Talvez até o possa ser... O problema é que vivemos num mundo de anormalidades gigantes. Tristes anormalidades. E ser normal é... Tão, tão bom e raro. Fui feliz ali, naquele momento. Vi uma felicidade enorme na cara de ambos os intervenientes desta história. E nós... Ficámos ali, agarrados e deslumbrados com o filme que tínhamos diante de nós. Vale a pena, vale tanto a pena, conhecer pessoas assim na vida.

Pedi-lhe desculpa com o olhar e com o coração. Fazer pré-juízos sem conhecer pessoas é um erro crasso que me continua a perseguir. Vamos lá a crescer? Vamos lá a perceber que por detrás de um olhar desconhecido pode estar um coração resplandecente e que tanto tem para ensinar e partilhar?

Depois do errado pré-juízo veio o juízo final: quando for grande, quero ter um coração tão brilhante quanto o desta pessoa.

T.

sinto-me: 

tags: [2014](#), [amor](#), [sorrisos](#), [vidas](#)

publicado por T. às 10:18 | [link do post](#) | [comentar](#) | [ver comentários \(2\)](#)

5. <http://blabla.blogs.sapo.pt>

Porque estamos na Paris Fashion Week

por R., em 26.09.14

e de repente deu-me uma vontade descomunal de voltar a Paris.

Já lá fui este ano mas voltava lá amanhã se pudesse.



A Torre Eiffel fica linda a brilhar mas é estupidamente difícil tirar uma foto que consiga captar devidamente o momento (como se pode ver pela fotografia, da minha autoria). Nesta noite, em Paris, onde não havia ninguém na rua e o tempo era ameno fiquei, por volta da 1 da manhã, sentada na relva a olhar para a Torre Eiffel. **Que sensação do caracas!**

publicado às 02:15

6. <http://chadementa.blogs.sapo.pt/>

(Querido, mudei o Sapo?)

01.10.14

Hoje, de repente, senti-me como uma pessoa que foi visitada pelo "Querido, mudei a casa"... Só que, neste caso, foi "Querido, mudei o Sapo".

Well done!

(Três Corações | 4)

05.09.14

Recta final

O terceiro trimestre foi fisicamente cansativo mas tranquilo. Me senti mais lenta e pesada; por outro lado, tudo tinha de ser ultimado e preparado para a chegada do nosso pequeno Hugo.

A ligação estabelecida nesta fase é fantástica. Foi a fase em que os movimentos do nosso bebé se tornaram mais evidentes. Dentre as várias coisas que aconteceram durante a gravidez, desta jamais esquecerei: o G. a falar para a minha barriga. Dizia "tenho tanta curiosidade de conhecer-te Hugo!" e "quero tanto ver como és!". E quando ele colocava a mão sobre a minha barriga, parecia que o pequeno Hugo corria em direcção do calor do pai. E, passados nove meses, ainda o Hugo corre em direcção ao pai, de sorriso aberto.

Algumas vezes, surgia a agitação de pensar se conseguiríamos ter tudo pronto a tempo e horas e, felizmente, tudo foi se encaixando. É um mistério. Conforme a data se aproximava, o medo era uma realidade para mim. Sim, é verdade, um grande e terrível medo. "E se não correr bem?". "Serei capaz?". O G. foi o meu grande alicerce. Nestas coisas estou convicta de que o amor tem esta centelha de parceria. Não seria capaz de enfrentar tudo sem ele ao meu lado. Todas as minhas angústias esbatiam-se ao longo das suas palavras tranquilizadoras, sábias e optimistas. Ele é o grande presente que Deus colocou na minha vida. E agora, com o Hugo, são dois grandes presentes. Outro aspecto que me conferiu grande tranquilidade: aulas de preparação de parto. Psicológica e fisicamente também foram fundamentais. Nunca me hei-de esquecer o papel que a Enf^a Fátima teve neste processo. Penso que o nosso parto não teria sido o mesmo sem esta prévia preparação. E, por isso, além de estar grata à Deus por essas aulas, também agradeço à Ele pela ajuda da minha amiga I. que indicou este curso.

7. <http://umamalucaquejulgaterjuizo.blogspot.pt/>

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 2014

Ponho-me com cada ideia...

Comecei por procurar exercícios de body balance, o mais semelhante possíveis aos que eu fazia no ginásio, e como não encontrei, ao cruzar-me com os desta menina, mais especificamente estes, comecei a realizá-los diariamente. Apercebi-me que precisava de algo mais localizado ainda, as minhas pernas sempre foram tonificadas, queria era algo mais na área do rabosque. Achei por bem fazer diariamente os abdominais em 5 minutos, mas só sábado de manhã visualizei aquele que me pareceu o exercício mais apropriado... Armei-me em forte, quando se trata de exercício localizado faço dieritinho, e em pouco tempo senti os músculos a queimar, em 5m soube que ia ter uns dias de dores... Pois bem, domingo quando acordei mal consegui me levantar da cama. Até hoje tenho os músculos todos doridos, custa-me horrores levantar e sentar. A parte boa é que esta é a certeza de que trabalha exactamente onde queria, assim que me conseguir mexer volto à carga (espero que amanhã à noite). As coisa em que me meto!

tags: coisas minhas, exercício físico

escrevinhado por uma maluca às 10:55

[link do post](#) | [Algo a dizer?](#) | [favorito](#)

[Adicionar ao SAPO Tags](#) | [Blogar isto](#)

Lado a Lado

Faziam largos anos desde que eu acompanhava qualquer novela. Até tropeçar nesta da Globo e apaixonar-me. Estava farta da tv a ponto de só ligar para ver desenhos animados, nem as séries do momento conseguiram fazer com que ficasse mais de 15m. à frente da TV. Mas a Lado a Lado... Estou completamente viciada nisto.

Acho que a história além de super bem contada, é fantástica a tantos níveis. Ou então sou eu que agora vejo certas questões em tudo quanto é lado! Algumas questões são óbvias como o preconceito, o verdadeiro amor, a necessidade de controlar para dominar, a pura inveja e tantos outros atributos inerentes a o ser humano. Talvez as outras novelas sempre tenham abordado este tema, mas acho que esta fá-lo de forma coesa e simples. Acho que no fundo a novela é isso mesmo e acredito ser essa simplicidade que prende. Isso e a interpretação da Patrícia Pillar, a quem nunca achei especial piada, mas a quem desta vez tiro o chapéu.

E é isto, ando tão encantada que me recuso a aceder aos episódios na Internet só para poder prolongar este meu novo prazer, pelo máximo de tempo possível.

tags: coisas boas, opiniões, tv

escrevinhado por uma maluca às 15:02

[link do post](#) | [Algo a dizer?](#) | [ver comentários \(1\)](#) | [favorito](#)

[Adicionar ao SAPO Tags](#) | [Blogar isto](#)

1 comentário:

De angelasoeiro a 16 de Outubro de 2014 às 18:12

Essa telenovela passou à bem pouco tempo no canal globo da Zon. Já a vi e sim, é muito boa. Já para não falar sobre toda a parte da história e da cultura do brasil que aborda (a origem das favelas, o reconhecimento do Candomblé como religião, a capoeira, o samba...)

E a Patrícia Pilar, bem, além de linda, essa mulher faz uma interpretação da vilã fantástica na novela.

8. <http://girls-go.blogs.sapo.pt/>

Andar com os pipis nas nuvens

por Bad Girl, em 08.09.14

A notícia está obsoleta, tem uma semana (o que, em anos de digital, corresponde a um milénio), mas só agora me apetece falar sobre ela. Para os que acham que levei este tempo todo por estar a assegurar-me que apagava as minhas próprias fotografias pudibundas da nuvem antes de opinar (estranha escolha de palavras...) sobre o tema, estão enganados. Vi as fotos que tenho na nuvem, uma a uma, com o cuidado que se impõe. Nada. Claramente não tenho perfil de estrela de Hollywood. Sobre o tirar das fotos propriamente dito não tenho uma opinião muito vincada, cada um faz o que quer, fotografa-se como, onde e quando quer. O ataque às nuvens de cada um parece-me grave. É o mesmo que nos entrarem em casa e nos remexerem nas coisas: crime. E esta é a última coisa séria que eu quero dizer sobre o tema. Ou não, a seguinte também é ligeiramente séria: como pessoa formada na Universidade CSI, com uma pós-graduação em Mentos Criminosas e um doutoramento em Lie to me, fiz um estudo de quase meia hora para chegar à conclusão que, no meio de milhões de nuvens no céu, os hackers só podem ter descoberto onde estavam as dos famosos via Instagram. Os Facebooks não são geridos por eles, o Twitter às vezes é outras vezes não, mas aqueles “directos” no Instagram têm cara de saírem directamente dos iPhones das estrelas para o mundo. Isto é uma teoria. Bem boa, considero eu. Arrumados que estão os temas sério e relativamente sério, vem a outra parte, a que realmente me causa espécie, a dos vídeos. Como é que se grava um vídeo de sexo no iPhone? Abdica-se de uma das mãos? Pousa-se o iPhone muito direitinho na cómoda e tenta-se manter a acção no enquadramento? Ou transforma-se um iPhone numa GoPro e cola-se o dito na testa? Partilhadas que estão as minhas aflições do como, chega o porquê. Ou para quê. Porque é que as pessoas se gravam a fazer o amor? Para analisar a performance? Para dizer: “Estás a ver aquilo ali, Manel? Não gosto que me faças assim, que me faz cócegas” ou “Gorda. Estou gorda!”. Não entendo. Ainda assim, e como há muitas coisas entre o céu e a terra que não são compreendidas pela minha vã filosofia, continuo a achar que cada um deve poder fazer o que quer da sua vida, do seu corpo, e da sua nuvem, sem correr o risco de ser violentada. E isso não deve depender de onde se guardam as fotos ou de quantas vezes se apareceu nua aqui ou ali. Nós, os mortais, não nos irritamos se alguém nos abrir o telefone para ver as fotos? Por mais inocentes que sejam?

9. <http://tambmqueroumblog.blogspot.pt/>

quarta-feira, 29 de Outubro de 2014

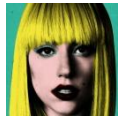
O meu local de trabalho tem iluminação a mais

Nos últimos dois dias arrumei os papéis num lote, desliguei o computador, verifiquei se estava tudo fechado, peguei na minha mala, na lancheira, coloquei os óculos de sol, apaguei as luzes, fechei a porta do escritório, desci as escadas, abri a porta que dá para a recepção e tive de tirar os óculos de sol porque já era noite.

Publicado às 11:55

Enviar a mensagem por e-mail [Dê a sua opinião!](#) [Partilhar no Twitter](#) [Partilhar no Facebook](#) [Partilhar no Pinterest](#)

4 comentários:



2. [Úva Passa](#) 29 Outubro, 2014 12:48

Hahahahahahaha! Isso faz-te mal aos olhos.

[Responder](#)



3. [SuperSónica](#) 29 Outubro, 2014 17:29

Nem me digas, odeio sair de noite :(

[Responder](#)



4. [Cláudia](#) 29 Outubro, 2014 19:06

Ainda bem que saio às 16h30. Mas mesmo assim já parece que saí 3 horas depois.

Beijocas

[Responder](#)

quinta-feira, 23 de Outubro de 2014

O Pedro

Ainda me lembro da expressão que ele fez quando me viu entrar de saltos altos e bicicleta às costas pela primeira vez na loja, depois de eu lhe dizer que a bicicleta precisava de uma revisão porque eu ia com eles a Viana. "Vais onde?" O Pedro fez comigo as minhas primeiras grandes viagens, ficou sempre comigo quando eu precisei. O Pedro ofereceu-me o primeiro jersey do Caminho de Santiago e prometeu-me que o meu primeiro Caminho não passava daquele ano, cumpriu. O Pedro levou-me para o cimo da montanha e ensinou-me as melhores técnicas para descer, ficamos lá algumas, muitas horas, foi o Pedro que me ensinou a confiança. O Pedro ofereceu-me a roda dele muitas vezes e quando eu a aceitei chegou lá em baixo, levou as mãos à cabeça e perguntou se eu era maluca. O Pedro disse-me uma vez que eu não precisava de beber porque já tinha os sintomas, eu acho que são parecidos com os dele. O Pedro não é perfeito, como eu também não sou, como ninguém é, por isso já nos irritamos muitas vezes, aliás, eu já me irritei com o Pedro, porque para ele é tudo sem stress. Com as mudanças na vida do Pedro acabamos por nos afastar um pouco e

pedalar um em cada montanha, mas no início deste ano, quando eu já não pedalava há 3 meses o Pedro percebeu, ligou-me e obrigou-me a ir morrer com ele nas subidas das montanhas de Vale de Cambra. Agradeço-lhe por isso, como por tudo. Esta semana já retribuí um pouquinho daquilo que o Pedro fez por mim, percebi que a vida dele não estava fácil e que ele já não pedalava há muito tempo, liguei-lhe, convidei-o para um café, chamei-lhe calaceiro e lá o convenci a vir connosco no domingo e a fazer um esforço para não deixar de ter tempo para aquilo que gosta. Agora só espero que morra nas subidas, como me aconteceu a mim, só para ele ver o que já me fez sofrer.

Publicado às 16:32 7 comentários:

Enviar a mensagem por e-mailDê a sua opinião!Partilhar no TwitterPartilhar no FacebookPartilhar no Pinterest

apenas umas letras23 Outubro, 2014 19:47

Olá. isso é sinal que sabes dar valor ás amizades e a quem te fez bem. isso é bom . és uma boa menina. espero que estejas bem. beijos e um abraço

[Responder](#)

Caminho mais leve estes dias

Deixei de carregar comigo durante o dia o livro que ando a ler. Desisti de o transportar comigo na mala, com esperança de 5 minutos livres. Ainda tenho a sensação de que me falta algo quando saio de casa e não trago o livro comigo, mas não posso, um livro de 900 páginas ou não cabe nas minhas malas, ou para caber teria que abdicar de toda a tralha que lá trago, incluindo a carteira e o telemóvel. Caminho mais leve estes dias, mas sinto-me mais vazia, quando me sento no café e tenho de esperar pela minha amiga 2 ou 3 minutos, quando chego mais cedo e tenho de esperar por algo ou alguém, ou quando me sobram cinco minutinhos que seriam tão bem aproveitados se trouxesse o meu livro comigo. Na maior parte dos dias carrego o livro e nem lhe toco, não tenho tempo, nem 1 minuto livre, mas andar com ele dá-me uma sensação de conforto. Caminho mais leve estes dias, mas falta-me algo.

Publicado às 09:02 1 comentário:

Enviar a mensagem por e-mailDê a sua opinião!Partilhar no TwitterPartilhar no FacebookPartilhar no Pinterest

1 comentário:



2.

cinquentinha23 Outubro, 2014 10:30

Em tempos também trazia o livro comigo, depois cheguei a essa mesma conclusão :/

[Responder](#)

10. <http://mylifeasmyself.blogs.sapo.pt/>

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 2014

Não me apeteceu comprar um diário

Com tempo e ideias a mais só penso nas minhas paixões e em como explorá-las ao máximo.

A predileta sempre foi a música. Não há dia que passe sem ela e é uma grande fonte de inspiração. Tentei fazer algo disso já que toco vários instrumentos; estive alguns meses numa banda com um estilo que agradaria infinitamente a uma versão mais nova de mim própria, não tanto à pessoa que sou hoje. Acabei por perceber que tinha de desistir para poder dar uma oportunidade ao que realmente quero fazer na única vida que tenho, ainda que continue a explorar esse meu lado musical de vez em quando.

A escrita esteve sempre lá para mim, especialmente nos piores momentos; se não tivesse descarregado uma parte do turbilhão que ia na minha cabeça nessas alturas nem sei... Ou simplesmente prefiro não falar disso. Mas é verdade que ainda hoje uso as palavras como escape e tudo o que escrevo está ligado a experiências pessoais e reais.

Captar imagens do que me rodeia e até de mim própria também é uma fonte de expressão que tenho vindo a utilizar cada vez mais. Há uma beleza infinita em algo que fala sem dizer nada.

Mas filmar... não sei. O cinema e a televisão foram sempre tão indispensáveis que acabei por os tomar como garantidos ou simplesmente algo que se vê e não se faz. No entanto, há quase um ano, comecei a querer brincar um pouco com isso. Juntar a imagem, a escrita, até a música que vai fluindo no fundo. Nem sei como virou carreira de sonho, como se tornou um amor tão forte, uma necessidade. O que importa é que gosto mesmo. Podem dizer que não tenho futuro e que vou viver miseravelmente. Já quase não oiço os conselhos de quem é inexperiente no assunto, para ser honesta. Miserável estaria eu se tivesse que escolher algo “seguro”. Não é segura então a minha paixão por uma arte que nunca há de se extinguir? Enquanto este fogo queimar não vou parar de lutar para conseguir o que quero. Enquanto não tenho a oportunidade de estudar a 7ª arte e tudo o que ela envolve, vou explorando o sonho de ser cineasta.

Há semanas atrás numa das múltiplas conversas descabidas com aquela amiga de sempre – coincidentemente (ou talvez não) a única que se encontra na mesma condição financeira e estudantil que eu – nasceu um projeto. Não sei já quem o disse primeiro mas sempre tive algo parecido em mente – um documentário. Filmar 5 anos da nossa vida, desde a graduação da escola secundária até sermos oficialmente licenciadas; pelo meio, os dois anos que tirámos para juntar dinheiro para as propinas e tantos outros momentos e ritos de passagem para a vida adulta. É um plano complexo, não tanto pelas filmagens mas pela edição de todo o material que vamos acumular. Ter de olhar para trás pode ser doloroso, ainda mais quando a ideia é a de expormos a nossa própria vida, crua e puramente.

Quero fazer com que tudo isto resulte. Gostava de participar em festivais *indie*; poder mostrar uma realidade a um grupo de pessoas e, quem sabe, fazer alguém ver que não está sozinho.

Acima de tudo, gostava de poder viver mais do que existo.

[Tweeter](#)

tags: [make-believe](#), [música](#), [pessoal](#)

publicado por antarctic child às 15:24

[link do post](#) | [comentar](#) | [ver comentários \(2\)](#) | [favorito](#)

[Blogar isto](#)

PDF

2 comentários:

De [sweet](#) a 11 de Outubro de 2014 às 19:25

Oh meu Deus that sounds so cool! Na sexta fui ao São Jorge ver um doc francês e agora falas-me nisto e UAU que ideia tão simplesmente fantástica. Go ahead acho que vai ficar lindo lindo lindo já imagino tudo na minha cabeça

[responder a comentário](#)

De [Miguel Alexandre Pereira](#) a 14 de Outubro de 2014 às 12:15

A ideia parece fantástica, acho que deves avançar nisso. Força nisso e muito boa sorte :)

[responder a comentário](#)

SÁBADO, 4 DE OUTUBRO DE 2014

Reminders

Parece que toda a gente saiu e eu fiquei aqui, lendo vezes sem conta um convite vazio.

Oiço falar dos suspiros, da exaustão... e eu só desejo poder ter isso também. Quero estar longe, num sítio maior e mais aberto; gostava de reclamar sobre o peso dos livros ou das estúpidas mesas desniveladas; poder ser um pouco mais eu própria.

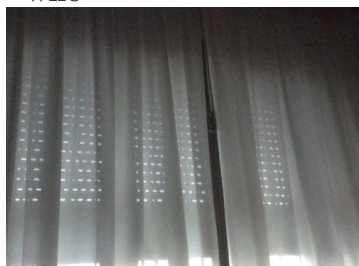
Mas faltam pelo menos 12 meses do trabalho que não há meio de aparecer. Há ideias a surgir, algo que me ajude a preencher o tempo de espera, mas também me faltam os materiais, o dinheiro, *otiming*...

Neste momento preciso de estar a milhas de distância; afastar-me do que conheço e descobrir outros refúgios. Talvez, um grande talvez, partilhar um outro pequeno mundo físico com aquela minha cara-metade platónica que melhora todos os momentos, independentemente de tudo o resto.

Mas fugir nunca resultou. Só faz com que o regresso seja mais doloroso.

Então fico aqui todos os dias, presa neste quadrado insignificante onde nada entra ou escapa. E vou pensando nos dias futuros e hipotéticos em que vou ser grande; em modestamente me ir gabando dos meus sucessos; em que posso pegar no volante e desaparecer por um bocadinho.

- who



[Tweetar](#)

i feel like: driving away

a song: White Teeth Teens - Lorde

tags: [bassgirlphotographs](#), [make-believe](#), [pessoal](#)

publicado por antarctic child às 20:15